

Lig

revista de psicanálise

22

Nº1 · 2023

ISSN 2238-9083

VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010

VERSÃO ONLINE



revista de psicanálise

ANO 12, Nº 1, JAN-JUN/2023 - PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

REVISTA SEMESTRAL DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

ANO 12, NÚMERO 1, JAN-JUN/2023

ISSN 2238-9083 VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010 VERSÃO ONLINE

SIG Revista de Psicanálise é uma publicação semestral da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e tem como objetivo publicar artigos teóricos e teórico-clínicos, resenhas e entrevistas no campo psicanalítico.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados pertencem a SIG Revista de Psicanálise.

A reprodução total dos artigos desta revista em outras publicações, ou para qualquer outra utilidade, por quaisquer meios, requer autorização por escrito do editor. Reproduções parciais de artigos (resumo, abstract, mais de 500 palavras do texto, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão ter permissão por escrito do editor e dos autores.

As normas para a publicação e instruções para submissão de artigos estão disponíveis em:

<http://sig.org.br/revista-sig>

VERSÃO ONLINE DA REVISTA EM: <http://sig.org.br/revista-sig>

TIRAGEM: 140 EXEMPLARES | IMPRESSÃO: OUTUBRO DE 2023

S574 Sig: revista de psicanálise / Sigmund Freud Associação
Psicanalítica. - Vol. 12, n. 22 (jan./jun.2023). - Porto Alegre:
Sigmund Freud Associação Psicanalítica, 2012-

Semestral
ISSN 2238-9083

1. Psicanálise - Periódicos. I. Sigmund Freud Associação
Psicanalítica.

CDU 159.964.2(05)

Bibliotecária responsável: Clarice da Luz Rodrigues, CRB 10/1333.

Sig revista de psicanálise

REVISTA DE PSICANÁLISE

PUBLICADA POR SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

PORTO ALEGRE, RS - BRASIL

2023

SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

GESTÃO 2022/2024

Presidente: Magda Medianeira de Mello

Diretora Administrativa: Nathalia Hammerschmitt

Diretora de Ensino: Júlia Gaertner Geyer

Diretora Científica: Martina Dall'Igna de Oliveira

Diretora da Clínica Psicanalítica: Renata Brum Birck

Diretora de Comunicação: Ingrid Ricardo Stoll Coelho

Secretária do Conselho Deliberativo e Fiscal: Fernanda Dornelles Hoff

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

Editora: Eneida Cardoso Braga

Editora Assistente: Luiza Tolardo Dal Conte

CORPO EDITORIAL:

Adela Stoppel de Gueller	Edson Luiz André de Souza	Miriam Chnaiderman
Almerindo Boff	Eneida Cardoso Braga	Mônica Medeiros K. Macedo
Ana Lúcia W. dos Santos	Ernani Pinheiro Chaves	Nelson da Silva Júnior
Bárbara de Souza Conte	Eurema Gallo de Moraes	Patrícia Alkolombre
Bianca Savietto	Gabriela Xavier de Araújo	Patrícia Porchat P. S. Knudsen
Carolina N. de Barros Falcão	Julio Bernardes	Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro
Charles Elias Lang	Karin Wondracek	Paulo Endo
Cláudia Perrone	Luciana Maccari Lara	Rafael Marucco
Clarice Moreira da Silva	Luís Claudio Figueiredo	Roberta Araujo Monteiro
Cristina L. Saint Martin	Magda Mello	Sérgio de Gouveia Franco
Christian Ingo Lenz Dunker	Maria Cristina Poli	Sidnei Goldberg
Daniel Kupermann	Marília Etienne Arreguy	Simone Perelson
Débora Farinati	Marina Lucia Tambelli Bangel	Sissi Vigil Castiel
Denise Costa Hausen	Marta Rezende Cardoso	Vera Blondina Zimmermann

COMISSÃO EXECUTIVA:

Andréa Bandeira Caldeira
Mongeló

Felipe Szyszka Karasek

Gabriel Teitelbaum

Natacha Hennemann de
Oliveira Becker

PROJETO GRÁFICO:

Débora Dutra

*Capa: arte sobre fragmento
da obra de Henri Matisse
(reprodução), Litografia para
a Verve, 1937.

DIAGRAMAÇÃO:

Marconbrasil
Comunicação Direta

SUMÁRIO

SUMMARY

EDITORIAL/CONTENTS.....7

ARTIGOS/ARTICLES

RECONHECER-SE NA ORIGEM, MOVIMENTAR-SE PELO TEMPO: A PSICANÁLISE E AS PRÁTICAS COLETIVAS.....9

Recognizing oneself at the origin, moving across time: psychoanalysis and collective practices

Reconocerse en el origen, transitar en el tiempo: psicoanálisis y prácticas colectivas
- *Ágata Barbi*

REFLEXIONES EN TORNO AL ODIO.....19

Reflexões sobre o ódio

Reflections on hatred

- *Guillermo Bodner*

PSICANÁLISE EM CENA: CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS SOBRE O CURTA “DOIS ESTRANHOS”29

Psychoanalysis on stage: analytical considerations on the short film “Two Distant Strangers”

Psicoanálisis en escena: consideraciones analíticas sobre el cortometraje “Dos Completos Desconocidos”

- *Natasha Kelly Vieira Dias*

A TEIA SINTOMÁTICA ENTRE O CONSUMO E O CONSUMISMO39

The symptomatic web between consumption and consumptionism

La red sintomática entre consumo y consumismo

- *Alan César Dias Amaral*

- *Maycon Rodrigo da Silveira Torres*

EM PAUTA/ON THE AGENDA

O SUJEITO EM CONSTITUIÇÃO E O TRAUMÁTICO – ECOS DA VIOLÊNCIA53

The subject in formation and the traumatic – echoes of violence

El sujeto en constitución y el traumático – ecos de la violencia

- *Fernanda Dornelles Hoff*

EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA: TESTEMUNHO SOBRE O DESAMPARO E O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA REALIDADE DOCENTE BRASILEIRA.....61

Education and violence: a testimony on helplessness and psychological suffering in the brazilian teaching reality

Educación y violencia: testimonio sobre el desamparo y el sufrimiento psíquico en la realidad docente brasileña

- *Márcio Pereira Cabral*

CONVIDADO/GUEST

A “ANÁLISE LEIGA” NOVAMENTE EM QUESTÃO? NOVAS ELABORAÇÕES SOBRE A MENTE DO ANALISTA69

Lay analysis in question again? New elaborations on the analyst’s mind

¿El ‘análisis lego’ de nuevo en cuestión? Nuevas elaboraciones sobre la mente del analista

- *Luis Claudio Figueiredo*

SUMÁRIO

ENTREVISTA/INTERVIEW

ENTREVISTA COM RENATO LEVIN-BORGES.....	77
Interview with Renato Levin-Borges	
Entrevista con Renato Levin-Borges	

ENSAIOS/ESSAYS

SOBRE A OBEDIÊNCIA.....	81
On obedience	
Sobre la obediencia	
- <i>Marília Aisenstein</i>	

A VIOLÊNCIA DA ESTUPIDEZ E A ESTUPIDEZ DA VIOLÊNCIA.....	85
The violence of stupidity and the stupidity of violence	
La violencia de la estupidez y la estupidez de la violencia	
- <i>Mauro Mendes Dias</i>	

RESENHAS/REVIEW

DIVÃ – UM ENCONTRO ENTRE NUVENS.....	91
Divan – a meeting between clouds	
Diván – un encuentro entre las nubes	
- <i>Eurema Gallo de Moraes</i>	

O LUGAR DO GÊNERO NA PSICANÁLISE: METAPSIKOLOGIA, IDENTIDADE, NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO.....	95
The place of gender in psychoanalysis: metapsychology, identity, new forms of subjectivation	
El lugar del género en el psicoanálisis: metapsicología, identidad, nuevas formas de subjetivación	
- <i>Victoria Folha de Peres</i>	

Nos últimos meses, assistimos incrédulos a atos de extrema violência contra crianças e adolescentes nas comunidades escolares brasileiras. Assassinatos, abusos, ameaças e atentados propriamente ditos, em sua maioria planejados através da internet, deixaram familiares assustados e profissionais preocupados em compreender e, com isso, criar redes e recursos que possam tentar conter o crescimento dessa onda. Qual o impacto dessa violência na comunidade e no psiquismo do sujeito? Qual o papel da psicanálise diante desse cenário de crueldade e de destruição?

Foi essa a consigna que norteou a presente edição da *SIG Revista*. Na seção *Em Pauta*, a Comissão Executiva pensou que os psicanalistas Fernanda Dornelles Hoff e Márcio Cabral poderiam contribuir com reflexões sobre a temática escolhida, visto que ambos possuem experiência na área escolar, a partir de lugares diversos.

Como forma de discutir mais abertamente o tema da violência nas escolas e suas perspectivas de enfrentamento, entrevistamos Renato Levin-Borges, professor de filosofia e doutor em educação pela UFRGS, que escreveu sua tese sobre neoliberalismo e neofascismo.

Luis Claudio Figueiredo assina a seção *Convidado* com um texto que nos convoca a uma releitura de *A questão da análise leiga* de Sigmund Freud, retomando a problemática pelo ângulo de algumas conceitualizações de Wilfred Bion e de teorizações próprias.

Para a seção *Artigos*, trazemos aos leitores os textos de Ágata Barbi, Guillermo Bodner, Natasha Dias, Maycon Rodrigo da Silveira Torres e Alan César Dias Amaral, autores comprometidos com a problematização da temática a que nos propusemos. Nesta edição também trazemos para o leitor uma novidade – a seção *Ensaio* – com textos preciosos dos psicanalistas Marília Aisenstein e Mauro Mendes Dias.

Por fim, Eureka Gallo de Moraes e Victoria Folha de Peres resenharam, respectivamente, os livros *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise*, de Lucas Krüger, e *O lugar do gênero na psicanálise: metapsicologia, identidade, novas formas de subjetivação*, de Felipe Figueiredo Lattanzio.

Esperamos que esta edição, com a contribuição desses autores inquietos e engajados, possa ser um farol que norteie a abordagem da consigna escolhida e assim nos encoraje a seguir na luta pela transformação das expressões da violência, abrindo caminho para as forças de Eros, pela predominância da saúde psíquica e da vida.

Boa leitura a todos!

Eneida Cardoso Braga
– Editora

Luiza Tolardo Dal Conte
– Editora Assistente

Andréa Bandeira Caldeira Mongeló

Felipe Szyszka Karasek

Gabriel Teitelbaum

Natacha Hennemann de Oliveira Becker

– Comissão Executiva

RECONHECER-SE NA ORIGEM, MOVIMENTAR-SE PELO TEMPO: A PSICANÁLISE E AS PRÁTICAS COLETIVAS

RECOGNIZING ONESELF AT THE ORIGIN, MOVING ACROSS

TIME: PSYCHOANALYSIS AND COLLECTIVE PRACTICES

RECONOCERSE EN EL ORIGEN, TRANSITAR EN EL TIEMPO:

PSICOANÁLISIS Y PRÁCTICAS COLECTIVAS

Ágata Barbi¹

Resumo: Desde o início das produções textuais de Freud sobre sua trajetória clínica, percebemos seu desassossego em relação àquilo que escutava e estudava, mostrando-se atento, inquieto e criativo. No início deste artigo, percorro um brevíssimo passeio pela história da criação da psicanálise, com o intuito de reencontrar as marcas deixadas neste rastro de inquietação em nossa prática hoje. É evidente que a psicanálise foi criada em contexto e cultura diferentes dos que vivemos hoje, especialmente no Brasil, portanto, não é possível simplesmente decalcá-la. Considerando a crítica situação econômica, social e racial que vivemos hoje no Brasil, como sustentar o método psicanalítico sem reproduzir uma lógica individualizante do sofrimento ou sem que opere como forma encobridora do discurso meritocrático neoliberal e, conseqüentemente, aporofóbico e racista? Como a psicanálise pode avançar em outros territórios, sem que com isso se afaste dos seus fundamentos e se torne uma militância política? Essas inquietações, instigadas principalmente pela minha participação em coletivos de psicanálise, apontaram na direção dos efeitos do trabalho coletivo como potência de transformação social e da própria psicanálise. A partir de Freud, Laplanche, Danto e alguns outros, faço um percurso pela história e relevância das clínicas públicas, suas diferenças com a clínica privada e, com isso, uma reflexão sobre a posição e o desejo do analista. Como proposta de caminho possível para as perguntas acima, apoio minha argumentação nas noções de dissidência cívica e obrigação ética de Frèdèric Gros e também na perspectiva ética de pensamento e na noção de micropolítica ativa de Suely Rolnik.

Palavras-chave: Clínicas públicas. Escuta territorial. Ética. Psicanálise.

¹ Psicóloga pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Integrante dos coletivos Psicanálise na Praça de Porto Alegre, SIG Intervenções Psicanalíticas e Conversas do Humano. Co-coordenadora da Comissão de Ações Afirmativas da Sigmund Freud Associação Psicanalítica de Porto Alegre. E-mail: agatabarbi@gmail.com

Abstract: Since the beginning of Freud's textual productions about his clinical journey, we perceive his restlessness regarding what he heard and studied, showing himself attentive, restless, and creative. At the beginning of this article, I take a brief journey through the history of the creation of psychoanalysis, aiming to rediscover the marks left in this trail of restlessness in our current practice. It is evident that psychoanalysis was created in a context and culture different from what we experience today, especially in Brazil, so it is not possible to simply transplant it. Considering the critical economic, social, and racial situation we experience in Brazil today, how can we sustain the psychoanalytic method without reproducing an individualizing logic of suffering or without it operating as a cover for the neoliberal meritocratic discourse and, consequently, for aporophobic and racist attitudes? How can psychoanalysis expand into other territories without moving away from its foundations and becoming a political militancy? These concerns, mainly triggered by my participation in psychoanalytic collectives, have pointed in the direction of the effects of collective work as a potential for social transformation and for psychoanalysis itself. Drawing from Freud, Laplanche, Danto, and a few others, I traverse the history and significance of free clinics, their differences from private practice, and consequently, reflect on the position and desire of the analyst. As a possible path proposed for the above questions, I support my argumentation through the notions of civic dissidence and ethical obligation from Frédéric Gros, as well as the ethical perspective of thought and the notion of active micropolitics from Suely Rolnik.

Keywords: Free clinics. Territorial listening. Ethics. Psychoanalysis.

Resumen: Desde el inicio de las producciones textuales de Freud sobre su trayectoria clínica, percibimos su inquietud en relación con lo que escuchaba y estudiaba, mostrándose atento, inquieto y creativo. Al comienzo de este artículo, realizo un breve recorrido por la historia de la creación del psicoanálisis, con el objetivo de redescubrir las marcas dejadas en este rastro de inquietud en nuestra práctica actual. Es evidente que el psicoanálisis fue creado en un contexto y cultura diferentes a los que experimentamos hoy, especialmente en Brasil, por lo que no es posible simplemente trasplantarlo. Considerando la crítica situación económica, social y racial que vivimos en Brasil hoy en día, ¿cómo podemos sostener el método psicoanalítico sin reproducir una lógica individualizante del sufrimiento o sin que funcione como una cubierta para el discurso neoliberal meritocrático y, en consecuencia, para actitudes aporofóbicas y racistas? ¿Cómo puede expandirse el psicoanálisis a otros territorios sin alejarse de sus fundamentos y convertirse en una militancia política? Estas preocupaciones, desencadenadas principalmente por mi participación en colectivos psicoanalíticos, han señalado en la dirección de los efectos del trabajo colectivo como un potencial de transformación social y para el propio psicoanálisis. Basándome en Freud, Laplanche, Danto y algunos otros, recorro la historia y la importancia de las clínicas públicas, sus diferencias con la práctica privada y, en consecuencia, reflexiono sobre la posición y el deseo del analista. Como posible camino propuesto para las preguntas anteriores, respaldo mi argumentación a través de las nociones de disidencia cívica y obligación ética de Frédéric Gros, así como la perspectiva ética del pensamiento y la noción de micropolítica activa de Suely Rolnik.

Palabras clave: Clínicas públicas. Escucha territorial. Ética. Psicoanálisis.

Quando o rio esquece onde nasce, ele seca e morre.
 Provérbio africano

RASTROS DE INQUIETAÇÃO E INVENÇÃO: UMA BREVE EXCURSÃO

A genialidade de Freud advém especialmente da sua inquietação e sua capacidade inventiva, que provocou desvios no curso da neurologia e da psiquiatria de sua época. Desvio enquanto proposição de um novo caminho que não necessariamente renega o já estabelecido. É *a partir de* e não *a despeito de*. É possível acompanhar ao longo da obra freudiana a construção de sua teoria a partir de inquietações e questionamentos sobre noções correntes na classe médica da época. Por exemplo, o entendimento, junto com Charcot, de que a histeria seria uma patologia comum tanto em homens quanto mulheres não era bem aceita por muitos médicos da época. Mesmo assim, Freud se posiciona a respeito disso em seu relatório sobre os estudos em Paris e Berlim e também no texto *Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico*, ambos escritos em 1886. Na primeira parte de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2010), Freud se refere à compreensão da classe médica de sua época sobre as chamadas “inversões” (termo usado naquele tempo para a homossexualidade) entendidas por uma via patológica de degeneração, ao que propõe de forma crítica o questionamento da normativa heterossexual tomada até então como normal ou não patológica. Inclusive, ele manteve sua inquietação acerca do tema, propondo novas reflexões nas modificações e acréscimos que fez a cada reedição do texto, em 1909, 1914 e 1920. Em seu discurso, no V Congresso Psicanalítico Internacional ocorrido em Budapeste, em 1918, e depois redigido em 1919, sob o título *Caminhos da terapia psicanalítica* (1919/2010), Freud propunha uma flexibilização daqueles que exerciam a psicanálise para que ela pudesse ser acessível aos mais pobres, na perspectiva de provocar uma transformação social.

Faço esse breve passeio pela história da psicanálise para marcar o quanto Freud estava atento às necessidades e possibilidades que surgiam a cada tempo: seja pela guerra, que provocou em Freud questionamentos que o levaram a modificar sua teoria pulsional; seja por questões que apareciam na sua clínica, que o faziam questionar e modificar conceitos; seja por questões pessoais, como podemos acompanhar nas cartas que mantinha com seus colegas e interlocutores, especialmente com Fliess.

Da mesma forma que repetimos que se deve ler Freud considerando-o “um homem de sua época”, é necessário seguir reinventando a psicanálise para a nossa época e, mais ainda, no que nos concerne, para a realidade brasileira. É evidente que há uma herança colonial que tem efeitos na nossa sociedade, contudo há que se lembrar que não estamos na sociedade burguesa europeia do início do século XX, onde Freud estava inserido. Ignácio Paim Filho relembra a importância de “ter em mente a recomendação freudiana sobre o lugar da transgressão como elemento disruptivo do que está estabelecido no processo de análise” (PAIM FILHO; PAIM, 2023, p. 53), citando uma carta de Freud a Pfister, na qual escreve que os psicanalistas precisam de uma porção de criminalidade para que haja produção em psicanálise. Logo, parto dessa recomendação freudiana para refletir sobre o posicionamento ético daqueles que exercem a psicanálise no contexto atual da sociedade brasileira, especialmente por meio do trabalho em coletivo.

A psicanálise ainda tem relevância, porque se movimenta e se renova. É evidente que nessa roda viva da psicanálise, constantemente retomamos seus conceitos fundamentais, para não perder de vista a origem e o que sustenta o método. O olhar atento a essa fina linha que separa o rigor com o método da rigidez das regras incólumes parece eclodir novamente com a escalada recente da criação de projetos de escuta psicanalítica que surgem como um desvio do considerado “*setting* tradicional”, que é a clínica privada.

CLÍNICA PRIVADA, CLÍNICA PÚBLICA E ESCUTA TERRITORIAL: POSIÇÃO E DESEJO DO ANALISTA

Após alguns anos de participação em dois coletivos que propõem a escuta psicanalítica para além da clínica privada e também do constante diálogo com pares acerca das clínicas públicas e da escuta territorial², senti-me impelida a tecer alguns enlaces entre noções psicanalíticas e a experiência nesses coletivos, na tentativa de imaginar direções e desvios possíveis de transformação *na e pela* psicanálise.

Apresento aqui, de forma breve, os coletivos dos quais participo e, portanto, de onde nascem e florescem as minhas experiências e inquietações. O coletivo Psicanálise na Praça de Porto Alegre é formado por psicanalistas de diferentes trajetórias de formação, e desde 2018 oferece escutas individuais, semanalmente, aos sábados pela manhã, na Praça da Alfândega, localizada no Centro Histórico de Porto Alegre e, também, desde 2023, quinzenalmente, aos sábados pela manhã, no Instituto de Educação Josué de Castro, localizado no Assentamento do MST Sepé Filho em Viamão/RS. O coletivo SIG Intervenções Psicanalíticas, formado por psicanalistas membros da Sigmund Freud Associação Psicanalítica de Porto Alegre, desde 2010 oferece escuta e possibilita testemunhos de grupos, em diferentes territórios e formas de organização social. Ambos os coletivos oferecem, de forma eventual, espaços abertos e gratuitos de transmissão da psicanálise.

Quando se fala sobre o trabalho dos coletivos, principalmente em instituições psicanalíticas, é comum escutar questões sobre esse desvio que se faz do *setting* tradicional – paredes, poltronas, divã, relógio, dinheiro – e também sobre a transferência, já que muitas vezes as escutas ocorrem com uma dupla de analistas ou o coletivo todo. Laplanche, no livro *A tina*, escreve que

[...] a análise é uma formação artificial, mantida, circunscrita, por regras. O que a fecha é, por um lado, o que chamamos *setting* (enquadre espacial-temporal, enquadre pecuniário, etc.), a seguir a regra fundamental e finalmente o que denomino recusas do analista, aquilo que o analista recusa e aquilo a que ele se recusa [...] sustentarei aqui que a análise, apesar de algumas de suas prescrições assumirem talvez a forma de imperativos categóricos, não é uma pedagogia da Lei, mas simplesmente uma invenção, em última instância bastante genial, de Freud (LAPLANCHE, 1993, p. 176).

² Ao longo do texto, refiro-me à clínica pública, amparada no discurso de Freud em Budapeste (1919), enquanto uma prática livre da circulação do dinheiro para possibilitar o acesso de pessoas sem recursos financeiros à psicanálise. Já quanto à escuta territorial, recorro à conceitualização de Emília Broide e Tales Ab’Sáber (2017), enquanto uma imersão em uma localização geográfica específica onde habitam ou circulam aqueles que estão sendo escutados.

O autor elenca três pilares fundamentais de um processo de análise: o *setting/enquadre*, a associação livre/atenção flutuante e a recusa do analista (condição de produção de transferência). Seguindo pela literalidade do texto, pode-se depreender que Laplanche faz referência ao *setting* em seu enquadre material e concreto (espacial, temporal e pecuniário). Com efeito, nas clínicas públicas e escutas territoriais há, em geral, uma variação do enquadre material quando comparado à clínica privada. Portanto, não sejamos literais, o enquadre não se dá pela materialidade e concretude de um consultório privado. É, em uma análise, um espaço que possibilita a simbolização e decorre da interiorização da experiência de análise pessoal do analista (URRIBARRI, 2010). Urribarri, ao dialogar com a obra de André Green, argumenta que a “diversidade da prática, com seus enquadres variáveis, encontra sua unidade (ao mesmo tempo seu fundamento e sua condição de possibilidade) no ‘enquadre interno do analista’ como aval do método” (URRIBARRI, 2010, p. 30).

Pode-se diferenciar uma clínica privada de uma clínica pública por simples oposição semântica entre público e privado. Todavia, ao que interessa à psicanálise fazemos referência a um espaço simbólico, onde “é o desejo que o constitui e o sujeito que nele se realiza” (DUNKER, 2019, p. 10). Ao desviar da significação semântica em direção a uma significação política, de reconhecimento do entrecruzamento que há na realidade entre público e privado, apreende-se que a distinção não é clara: “há coisas, bens e interesses que pertencem ao espaço público e que são do escopo privado [...], assim como há bens e interesses que pertencem ao espaço privado e que são do interesse público” (DUNKER, 2019, p. 19). Desta forma, propõe Dunker, surge a necessidade de uma modificação da compreensão sobre a circulação do dinheiro, na qual de um lado há equivalência entre público e gratuito e, de outro, entre privado e pago. Emília Broide propõe que o dinheiro seja tomado como significante e não pela sua concretude, “pois se o registro da falta ficar preso exclusivamente à carência do indivíduo que não possui dinheiro para pagar a sua sessão, não será possível operar a torção que possibilita que a falta trabalhe no sujeito como causa de desejo” (BROIDE, 2017, p. 2).

Os dispositivos de clínica pública e escuta territorial nascem do desejo de psicanalistas que se inquietam com a bruta realidade social de determinadas camadas da população brasileira e veem na psicanálise uma possibilidade de criação de novas vias de transformação. Considero importante destacar a concepção de Emília Broide sobre um analista *posicionado*, e não *intencionado*, diferenciando a prática analítica de uma prática de militância ou doação, pois enquanto *posicionado* “implica que ele leva em consideração a transferência e o inconsciente como direção do trabalho clínico” (BROIDE, 2017, p. 2). Sem o desejo e a aposta por parte do analista, assim como em qualquer processo de análise, não há caminhada possível.

DESVIO, DESOBEDIÊNCIA E ÉTICA

Em *Caminhos da terapia psicanalítica*, Freud (2010) reflete sobre o alcance e o acesso à psicanálise quando propõe que os pobres teriam tanto direito a um tratamento psicanalítico quanto a outro tratamento da saúde do corpo e que, para que a prática fosse possível, ela teria de ser gratuita e sua técnica adaptada, sem perder o rigor, o que não a tornaria “menos psicanálise”. A proposição de Freud é um desvio do caminho até então conhecido da psicanálise: a clínica privada para a classe burguesa da sociedade europeia do século XX.

Freud abre, então, uma nova via para pensar e praticar a psicanálise, ao defender a análise leiga, a flexibilização dos honorários dos analistas e a gratuidade de um tratamento, entendendo que ela teria a potência de liberação das “habilidades de raciocínio nos indivíduos oprimidos e que o insight pessoal (combinado com o pensamento crítico) conduziria naturalmente à independência psicológica” (DANTO, 2019, p. 386-387). Emilia Broide escreve que a psicanálise “não passa imune ao momento histórico, social, político e econômico que a determina” (BROIDE, 2017, p. 2). Com isso, depreende-se que a renovação da psicanálise é inerente e necessária a ela própria, afinal, é o que a mantém viva. E esse movimento só pode advir daqueles que a exercem, de forma inventiva e rigorosa, como propõe Freud. Não podemos esquecer nossa origem, mas o rio corre.

O surgimento de clínicas públicas de psicanálise não é uma novidade, como historiciza Elizabeth Ann Danto, em seu livro *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. No primeiro capítulo, quando relembra o discurso de Freud em Budapeste, Danto escreve que o apoio e a luta de Freud em relação às clínicas públicas mostram um “desvio substancial de uma tradição de privilégio dos médicos” (DANTO, 2019, p. 3). Ressalto a palavra “desvio”, reiterando o passeio feito no início deste escrito, para propor uma aproximação com a noção de “desobediência”, trabalhada por Frédéric Gros em seu livro *Desobedecer*, e também da noção de “insurreição micropolítica” trabalhada por Suely Rolnik em seu livro *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*.

Ofereço essa aproximação sob a perspectiva de que os coletivos de psicanálise propõem um desvio – uma desobediência e uma insurreição micropolítica – do instituído, tanto na psicanálise quanto no espaço-território, onde se dispõem a uma escuta psicanalítica. Cria-se e marca-se uma diferença no momento em que chegamos ao território, seja na praça, seja na escola, seja onde for. Afinal, somos outros, vindos de um outro território, abertos à escuta, movidos pelo desejo e apostando na criação de frestas. Quando ocupamos a Praça da Alfândega, por exemplo, criamos ali uma modificação na fotografia da praça, uns têm curiosidade e se aproximam nos perguntando: “Afinal, o que é isso... psicanálise?”. E assim se abre uma possibilidade, assim se inaugura o desejo da escuta.

No entanto, para que esses dispositivos existam, precisa-se desviar do instituído, modificar as práticas, desobedecer algumas regras e encontrar ressonâncias com aqueles que apostam na construção e viabilização destes. Arrisco afirmar que reproduzir o método psicanalítico de forma dogmática é contraproducente com a história e a escuta psicanalítica. Pensar e questionar a psicanálise, crítica e eticamente, é responsabilizar-se por ela. Para Frédéric Gros (2018), a desobediência usualmente é compreendida como algo da ordem da irresponsabilidade, entretanto, o autor faz uma inversão dessa compreensão. Para ele, o sujeito que obedece é quem na verdade se desresponsabiliza, aquele que diz “fiz porque mandaram” ou “eu só estava obedecendo uma ordem”, como no conhecido julgamento de Eichmann³. Ao destrinchar algumas formas de responsabilidade, Gros escreve sobre a responsabilidade global, que seria a responsabilidade do mundo, em um sentido de que não é possível ficar imune

³ Hannah Arendt publicou em 1963 o livro *A banalidade do mal* onde escreve sobre o julgamento de Adolf Eichmann, oficial nazista que protagonizou os horrores do Holocausto. Frédéric Gros retoma esse caso no segundo capítulo do livro *Desobedecer* (2018).

ARTIGO

e indiferente a questões da humanidade. Uma posição de neutralidade, diante da realidade social crítica, nada mais é do que uma escolha de *cumplicidade passiva*, um não querer saber ou ver, como quem diz “eu não tenho *nada a ver* com isso”.

A responsabilidade é, para o autor, um processo de subjetivação, no qual o sujeito encontra em si uma parte indelegável, uma parte onde o sujeito é, justamente por não ser um outro (GROS, 2018, p. 192). Esse *eu indelegável* se dá na “junção entre a obrigação ética e a dissidência cívica” (p. 184). A disposição ética, que Gros conceitua a partir de Michel Foucault, é “a maneira como cada um se relaciona consigo mesmo, constrói para si certa ‘relação’ a partir da qual se autoriza a realizar determinada coisa, a fazer isto e não aquilo” (p. 33). Portanto, pode-se imaginar uma situação hipotética em que se delega a outro uma ação e com isso se alivia a perspectiva de obrigação, afinal, outra pessoa o fará – um outro que não eu. Pode-se também imaginar outra situação, em que o sujeito atua, desavisadamente ou não, em algo que reprova e justifica que “poderia ser outro”, mas não foi. Essa é a diferença primordial: é a diferença que não faz diferença para o mundo, mas faz para si. É aí que surge o eu indelegável, “é esse eu que desobedece” (p. 197). Um coletivo de sujeitos com essa disposição e obrigação ética, que consideram a existência e a importância dessa parte indelegável de si, pode operar como uma insubmissão coletiva ou dissidência cívica, onde

se produz uma covibração de inúmeros “si” indelegáveis, porque a situação degradou-se a tal ponto que cada um sente a urgência de reagir e a necessidade de não mais obedecer. É a essência das revoluções quando cada um se recusa a deixar a outro sua própria capacidade de supressão para restaurar uma justiça, quando cada um se descobre insubstituível para se pôr a serviço da humanidade inteira, quando cada um faz a experiência da impossibilidade de delegar a outros o cuidado do mundo (GROS, 2018, p. 184).

Podemos aproximar a ideia de “covibração de inúmeros ‘si’ indelegáveis” com o que Suely Rolnik (2018) propõe sobre o esforço coletivo enquanto reapropriação da potência criadora de modos de existência, sendo um caminho possível de insurreição ao modelo social e econômico – colonial-capitalístico, como nomeia a autora – dominante e vigente. Um caminho possível no sentido do desejo de encontrar outras respostas e de criar uma diferença, a partir de uma disposição ética, daquilo que já está posto. Portanto, torna-se necessário um movimento de composição e recomposição para romper com “a cena pacata do instituído” (ROLNIK, 2018, p. 60). Para Rolnik, a *micropolítica ativa* se dá a partir de uma política do desejo, própria de uma subjetividade que é capaz de sustentar os movimentos paradoxais do inconsciente, “suportando a tensão que a desestabiliza e o tempo necessário para a germinação de um mundo, sua língua e seus sentidos” (p. 60). A *insurreição micropolítica* é como um protesto pulsional dos inconscientes, que visa a “liberar a vida de sua expropriação” (p. 122). A autora se refere aos traumas de raça, classe e etnia como sendo as formas de expropriação da vida mais difíceis de superar, já que se iniciam antes do nascimento e são reproduzidos e atualizados por toda a vida, desqualificando o sujeito e o colocando em constante ameaça à sua integridade.

Quando se criam, por exemplo, políticas de ações afirmativas em instituições no Brasil – como ação de reparação histórica para negras, negros e

indígenas – deve-se atentar à não repetição de uma prática que toma o instituído da lógica dominante como absoluta e universal, pois dessa forma se perde

o acesso à imprescindível experiência de habitar a trama relacional tecida entre distintos modos de existência e, sobretudo, de sustentar os possíveis efeitos transformadores que disto decorreriam, tornando caduca a cartografia dominante. O que se interrompe com essa visão reduzida à macropolítica é a possibilidade da força vital cumprir seu destino ético: a invenção de respostas às necessidades de mudança, advindas precisamente dos efeitos da alteridade (humana e não humana) nos corpos que compõem o tecido social (ROLNIK, 2018, p. 120).

A noção de “inclusão”, portanto, não deve ser considerada como equivalente ou como parte das ações de reparação, já que incluir não é uma proposição de um desvio do que está posto. É, na verdade, um apagamento da alteridade, como atualização da violência e do silenciamento de modos de existência. Da mesma forma, nas clínicas públicas e escutas territoriais, é preciso estar advertido da impossibilidade de um decalque da clínica privada, pois isso seria uma recusa dos efeitos da alteridade. É preciso inquietar-se com o outro, estranhar, reconhecer a diferença radical do outro.

COLETIVOS DE PSICANÁLISE COMO APOSTA DE TRANSFORMAÇÃO

Como diz o ditado que inaugura este texto, um rio que esquece sua fonte seca e morre; mas ele segue vivo, corre, avança. Aquele que reconhece sua origem sem se fixar rigidamente pode pensar e agir a partir dela, possibilitando transformações que não tornam a prática menos legítima que outrora. A psicanálise foi sendo transformada, pelo próprio Freud e por seus seguidores, sem perder de vista seus fundamentos, movimentando e ventilando sua práxis. Ao acessar outros territórios, principalmente aqueles onde nos aproximamos da realidade brasileira de fato, um país com 56% da população declarada negra ou parda (IBGE, 2022), escutamos as brutas marcas da nossa história, de uma sociedade fundada na escravidão e no genocídio indígena. Nessas escutas, reconhecemos os efeitos traumáticos da violência de Estado e do pacto da branquitude enquanto perpetrador da violência. Portanto, estes trabalhos se fundam na perspectiva da possibilidade de que o sujeito possa dar seu testemunho, narrar os silenciamentos, inscrevendo sua experiência individual em um espaço coletivo.

Entendo que há uma diferença entre a militância política, enquanto um movimento que constrói ações de resistência e luta política para a transformação da sua própria realidade, e o trabalho realizado pelos coletivos de psicanálise. Estes acessam territórios que não são os seus, amparados pelos fundamentos que sustentam a escuta analítica, como aposta de que a experiência de análise possa fazer advir um sujeito ético político, que possa falar de si, saindo de um *lugar*, no qual é colocado, para uma *posição*, na qual pode escolher. Desse modo, são psicanalistas que não estão inseridos naquela realidade e não fazem parte daquele grupo e, neste lugar de estrangeiro e de abstinência, tem-se a possibilidade de escuta analítica. Além do que é próprio à psicanálise, considero que são dispositivos que também se amparam em tripés que podemos inferir das publicações de Rolnik e Gros. Rolnik parte de uma perspectiva ética do exercício do pensamento, como um processo de *escuta, implicação e criação*, e conclui que os efeitos dessa forma de pensar são “o contágio potencializa-

ARTIGO

dor das subjetividades que o encontram” (ROLNIK, 2018, p. 91), além de uma transfiguração e transvalorização da lógica predominante. Gros (2018) também se ampara em um tripé: *dissidência cívica, obrigação ética e responsabilidade*, como forma de resistência provocada por uma covibração entre os vários si indelegáveis, quando já não se pode mais obedecer e manter o instituído.

Para que um dispositivo funcione enquanto uma prática coletiva, é necessário que haja laço, que se produz nas ressonâncias e no contágio das inquietações e criações de cada subjetividade que o compõem. Uma aposta, compartilhada por vários sujeitos, em direção aos efeitos transformativos da escuta daqueles que não acessam a clínica privada, mas que têm muito a testemunhar de si e de seu mundo. Portanto, quando nos disponibilizamos para esta escuta pública e territorial, criamos dispositivos que possibilitam o testemunho daqueles que são silenciados em sua forma de existência e subjetividade, justamente pela compreensão de que não há como ficar neutro e passivo diante do apagamento de alteridades. Possibilita-se, assim, o *reconhecimento coletivo* dos modos de subjetivação que desviam do discurso hegemônico. É um trabalho que aponta a produção de diferença e não a repetição do instituído e, dessa forma, faz-se necessária certa dose de estranhamento, desobediência, experimentação e surpresa. Se deixamos de nos surpreender com aquilo que vem do outro e da cultura, é porque já não escutamos. E se seguimos nos surpreendendo, é porque estamos abertos às múltiplas subjetividades da nossa época e ainda há caminhos não percorridos, possíveis de criação e transformação. Afinal, é preciso reconhecer-se na origem, enquanto alicerce organizador de uma prática. Contudo, também é preciso movimentar-se pelo tempo e pelo espaço, como um rio que segue seu curso e deságua na vastidão do mar.

REFERÊNCIAS

- BROIDE, Emilia; AB'SÁBER, Tales. Clínicas públicas de psicanálise. *Revista Lacuna*, São Paulo, n. 3, 2017. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2017/04/28/n3-02/>>. Acesso em: 19 set. 2023.
- DANTO, Elizabeth Ann. *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social, 1918-1938*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- DUNKER, Christian. A psicanálise nos espaços públicos. In: BROIDE, Emilia; KATZ, Ilana (Orgs.). *Psicanálise nos espaços públicos*. São Paulo: IP/USP, 2019.
- FREUD, Sigmund. Caminhos da terapia psicanalítica (1919). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas Vol. 14*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas Vol. 6*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1899). In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. I)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GROS, Frédéric. *Desobedecer*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2022*. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102004_informativo.pdf>. Acesso em: 19 set. 2023.
- LAPLANCHE, Jean. *A tina: a transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PAIM FILHO, Ignácio A.; PAIM, Augusto Maschke. *Racismo e psicanálise: a saída para a grande noite*. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2023.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

URRIBARRI, Fernando. André Green: paixão clínica, pensamento complexo. Em direção ao futuro da psicanálise. Posfácio do livro de André Green, *Ilusões e desilusões do trabalho psicanalítico* (Paris, 2010). *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n. 10, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/AndreGreen.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2023.

REFLEXIONES EN TORNO AL ODIO¹

REFLEXÕES SOBRE O ÓDIO

REFLECTIONS ON HATRED

Guillermo Bodner²

Resumen: La violencia que se ejerce contra ciertos grupos sociales debido a su raza, su condición sexual, su nacionalidad se ha extendido por todo el mundo de manera alarmante. Esta violencia, que en ocasiones llega hasta la muerte, es acompañada y estimulada por consignas y proclamas que, en forma de discursos, señalan y marcan al diferente, proyectando odio y agresividad. En este artículo se analiza el panorama histórico y social que caracteriza el mundo actual. El autor recoge ideas de Bion sobre el análisis de grupos y de la parte psicótica de la personalidad para tender puentes que orienten hacia una comprensión psicoanalítica de estos procesos.

Palabras clave: Odio. Frustración. Proyección. Discriminación. Violencia.

Resumo: A violência contra determinados grupos sociais por causa de sua raça, condição sexual ou nacionalidade tem se espalhado pelo mundo de forma alarmante. Essa violência, que às vezes chega até a morte, é acompanhada e incentivada por slogans e proclamações que, sob a forma de discursos, marcam e assinalam aqueles que são diferentes, projetando ódio e agressão. Este artigo analisa o panorama histórico e social que caracteriza o mundo atual. O autor retoma as ideias de Bion sobre a análise de grupos e a parte psicótica da personalidade para construir pontes em direção a uma compreensão psicanalítica desses processos.

Palavras-chave: Ódio. Frustração. Projeção. Discriminação. Violência.

Abstract: Violence employed against certain social groups, due to their race, their sexual condition, their nationality has spread out throughout the world in an alarming way. This violence that sometimes goes up to death is accompanied and stimulated by slogans and assertions that, under the form of discursive language, point out and mark those who are different by projecting hatred and aggressiveness. This paper analyses the historical and social panorama that characterizes the current world. The author gathers ideas from Bion on the analysis of groups and the psychotic part of the personality, to build bridges that point towards a psychoanalytic understanding of these processes.

Keywords: Hate. Frustration. Projection. Discrimination. Violence.

¹ Artículo originalmente publicado en 2021, no número 33 da Revista Uruguaya de Psicoanálisis (RUP), edição sobre o tema "Ódio".

² Analista didáctico de la Sociedad Española de Psicoanálisis. E-mail: gbdnerp@gmail.com

Que los editores de una revista psicoanalítica convoquen a un volumen para reflexionar sobre el odio no puede sorprender. En diversos ámbitos de la sociedad, en la política o en las relaciones personales, los conflictos, las tensiones, las rivalidades acusan un inusual componente de odio. Además, no se trata de un fenómeno localizado, sino que se extiende a nivel mundial.

En el trabajo psicoanalítico estamos familiarizados con las emociones agresivas conscientes o inconscientes y su influencia en la relación del sujeto consigo mismo y con su entorno. En sus diferentes modelos, Freud se ocupó de los sentimientos de amor y de odio para comprender los fundamentos afectivos y pulsionales de complejas configuraciones clínicas.

El psiquismo individual no es un ámbito cerrado a las influencias del medio, del mismo modo que las sociedades son sensibles a los afectos y emociones de sus integrantes. Aunque sea difícil establecer lazos causales entre unos y otros, es evidente que existen y producen efectos.

Si bien a veces se señala que Freud diseñó un modelo cerrado en el psiquismo individual, pienso que tanto los vínculos con los primeros objetos como el papel de la configuración edípica en la construcción de la personalidad colocan al sujeto en relación con su entorno emocional.

Tanto los trabajos de Freud sobre la psicología de las masas como los de sus seguidores abordaron la compleja dialéctica entre el sujeto y su entorno. En relación con el tema de este artículo, considero especialmente relevantes los aportes de W. R. Bion.

Discípulo de Melanie Klein, Bion desarrolló su trabajo principalmente en dos direcciones: la parte psicótica de la personalidad y la mentalidad grupal. Quiero destacar estos aspectos dentro de su extensa y compleja obra porque pueden ayudar a comprender el tema que nos ocupa.

Pero, antes de abordar los aportes de Bion, recordemos algunos aspectos del entorno social actual.

UN CONTEXTO INÉDITO

Freud desarrolló sus teorías en medio de grandes convulsiones políticas y sociales: entre muchas otras, la decadencia del Imperio Austrohúngaro, la Primera Guerra Mundial, la crisis económica de 1929, el surgimiento del nazismo, con las persecuciones que le obligaron a emigrar a Londres, donde pasó sus últimos días.

El final del siglo XX quedó marcado por el derrumbe de la Unión Soviética y sus aliados, a partir de la caída del muro de Berlín. Algunos comentaristas anunciaron el inicio de una etapa de entendimiento pacífico, pero la historia de estas décadas ha seguido por vías muy diferentes.

El historiador inglés Eric Hobsbawm (1994) llamó "siglo XX corto" al período transcurrido entre 1914, con el inicio de la Primera Guerra Mundial, y 1989, con la caída del muro de Berlín. Hoy no sabemos cómo caracterizarán los historiadores futuros el siglo XXI, pero es indudable que el 11 de septiembre de 2001 abrió una nueva época.

El fenómeno de la globalización que ya se había iniciado tomó un nuevo impulso con la integración en una economía de mercado mundial, donde los capitales se mueven a escala planetaria. Las empresas multinacionales son más poderosas que muchas naciones. La cultura sufre el impacto de la masificación

ARTIGO

de las tecnologías de información e internet, mientras que decaen valores colectivos en favor del individualismo.

Inspirada en la escuela económica austríaca, la primera ministra británica Margaret Thatcher afirmó: “La sociedad no existe. Sólo existen hombres y mujeres individuales” (THATCHER, citada en NADAL, 2013, párr. 9). El entramado que hoy llamamos sociedad sería, según este criterio, una simple madeja de relaciones bilaterales en las que los individuos entran en contacto unos con otros. Esta idea se ha extendido y ha esforzado el individualismo y debilitado la confianza en lo colectivo.

En el ataque a las Torres Gemelas fue posible por el uso combinado de la tecnología sofisticada con la criminalidad salvaje, que cobró miles de vidas inocentes. Por primera vez, los Estados Unidos, potencia hegemónica del siglo XX, sintió que su territorio era vulnerable. El pánico, la desazón y las ansiedades persecutorias también se globalizaron.

La brutal agresión contra el corazón de una potencia mundial sirvió asimismo para que el adjetivo *terrorista* se aplique, por extensión, a cualquier grupo que manifieste su disconformidad con el sistema actual, las desigualdades y las injusticias.

Otras catástrofes a escala mundial contribuyen al clima político y emocional actual. De modo sintético, podríamos mencionar la crisis financiera de 2008, resuelta a favor de los mismos que la precipitaron, y la pandemia del coronavirus de 2020, que ha generado una situación sin precedentes. Sin olvidar el desastre ecológico que se le impone al planeta con graves fenómenos meteorológicos, aniquilación de especies animales y vegetales, elevación de las temperaturas marítimas, desaparición de los hielos polares y contaminación a niveles de riesgo del aire que respiramos.

UNA VISIÓN DESDE EL PSICOANÁLISIS

El psicoanálisis desde sus inicios intentó explicar que la relación del sujeto con su medio se organiza siguiendo patrones modulados por la búsqueda de satisfacciones y el rechazo a la frustración.

La configuración del psiquismo tiene lugar en el marco de sus primeras relaciones, cuando lo físico y lo emocional aún no están diferenciados. El contexto gratificador y frustrante es el medio familiar donde surgen los primeros vínculos que desde muy temprano se entrelazan con el medio social más extenso.

En sus postulados metapsicológicos, Freud (1975b) señaló el odio junto con el amor como componentes básicos del acervo pulsional. Postuló que el psiquismo primitivo vive como propio todo lo gratificante, mientras que lo frustrante le sería ajeno. Así, el odio hacia el objeto frustrante juega un papel importante en la organización del psiquismo precoz.

Más adelante, Melanie Klein (1975) y otros autores desarrollaron estas ideas, subrayando el papel del odio y la envidia como sentimientos difíciles de reconocer y modular. Una de las dificultades, como señalaron Klein y sus discípulos, radica en que estas emociones no son vividas como tales por el sujeto, sino que se las siente distorsionadas por poderosos mecanismos defensivos.

Quisiera destacar algunos puntos de la vasta y compleja obra de Bion porque considero que contiene algunas propuestas que pueden ayudar en la comprensión de nuestro tema. Destacaré tres cuestiones: a) la descripción de la

dinámica de los grupos y los estados protometales (Bion, 1952); b) el funcionamiento de la parte psicótica de la personalidad (Bion, 1957); y c) la ampliación del modelo linear kleiniano (Bion, 1962). A partir del análisis de pacientes psicóticos, Bion (1959) describió la parte psicótica de la personalidad y el proceso mediante el cual la mente ataca su propio funcionamiento para evitar lo que experimenta como frustración o peligros catastróficos que amenazan con el colapso, no solo del psiquismo, sino de toda la personalidad.

Las cualidades de la personalidad psicótica que Bion puso de manifiesto fueron: a) la intolerancia a la frustración; b) el odio a la realidad interna y externa, debido a que la realidad colapsa las idealizaciones; y c) el odio a las emociones y a la vida misma. La incapacidad para tolerar estas situaciones desencadena ataques contra el aparato mental que pueden llegar hasta la evacuación fantasmática mediante la proyección.

La integración del psiquismo vincula distintas partes de la mente, pero bajo el dominio de la parte psicótica, la unidad es atacada por la envidia y la destructividad, estimuladas por la intolerancia a la frustración y al dolor mental.

Estas situaciones implican riesgos inminentes de catástrofe, de colapso del psiquismo y de la personalidad en su conjunto. En este nivel de funcionamiento, la agresión y la destructividad se dirigen hacia el órgano que informa del hecho intolerable: la percepción y la conciencia.

La modalidad comunicativa de los pacientes psicóticos y su conexión con la identificación proyectiva masiva en los fenómenos evacuativos se manifiestan en las alucinaciones como una forma de utilizar los órganos sensoriales en sentido inverso, para evacuar impresiones sensoriales atribuyéndolas a la realidad externa. La conciencia de la realidad externa desencadena sentimientos de frustración, persecución y encierro.

Bion construyó un modelo postulando un nivel *protomental* que en los grupos se manifiesta como *supuestos básicos*. En ese nivel protomental, las reacciones afectivas no se diferencian de las físicas y los impulsos se expresan como proyecciones o descargas motrices.

Los supuestos básicos son impulsos emocionales que intentan evitar la frustración que comporta aprender de la experiencia y los cambios que implican progreso.

La mentalidad grupal tiene una uniformidad que contrasta con la diversidad de pensamiento en el individuo. Para Bion, el hombre es un animal gregario, cuya mentalidad primitiva está condicionada por su pertenencia grupal.

Todo esto nos conduce a la noción de que, en este nivel de desarrollo, las emociones no son vividas por el sujeto como tales (como emociones). No son sentidas como algo perteneciente a su subjetividad, sino como un atributo del entorno. Características del *otro*, de la alteridad que se vuelve tan insoportable como eran las emociones que las originan.

Bion denominó *pasiones* a las evidencias emocionales de que dos mentes se vinculan entre sí. Los vínculos entre dos mentes están caracterizados por el amor (L), el odio (H) y el conocimiento (K). Un aspecto importante de este modelo, y que tiene relación con el tema de este artículo, es que para Bion *las pasiones representan emociones experimentadas con intensidad y calidez, pero sin violencia; la violencia no está incluida en el concepto de pasión, a menos que se asocie con la avidez.*

ARTIGO

Esta idea sugiere que el odio (como el amor y el conocimiento) es una emoción propia de un psiquismo capaz de relacionarse, de tolerar frustraciones y de crecer aportando nuevos conocimientos, nuevos pensamientos.

En cambio, la intolerancia a la frustración – y, por lo tanto, a la realidad – intensifica estas emociones que ya no pueden ser contenidas por el aparato psíquico y son expulsadas a través de las proyecciones, en especial a través de la identificación proyectiva. La vivencia paranoide que acompaña este cuadro hace imposible el pensamiento, con el estrechamiento del aparato psíquico y la parálisis del crecimiento mental.

El uso excesivo de la identificación proyectiva describe cómo el paciente siente que está rodeado de objetos bizarros compuestos por objetos reales y por fragmentos de su personalidad, entre ellos, su propia capacidad de juicio.

Además de las ideas de Bion sobre la mentalidad grupal o la parte psicótica de la personalidad, este autor revisó el modelo clásico kleiniano, que describía de manera lineal una progresión de lo esquizoparanoide (Ps) a lo depresivo (D).

Bion postuló un equilibrio dinámico entre ambas posiciones que se puede sintetizar en el modelo $Ps \leftrightarrow D$, en el que el crecimiento mental transcurre desde los Ps hacia lo D, como también la disposición de D a desorganizarse de forma pasajera para incorporar experiencias nuevas. Estas experiencias desorganizan parcialmente la posición depresiva lograda que regresa hacia una posición esquizoparanoide con confusión e inseguridad; desde ella, se avanza hacia una nueva posición depresiva que contiene la nueva experiencia y representa el crecimiento mental.

Años más tarde, Britton (2010) retomó esta idea denominando posición postdepresiva al retorno desde lo depresivo a lo Ps acompañado de confusión. Esto significa que la posición depresiva no es una *posición final*, sino que es un estado abierto a nuevas experiencias, que pueden ser desorganizadoras. Esa *nueva posición esquizoparanoide* producto de la desorganización pasajera de lo depresivo es el punto de partida hacia nuevas posiciones depresivas.

En la sucesión de *posiciones depresivas* – D, D (n + 1), D (n + 2) –, las *n* representan las nuevas experiencias y las sucesivas *D* expresan la expectativa del crecimiento mental. Pero, para que este modelo funcione, se requiere que el psiquismo tolere la confusión y desorganización pasajera que cuestiona las creencias previas para dar paso a comprensiones nuevas.

En ese artículo, Britton (2010) escribió:

Una organización patológica paranoica con todas sus certezas persecutorias puede ser un refugio de los miedos asociados a las incertidumbres asociadas al desarrollo; al igual que la posición maníaca, ofrece una sensación de integración y certeza sobre la base de la negación, la escisión y la falsa coherencia. En la posición post-depresiva, Ps (n + 1), la ansiedad asociada es de fragmentación y pérdida de sentido. (p. 199)

Una posición depresiva replegada sobre sí misma, sin una apertura hacia nuevas experiencias, conduce al dogmatismo, a la omnisciencia y, en definitiva, a un rechazo de la realidad que, sin ser un rechazo psicótico, distorsiona la realidad y sus inevitables frustraciones.

El repliegue en una creencia del tipo que sea estaría en la base de la

idolatría, del dogmatismo y de las distintas formas de fundamentalismo, tan frecuentes en nuestro tiempo.

El estudio de estos procesos llevó a Bion a la exploración de otra forma de la destrucción, esto es, la formación de un tipo de superyó, combinación patológica de omnipotencia y omnisciencia, que interfiere con la creación de pensamientos y el pensar.

La tarea que el bebé enfrenta para aprender de su experiencia (vínculo K) desarrolla su capacidad para dar sentido a las mismas, que son de dos tipos: momentos de disrupción interna por la reaparición de necesidades insatisfechas (desamparo original, hambre, malestar físico), así como disrupciones externas en la relación con el objeto primario (el pecho, la madre).

Para “dar sentido”, deberá organizar un pensamiento, que solo es posible si tiene capacidad para tolerar el malestar y la frustración. Si se tolera el dolor mental del encuentro con la percepción, esto dará lugar a la creación de un pensamiento. Si el dolor no se tolera, aparece una desvinculación, un antipensamiento o una experiencia evacuativa.

Es en este sentido que el vínculo K adquiere su propia dimensión y ofrece un nuevo nivel de comprensión. Para el desarrollo del vínculo K, el aparato psíquico debe procesar los impulsos que le llegan, desde el entorno y desde sí mismo, para hacerlos pensables, para almacenarlos o para producir sueños. Esto es lo que Bion denomina función alfa.

La realidad es comprensible hasta el nivel de lo que Bion denomina O, la realidad inaccesible al conocimiento y que indica una falta, una ausencia que debe ser respetada y no cubierta con una saturación de sentido. Cuando la función alfa no se desarrolla, los impactos no son transformados en elementos aptos para el pensamiento o el sueño, sino que son expulsados por proyección como elementos beta.

Aquello que la mente no puede metabolizar se transforma en elementos beta: la mentira, los objetos bizarros, las alucinaciones, el pensamiento concreto, la función alfa que opera en sentido inverso. Lo destructivo aparece en el pensamiento esquizofrénico, en la creación de fetiches, en las perversiones y en otras afecciones basadas en la omnisciencia y omnipotencia que sustituye la verdad psíquica por una afirmación moral. No representan experiencias emocionales, sino su distorsión.

En los párrafos siguientes intentaré esbozar algunos puentes entre algunos rasgos de nuestras sociedades con las ideas psicoanalíticas expuestas.

EL ENTORNO ACTUAL Y LA MANIPULACIÓN DE LAS EMOCIONES

La magnitud de las expresiones de violencia en la vida cotidiana en todo el mundo alcanza dimensiones muy preocupantes. No pretendo explicar estos fenómenos tan complejos, que sobrepasan los límites de un artículo y las posibilidades de una reflexión individual.

Asistimos a cambios de todo tipo que marcan nuestra vida cotidiana en todos los aspectos. La velocidad de las transformaciones alcanza cotas difíciles de concebir hace unas décadas. La tecnología actual realiza, en segundos, cálculos que hasta no hace mucho requerían años. Las migraciones masivas, los progresos en la legislación que dan visibilidad a grupos identitarios que per-

ARTIGO

manecían ocultos, todo esto constituye un campo inabarcable que puede ser vivido como un peligro para la estabilidad emocional.

Desde el psicoanálisis podemos hacer algunas aportaciones, teniendo en cuenta que los factores y las variables que inciden son mucho más amplios, pues convergen muchas disciplinas. Desde el psicoanálisis es legítimo esbozar una perspectiva que confluya con otras disciplinas y ayude al debate sobre este tema.

Desde el punto de vista social y económico, hay dos factores determinantes: por un lado, el aumento de las desigualdades a niveles sin precedentes, y por otro, la ausencia de perspectivas de futuro. Estos dos elementos se combinan para aumentar la frustración y la desesperanza en amplias capas de la población, especialmente en la juventud. De algún modo, con el final del siglo XX colapsan los proyectos que buscaron realizar utopías que habían alentado a la humanidad desde la Ilustración hasta nuestros días.

Nadie niega que el sistema actual de producción y de distribución de las riquezas sea injusto, cuando el 1% de la población mundial concentra enormes riquezas, mientras que el resto padece diferentes niveles de carencias, que en algunas regiones y en muchas capas sociales llega a la miseria extrema.

Los sistemas políticos alternativos se derrumban en buena medida por razones internas y también por la hostilidad de quienes detentan los recursos básicos, privando a la humanidad de expectativas de cambio hacia sistemas más justos. La crisis financiera de 2008 obligó a algunos líderes mundiales, como Sarkozy³, a sugerir un cambio de sistema, pero desde entonces nada ha cambiado, sino que la situación ha ido a peor.

Los ascensores sociales, que admitían la esperanza de que los hijos vivieran mejor que los padres, se han paralizado o invertido, y ahora la preocupación de los padres es la evidencia que dejamos a nuestros hijos un mundo más injusto, más desigual, amenazado por tensiones variadas y un cambio climático cada vez menos reversible.

Estas frustraciones y la falta de perspectivas generan un malestar que recuerda el que describió Freud (1975a) a finales de la década de los años treinta del siglo pasado. En esa obra Freud abordó el irremediable antagonismo entre las exigencias pulsionales y las restricciones impuestas por la cultura. El malestar actual incluye ese núcleo descrito por Freud, pero lo desborda por la intensidad de las frustraciones sociales, la falta de perspectivas que incide en manifestaciones de violencia, agresividad e impulsos incontrolados por el fracaso o la destrucción de los medios de contención apropiados.

Los progresos en la legislación permiten que en muchos países se puedan visualizar sectores de la población que habían sido discriminados o escondidos hasta hace poco tiempo. Pero a la vez asistimos a deplorables actitudes de violencia hacia grupos vulnerables, no solo por las condiciones materiales, sino por ser distintos a las normas establecidas: raza, condición sexual, ideas; por ser inmigrantes, discapacitados.

La cantidad de mujeres agredidas hasta la muerte por sus propias parejas, que a veces llegan a la eliminación de los hijos, es uno de los síntomas más insoportables del malestar actual. La agresividad debida a la intolerancia hacia

³ Ver: Marti Font (2008).

las diferencias sexuales, el racismo, la xenofobia forman parte del escenario cotidiano de nuestras sociedades actuales.

Pero este tema se hace aún más complejo cuando constatamos que la agresión se sostiene e impulsa por los llamados discursos de odio, que tienen como objeto marcar, señalar al diferente, al extranjero, al otro. La terminología jurídica considera “delito de odio” precisamente el discurso dirigido contra poblaciones especialmente vulnerables, la infancia desprotegida, la mujer discriminada por el patriarcalismo o las diferentes orientaciones sexuales víctimas de la intolerancia.

Habría que matizar si tales señalamientos son realmente discursivos, ya que buscan señalar y marcar más que convencer mediante razonamientos y reflexiones. Nos recuerdan las proclamas de Millán Astray (uno de los cabecillas del levantamiento contra la República Española, en 1936) cuando gritó: “muera la inteligencia” frente a un atónito Miguel de Unamuno, que respondió con su célebre: “Venceréis, mas no convenceréis”.

Tanto la miseria como las guerras interminables han impulsado, desde fines del siglo XX y principios del XXI, movimientos migratorios en todo el mundo. Los campamentos de refugiados terminan convertidos en emplazamientos donde se cronifican multitudes, que viven en condiciones miserables y desprovistas de cualquier tipo de asistencia. Desde esos campamentos migran en condiciones infrahumanas, cruzando los mares, arriesgando sus vidas en busca de un destino mejor.

Así la sociedad asiste con horror a la multiplicación de casos insólitos. Violaciones en grupo que se replican de un lugar a otro, como si la exposición pública y la denuncia de los hechos tuvieran un efecto estimulante. Un joven es agredido en La Coruña por su condición sexual y un grupo lo patea en la cabeza hasta matarlo a lo largo de 150 metros al grito de “maricón”. Ninguno de los agresores tenía antecedentes penales. Hechos similares se suceden en diferentes partes de España, donde resido.

Quienes sobreviven y llegan a destino comienzan otro calvario que depende de la actitud de país receptor. Aun en caso de ser aceptados, deberán enfrentar las acusaciones llenas de odio de ser los causantes de todos los males: robos, violaciones, etc. Es importante constatar que ningún estudio sociológico avala estas acusaciones que solo alimentan el racismo, la homofobia y la xenofobia.

No obstante, cuando desde las organizaciones sociales se denuncian estos hechos reclamando no solo justicia, sino una reflexión frente a los discursos incitadores, la presidenta de la Comunidad de Madrid, Isabel Díaz Ayuso, responde: “‘En realidad, la homofobia está en la cabeza de la izquierda, porque la Comunidad es segura, abierta y respetuosa’, ha lanzado Ayuso en su estreno parlamentario del nuevo curso político” (CABALLERO, 2021, párr. 2).

Además, negar la realidad de las agresiones homófobas para atribuir la a las fantasías de quienes las denuncian es una clara muestra de la incitación al odio mediante el uso de mecanismos propios de la parte psicótica de la personalidad. Se recurre a una construcción que niega la realidad y en la que confluyen las proyecciones para formar un objeto bizarro, figura que se contrapone al pensamiento reflexivo. Lo cito porque me parece una imagen surgida de la realidad cotidiana, que ilustra la formación de objetos bizarros descrita por Bion.

No creo que quienes lanzan estas acusaciones funcionen con una parte psicótica, sino que lo hacen desde la fría racionalidad de sus “asesores”. Pero

ARTIGO

estas proclamas inciden en el funcionamiento primitivo de la población inquieta y angustiada por los hechos terribles que nos ofrecen las pantallas.

Este discurso racional incita la violencia en los destinatarios que pueden reaccionar “viendo” el enemigo allí donde se lo señalan. Estaríamos ante una manipulación perversa, que estimula el odio latente y, al incrementar su violencia, se abre la vía de la proyección.

Fernando Rodríguez Rey es jurista en la fiscalía general del Estado en España y coordina la actuación de todos los fiscales españoles especializados en delitos de odio y discriminación. En una entrevista reciente, contestaba al periodista:

Aunque el primer motivo de delitos de odio sigue siendo el racismo y la xenofobia, el segundo es la orientación sexual y la identidad de género. Las agresiones han crecido, es una tendencia de los últimos años que resulta contradictoria. (RODRÍGUEZ REY, citado en GARCÍA BUENO, 2021, párr. 3)

Nuestra sociedad es cada vez más compleja y diversa: hay más población migrante, de orígenes dispares, con rasgos faciales distintos; las orientaciones sexuales son diversas, hay personas que cambian su identidad de género... Y una parte de la población, yo creo que minoritaria, percibe ese mundo cambiante como una amenaza. (párr. 5)

Preocupa especialmente el aumento (y la violencia) de las agresiones homófobas. (párr. 1)

REFLEXIONES FINALES

De manera inevitable estas incitaciones de odio y la intolerancia al diferente alertan frente a la reaparición de tendencias que llevaron en la primera mitad del siglo XX a la instauración de regímenes totalitarios. En uno de sus ensayos, el historiador Enzo Traverso (2020) nos explica, citando a Max Weber (2012), cómo se construyen aparatos burocráticos a través de procesos de *deshumanización*. *Deshumanizar*, según Weber, significa eliminar el amor, el odio y todas las emociones y especialmente los sentimientos irracionales y desprovistos de cálculo en el tratamiento de las tareas administrativas con que la burocracia realiza su tarea específica. La civilización moderna, prosigue Weber, está dominada por la figura del *especialista* tan *rigurosamente objetivo* como indiferente de los *asuntos humanos*.

Parafraseando las ideas expuestas, ¿no es pertinente preguntarse si la capacidad de *deshumanizar* no es un rasgo específico y siniestro de los humanos? Civilizaciones enteras funcionaron proclamando las libertades, mientras se sostenían en regímenes esclavistas; para ello, se sustentaban en la condición no humana de sus esclavos. El fascismo y el nazismo del siglo XX consideraron no humanos a quienes mandaban a los campos de concentración y exterminio. Las “fábricas de la muerte” reunían los mayores avances de la racionalidad técnica junto con los fines irracionales del exterminio de pueblos enteros.

Al final de la siniestra cadena burocrática, los ejecutores actuaban sin odio, golpeaban y mataban sin odio, como lo testimonia Primo Levi (1987). Pero, antes, fue necesaria una labor penetrante del odio que deshumaniza hasta el punto que después el crimen se ejecuta con indiferencia.

¿Estamos a tiempo de evitar este terrible deslizamiento?

REFERENCIAS

- BION, W. R. Attacks on linking. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 40, p. 308-315, 1959.
- BION, W. R. Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 38, p. 266-275, 1957.
- BION, W. R. Group dynamics: a re-view. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 33, p. 235-247, 1952.
- BION, W. R. *Learning from experience*. [S.l.]: William Heinemann, 1962.
- BRITTON, R. Developmental uncertainty versus paranoid regression. *Psychoanalytic Review*, v. 97, p. 195-206, 2010.
- CABALLERO, F. Ayuso dice que “la homofobia está en la cabeza de la izquierda” y se compromete a modificar las leyes LGTBI y de género. *El Diario*, 16 sep. 2021. Disponible en: <https://www.eldiario.es/madrid/ayuso-dice-homofobia-cabeza-izquierda-pide-sanchez-persiga-denuncias-falsas_1_8307538.html>. Acceso en: 1 ago. 2023.
- FREUD, S. El malestar en la cultura. En: FREUD, S. *Obras completas* (vol. 18). Trad. de J. L. Etcheverry. [S.l.]: Amorrortu, 1975a. (Trabajo original publicado en 1930).
- FREUD, S. Pulsiones y destinos de pulsión. En: FREUD, S. *Obras completas* (vol. 14). Trad. de J. L. Etcheverry. [S.l.]: Amorrortu, 1975b. (Trabajo original publicado en 1915).
- GARCÍA BUENO, J. El discurso del odio genera un clima, es la antesala de las agresiones. *El País*, 19 sep. 2021. Disponible en: <<https://elpais.com/espana/catalunya/2021-09-19/el-discurso-del-odio-genera-un-clima-es-la-antesala-de-las-agresiones.html>>. Acceso en: 1 ago. 2023.
- HOBBSAWM, E. *Historia del siglo XX*. [S.l.]: Crítica, 1994.
- KLEIN, M. *Envy and gratitude, and other works 1946-1963*. [S.l.]: Hogarth, 1975.
- LEVI, P. *Si esto es un hombre*. [S.l.]: Círculo de Lectores, 1987. (Trabajo original publicado en 1947).
- MARTI FONT, J. M. Sarkozy propone refundar sobre bases éticas el capitalismo. *El País*, 26 sep. 2008. Disponible en: <https://elpais.com/diario/2008/09/26/internacional/1222380007_850215.html>. Acceso en: 1 ago. 2023.
- NADAL, A. Thatcher y Hayek: la sociedad no existe. *La Jornada*, 10 abr. 2013. Disponible en: <<https://www.jornada.com.mx/2013/04/10/opinion/034a1eco>>. Acceso en: 1 ago. 2023.
- TRAVERSO, E. *La historia desgarrada: ensayo sobre Auschwitz y los intelectuales*. [S.l.]: Herder, 2020.
- WEBER, M. *Sociología del poder*. [S.l.]: Alianza, 2012. (Trabajo original publicado en 1920).

PSICANÁLISE EM CENA: CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS SOBRE O CURTA “DOIS ESTRANHOS”

PSYCHOANALYSIS ON STAGE: ANALYTICAL CONSIDERATIONS ON THE SHORT FILM “TWO DISTANT STRANGERS”

PSICOANÁLISIS EN ESCENA: CONSIDERACIONES ANALÍTICAS SOBRE EL CORTOMETRAJE “DOS COMPLETOS DESCONOCIDOS”

Natasha Kelly Vieira Dias¹

Resumo: O trabalho em questão busca, a partir do conceito freudiano de “repetição”, tecer algumas considerações analíticas sobre o curta-metragem *Dois estranhos* (*Two distant strangers*). Neste sentido, trazendo elementos que refletem a sociedade contemporânea, o filme serve como base de reflexão sobre a perversão racista, que goza ao fixar o indivíduo negro na posição de objeto. No entanto, apesar da repetição social que insiste no seu extermínio físico e psíquico, há o desejo pela vida que, ao contornar a morte, insiste e comparece.

Palavras-chave: Dois estranhos. Repetição. Pulsão. Perversão racista.

Abstract: The work in question seeks, from the Freudian concept of “repetition”, to make some analytical considerations on the short film Two distant strangers. In this sense, bringing elements that reflect contemporary society, the film serves as a basis for reflection on racist perversion, which enjoys fixing the black individual in the position of object. However, despite the social repetition that insists on their physical and psychological extermination, there is the desire for life that, by circumventing death, insists and appears.

Keywords: Two distant strangers. Repetition. Drive. Racist perversion.

Resumen: El trabajo en cuestión pretende, a partir del concepto freudiano de “repetición”, hacer algunas consideraciones analíticas sobre el cortometraje Dos completos desconocidos. En este sentido, aportando elementos que reflejan la sociedad contemporánea, la película sirve de base para la reflexión sobre la perversión racista, que disfruta fijando al individuo negro en la posición de objeto. Sin embargo, a pesar de la repetición social que insiste en su exterminio físico y psíquico, existe el deseo de vida que, sorteando la muerte, insiste y aparece.

Palabras clave: Dos completos desconocidos. Repetición. Impulso. Perversión racista.

¹ Professora da rede estadual e municipal. Mestra em Ciências Sociais pela PUC-Rio e historiadora pela UFRJ. Psicanalista associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - núcleo Teresópolis. Poeta e contista. Atualmente desenvolve pesquisas que buscam interseccionar Psicanálise e relações sociais, raciais e de gênero. E-mail: natashakvd@yahoo.com.br

PRA INÍCIO DE HISTÓRIA

O dia nasce sob aparente normalidade na agitada Nova Iorque: as ruas cheias com seus carros a transportar corpos e pensamentos de um lado para o outro, as fábricas a trabalharem ao som do apito de suas máquinas, o metrô na sua insistente parada a cada estação, o desagradável conhecido engarrafamento que anuncia que mais um dia começou...

Sobre a mesa do designer gráfico Carter James (interpretado pelo rapper Joey Bada\$\$), jovem negro norte-americano, alguns papéis rabiscados e os livros de James Baldwin, *The fire next time*, e de Paul Morley, *The age of Bowie*. O fundo musical é uma construção chorosa de G., cachorro de Carter que, àquela altura, parecia sentir algo mais do que apenas fome. Na parede, um imponente retrato pintado de Carter e G. exhibe toda a magnificência e valor daquela amizade.

Era uma bonita manhã. Carter abre os olhos e, ainda sonolento, coloca seus óculos. Ele, porém, não está sozinho. Ao seu lado, na cama, uma bela moça chamada Perri o questiona sobre a sua tentativa frustrada de uma saída furtiva. Os dois se conheceram na noite anterior e, ao que tudo indica, tiveram um encontro bem-sucedido. Mesmo tendo sido convidado por Perri (*Zaria Simone*), dona do apartamento, a permanecer mais tempo em sua companhia, Carter gentilmente rejeita, visto estar preocupado com G. Ele só quer voltar para casa e ver o seu cachorro.

Ainda sob o efeito do que todo bom encontro proporciona, extasiado e contente, Carter sai do apartamento de Perri rumo ao seu destino. Dá passagem a um senhor, cumprimenta uma desconhecida, abre a mochila para pegar um cigarro e, inebriado, sem perceber, deixa cair um maço de dinheiro no chão. Acende o cigarro, vira-se, esbarra em um homem que passa. O homem derruba café em sua própria blusa. Carter se desculpa, oferece reparos. Às suas costas, surge o policial Merk (Andrew Howard).

A abordagem de Merk a Carter passa longe de ser sutil. Ao ser questionado, sob a insinuação de que seu cigarro seria de maconha, Carter retruca o policial, que vai ainda mais longe e questiona a posse do dinheiro de Carter: “É muito dinheiro para quem tem cigarro que não cheira a cigarro”. É então que, de forma repentina e arbitrária, Merk segura a mão e a mochila de Carter e o coloca contra a parede. É a partir daí que se estabelece uma crescente de violências. À medida que Carter se protege e defende, o policial Merk aprofunda as agressões físicas, agora com o apoio de mais dois colegas policiais. Tudo isso se passa sob a lente da câmera de celular de uma senhora comerciante, que inutilmente esbraveja: “Ele não fez nada! Solte ele”. O barulho e a tensão vão dando lugar ao chiado turvo da quase inaudível frase de Carter: “Não consigo respirar, me solta, não consigo respirar!”

Carter abre os olhos e, para sua surpresa, está vivo. Novamente, acorda ao lado de Perri, no mesmo lugar. Daí em diante, Carter revive a mesma rotina traumática, em que não importa o que ele faça, como se comporte ou como tente alterar os fatos, ele é sempre morto de diferentes formas pelas mãos da polícia, braço armado do Estado, todos os dias, ao tentar apenas retornar para a casa.

O filme *Dois estranhos* (*Two distant strangers*) é um curta-metragem, de 32 minutos, dirigido por Travon Free e Martin Desmond Roe. Com produção da Netflix, foi lançado nos EUA em 2020. O curta, que ganhou o Oscar de Melhor

ARTIGO

Curta-Metragem em Live Action, é inspirado na morte de George Floyd (2020, EUA) e faz alusão à realidade do racismo e à violência policial nos EUA.

Apesar de a narrativa ficcional de repetição temporal ser comum a muitos filmes, como o tão lembrado *Feitiço do tempo* (1993)², em que, no geral, algum personagem em específico vive e revive para melhorar algum aspecto comportamental e/ou existencial, no caso do curta *Dois estranhos*, o enredo é usado para denunciar como qualquer jovem negro pode ser Carter e como a sociedade figura o racismo estrutural e institucional de Merk sob diversas facetas. Mais, evidencia como a política de extermínio é uma repetição que ocorre diariamente de forma indiscriminada na vida de jovens negros.

É a necropolítica (MBEMBE, 2018), isto é, o genocídio da população negra enquanto um projeto de Estado. Tal realidade não se presentifica apenas no contexto social norte-americano. Ao contrário, é comum à experiência histórica de indivíduos negros que sofrem com a diáspora e com os efeitos da colonização e da escravidão. Dessa forma, apesar de ser ambientado nos EUA, o curta pode nos ajudar a pensar o próprio cenário brasileiro. De acordo com o instituto Sou da Paz, entre 2012 e 2019, a taxa de homicídio de jovens negros foi 6,5 vezes maior do que a taxa nacional. Outro levantamento feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Unicef aponta que “das quase 35 mil mortes de jovens entre 2016 e 2020 no Brasil, 80% eram de negros” (RODRIGUES; FILARDI, 2021). Já a pesquisa feita pela Rede de Observatórios em Segurança Pública constatou que, ao menos, cinco pessoas negras foram mortas por dia em ações policiais em 2021 (CAMPOS, 2022). Em 2020, 78,9% das pessoas mortas por policiais, no Brasil, eram negras (MELLO, 2021). O Brasil, com suas estruturas, instituições e racismo velado, atualiza e reproduz a banalidade da violência sobre corpos negros. Temos para a mesma história nossos próprios protagonistas. No entanto, apesar da morte que impera, há o desejo pela vida que contorna. Seja da forma que for, a despeito da morte que se repete em um *loop* temporal, Carter sempre encontra outra forma criativa de tentar chegar ao seu destino. Em outras palavras, há sempre algo de novo em favor da vida que se apresenta na repetição da morte. É a partir desta perspectiva e sob a luz do conceito freudiano de “repetição” que este ensaio pretende tecer breves considerações a respeito do curta em análise.

REPETIÇÃO E PULSÃO DE MORTE

A repetição é um conceito fundamental para a psicanálise. Freud começa a se debruçar sobre seu estudo já na década de 1910, quando passa da clínica da histeria para a neurose. Em 1919, em *O estranho*, Freud dá um salto na sua definição sobre a repetição e passa a relacioná-la com a “predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente das moções pulsionais e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões” (FREUD, 1996, p. 297). O infamiliar, aqui, se expressaria no estranhamento que causa aquilo que se repete. De todo modo, neste momento, já há uma associação entre repetição e pulsão. No entanto, é apenas no ano seguinte, em *Além do princípio de prazer*,

² *Feitiço do tempo* (*Groundhog day*) é um filme estadunidense, de 1993, dirigido por Harold Ramis. A obra conta a história de um meteorologista (Bill Murray) que se dirige a uma pequena cidade para cobrir o celebrado Dia da Marmota. Contrariando seu desejo de brevemente ir embora, o repórter fica, inexplicavelmente, preso no tempo, tendo que reviver eternamente os eventos daquele dia.

que Freud (1969a), ao descobrir a pulsão de morte, analisando fenômenos que indicavam a insistência na repetição, radicaliza seu conceito sobre as pulsões.

É a partir da observação das situações de desprazer que se repetem de modo continuado na psique e no comportamento dos sujeitos – como os sonhos dos militares em guerra, a neurose traumática e a brincadeira do Fort-da – que Freud se vê confrontado a rever sua tese segundo a qual o psiquismo opera de acordo com o princípio do prazer. Freud, então, elabora sua teoria de que há algo que contraria o princípio de prazer, indo mais além deste. Este mais além é o que ele chama de pulsão de morte. É neste sentido que a compulsão à repetição aparece vinculada à pulsão de morte, ao mais além do princípio de prazer.

O conceito de pulsão de morte radicaliza a base conceitual da teoria das pulsões, uma vez que, a partir da sua elaboração, Freud pôde também articular de maneira integral sua teoria. O caráter conservador, restitutivo e repetitivo seria, então, característica primordial de toda pulsão. Para Freud, “todas as pulsões tendem à restauração de um estado anterior de coisas” (1969a, p. 55). Dessa forma, percebe-se a pulsão como um esforço para repetir um estágio anterior. O que move a pulsão, portanto, é a coerção à repetição. A repetição é característica da própria pulsão, em seu caráter de automatismo. Uma vez que a pulsão tende ao retorno, a satisfação maior a ser buscada, em última instância, seria em um estágio anterior à própria vida, à pulsão de vida. É da importância desse esforço que Freud infere a existência da pulsão de morte, como uma tentativa de repetir um estágio ainda mais anterior, o estágio inorgânico, em busca de um alívio e redução da tensão e excitação. A pulsão de morte, portanto, constitui-se no princípio mais geral da vida psíquica.

No que diz respeito à clínica, nos escritos sobre a técnica, em *Recordar, repetir e elaborar* (1976), Freud associa a repetição à transferência e à resistência. A tarefa psicanalítica, neste sentido, se dá como um esforço de rememoração, de lembrança, de retorno ao passado, ao infantil, à recordação, que se estabelece via o manejo da transferência. Esse processo de recordar, portanto, é revivido na relação de transferência com o analista, numa possibilidade de reatualização do passado pelo analisando, através de uma lembrança cognitiva e afetiva. A transferência, dessa forma, é usada para que a repetição possa ser veiculada, deixando, assim, de atuar na cena da vida para aparecer na cena analítica. Como o processo de recordar é doloroso e angustiante, ele é evitado pela resistência, que é a resistência à associação livre, e pela insistência na repetição. Toda vez que o indivíduo se aproxima de algo recalçado, a tendência de repetir imprime sua força. Em outras palavras, a resistência é uma repetição e a transferência é a transferência de um passado perdido. A tarefa da psicanálise seria, portanto, atravessar a repetição e chegar ao momento da elaboração. Como afirma Marco Antonio Coutinho Jorge (2005), “a elaboração (*Verarbeitung*) confunde-se com o próprio trabalho analítico, na medida em que este visa essencialmente à simbolização” (p. 60).

O tratamento psicanalítico, portanto, já nas entrevistas preliminares, começa com uma repetição. É através da narrativa do sujeito sobre sua história, acessando seu passado, que ele se repete e se reatualiza na relação com o analista. A repetição se apresenta como fonte de sofrimento mais primário. Ela promove nos sujeitos uma sensação de estagnação, de prisão no presente que se manifesta através da repetição de comportamentos e pensamentos, como se houvesse um destino implacável, no qual não se pudesse fugir, uma lei, uma verdadeira “força demoníaca”, um *feitiço no tempo*, que nos suspende e paralisa na dor, no gozo. Todo indivíduo é atravessado e sofre pela repetição psíqui-

ARTIGO

ca. No entanto, no caso de Carter James e de tantos outros indivíduos negros, a repetição psíquica se atualiza na repetição do social.

Carter é morto das mais diversas formas pelas mãos da polícia, independentemente das atuações e cuidados que, como um homem negro, ele deve ter para se manter vivo. Entre estes há destaque para sua atenção em guardar o dinheiro no bolso e esconder sua mochila e casaco. Tal comportamento, longe de isolado e casual, é rotina na vida de pessoas negras, que, ao serem reduzidas pelo imaginário social ao estigma de vagabundos, bandidos e miseráveis, precisam a todo tempo dar provas da sua honestidade e legitimidade de suas posses. Mais, denota como os indivíduos negros precisam estar constantemente atentos às suas vestimentas, seja para não chamar muita atenção, seja para se manter sempre muito bem apresentável, estratégia outra para evitar os olhos nunca distraídos do racismo.

Os dias se repetem, os cenários, as pessoas que passam, as trocas e interações, tudo se mantém. O que muda são as performances de sobrevivência de Carter e a forma como é morto: asfixiado, a tiros na rua, a tiros em casa, pela polícia que invade o apartamento e o assassina antes para depois se certificar do seu endereço e identidade, sob a justificativa de ser uma arma o utensílio de culinária que carregava nas mãos. Carter ainda é assassinado diversas vezes, pelo mesmo policial Merk, por apenas andar pela rua, apenas por ser negro. Neste sentido, uma de suas mortes, desta vez por outros policiais, se dá pela associação de Carter aos contraventores de fato. Percebe-se, portanto, que Carter, como um homem negro, não consegue realizar a banalidade cotidiana que é voltar para casa e encontrar seu cachorro.

Esse retorno à cena traumática é uma característica da pulsão de morte. Aqui, não apenas se estabelece uma relação com o psiquismo, como também com a questão social. Trata-se de uma pulsão de morte social imposta pela cultura racista que insiste na reatualização, sob diversas formas, do trauma que é a própria irracionalidade do racismo, a exterminar não apenas corpos, como também subjetividades negras. Neste sentido, como afirma Jurandir Freire Costa (2021), é urgente para a psicanálise

sublinhar a diferença que existe entre a angústia que é da ordem da castração e a que é da ordem da aniquilação [...] na segunda, trata-se de desfazer a imobilidade da dor vivida pelo sujeito que foi ou é objeto de ataques destrutivos à sua existência. Neste caso, a integridade narcísica de sua imagem corporal, psíquica, moral, social, estética ou erótica pode ser seriamente comprometida na capacidade de metaforizar ou metonimizar a causa do trauma (p. 31).

Prestes a encarar sua centésima morte, Carter imprime uma nova diferença à repetição temporal racista em que se encontra, ao, através da palavra, tentar contornar a sua morte. É quando, ao explicar ao policial Merk sobre o *loop* em que ambos se encontravam, parece ser possível um rearranjo conciliatório. Carter é levado para casa pelo policial Merk. No carro da polícia, sentado no banco de trás como um infrator, Carter e Merk tecem diálogos e parecem se aprofundar mais no conhecimento de um sobre o outro. Em certo momento, Carter, exprimindo sua opinião sobre a desigualdade social ser responsável pelo alto índice de criminalidade entre a população negra, afirma: “O sistema dá o melhor prêmio a vocês pela única coisa que não depende de vocês: ser branco”. Aqui há uma alusão à branquitude, entendida como um sistema que

estrutura e legítimas relações desiguais de poder, ao conferir às pessoas brancas posições e privilégios pelo simples fato de elas serem brancas. Merk responde a Carter, em um suposto tom elogioso de sua retórica: “Na verdade, nunca tive uma conversa tão longa com um de vocês”. Essa frase, por si só, denuncia a des-subjetivação a que pessoas negras são constantemente submetidas. Observa-se que o negro não é considerado como um outro igual, mas sim como um estranho distante, a quem é negado o próprio caráter de humanidade. Como nos afirma Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas*, o negro quer ser um homem. Essa dessubjetivação do outro e a sua fixação na posição de objeto, despojado de subjetividade, é o que há de comum nas perversões. Nessas, não se estabelece o laço amoroso e o consentimento. É desta maneira que a perversão racista, ao racializar os indivíduos negros e reduzi-los a generalizações produzidas por estereótipos sociais, produz sentidos que definem o sujeito a priori, despojando dele a sua subjetividade, de forma a fixá-lo e limitá-lo à sua raça. Neste sentido, a cor se manifesta antes mesmo do sujeito. É a “marca da cor” de que nos fala Isildinha Baptista Nogueira (2017) ou a marca da pele que imprime a “maldição corporal”, de que trata Fanon (2008).

Carter, finalmente, chega à rua de sua casa. No caminho, pichações nos telhados “diga o nome deles”, rememorando inúmeras vítimas negras da violência policial norte-americana. A porta da viatura se abre, possibilitando um close no lema da instituição: “cortesia-profissionalismo-respeito”. Carter sai do carro. Parece não acreditar que o “feitiço do tempo” está prestes a terminar. É o momento em que Merk, exprimindo toda sua perversão sádica, diz não à súplica do jovem Carter, colocando-o numa posição de objeto, estabelece uma relação de tortura entre algoz e vítima e o mata de costas. A satisfação com o gozo que imprime dor no outro é notória no semblante de Merk. Acompanhado da frase “Até amanhã, garoto”, ele sorri. Sobre o chão, o sangue de Carter a desenhar o mapa da África, em uma negra alusão de que a morte de Carter não é isolada, representa, ao contrário, a morte de todo um povo, de uma nação, um genocídio em massa, que extrapola a própria existência do personagem, visto que no dia seguinte haverá ainda outros Merks a reproduzir essa estrutura que extermina negros em um *loop* que não cessa de se repetir:

A montagem perversa não deixa aos sujeitos possibilidade alguma de mudar de lugar, exceto se vier a reproduzir a ordem do gozo que lhe é própria [...] o que é típico do cenário perverso é o desejo de fazer mal ao outro. É este desejo que põe em marcha a cena da perversão e nela circula livremente [...] a perversão racista é uma maneira que tem pulsão de morte de se insinuar no seio da cultura [...] pelo viés da ideologia racial, o racista não apenas projeta no exterior o que o ameaça, como também goza, sem culpa, com a humilhação do outro (COSTA, 2021, p. 40-41).

Cabe ainda refletir analiticamente sobre o título do curta *Two distant strangers*. A imagem que precede a fala, a posição do sujeito diante do espelho, a sustentação das barreiras narcísicas identitárias é o que faz com que determinados indivíduos, numa tentativa de garantir a sua sobrevivência, exterminem o outro, por medo da própria imagem que veem no reflexo do outro. A imagem traz o assentimento do que é semelhante a partir da diferença, o que gera o ódio ao estranho, ao estranho familiar. É o que se repete que causa estranhamento, assim como Merk e Carter, estranhos distantes, que estão em proximidade ao longo de todo o enredo do filme. Dessa forma, é possível supor que a aversão que muitos espectadores tiveram ao filme parte também da presentificação do

ARTIGO

infamiliar que se atualiza na repetição. É o real, núcleo comum entre o inconsciente e a pulsão, que invade e, a partir dele, uma ficção é provocada. Uma ficção que sustenta esse real. A repulsa causada em muitos mostra como esse estranho distante se mostra mais próximo do que um irmão. É a própria inflação do eu que busca expulsar o que não combina. Uma ordem narcísica, construída na relação com o outro, que tende ao apego a si mesmo como forma de se livrar do não saber e do desamparo.

Mesmo sabendo o que tem do lado de fora, mesmo sabendo que o objetivo último do policial é pôr fim à sua vida, Carter não desiste de encontrar o seu destino. A cada volta que dá, algo na repetição se atualiza, não como reprodução, mas como diferença. É a pulsão de vida que prevalece diante da imposição da morte. É o desejo de voltar para casa a qualquer custo: “De uma forma ou de outra, não importa quantas vezes eu tente, eu vou pra casa”, uma recordação do passado que se dá como forma de reinventar um futuro outro. Este é também o trabalho da clínica psicanalítica, que visa ao atravessamento do passado e do presente rumo à elaboração desejante do futuro.

A recordação é condição fundamental para lidar com as repetições, que, pela sua própria estrutura, nunca deixarão de existir no psiquismo, visto que é a forma mais primária de recordação, de encenação do passado. No entanto, é possível, a partir da fala que se repete na associação livre, da repetição que sempre traz em si algo novo, a resignificação, a elaboração. É a partir da simbolização que o sujeito pode ocupar uma posição outra na vida. É a própria práxis psicanalítica que visa a tratar o real pelo simbólico.

Através do esforço de elaboração, que exige o retorno ao passado, Carter desenvolve as condições de barrar o outro, aqui representado pela polícia, pelo Estado e pela sociedade, e se posiciona frente ao seu desejo. É esse movimento de separação que permite a sustentação desejante.

No que diz respeito à passagem, ao contrário dos atos da cena dramática, que servem como marcadores de uma repetição, o ato analítico, isto é, o corte na cena analítica, serve para fomentar uma interpretação, uma elaboração que vise a uma mudança, uma resignificação. No entanto, mesmo na cena dramática, a repetição sempre traz consigo algo de novo. Assim como no trabalho analítico, é através da enunciação do *loop* temporal que a novidade emerge da repetição, dada a possibilidade da simbolização que a fala produz.

DIGA OS SEUS NOMES

A arte dramática traz consigo o simbólico que também é acessado através da linguagem musical. Dessa forma, o curta se encerra sob o som da música de Bruce Hornsby, *The way it is*. Composto a cena musical, dezenas de indivíduos negros mortos em decorrência da brutalidade policial são representados pelos seus nomes. “Say their names”: Eric Garner foi assassinado ao separar uma briga, Michelle Cusseaux estava trocando uma fechadura, Tanisha Anderson se encontrava em surto, Tamir Rice brincava no parque, Natasha McKenna alucinava, Walter Scott encaminhava-se a uma autopeças, Bettie Jones atendia à porta, Philando Castile voltava de um jantar para casa, Botham Jean tomava sorvete na sala, Atatiana Jefferson cuidava do sobrinho em casa, Eric Reason estacionava o carro, Rayshard Brooks dormia no carro, Ezell Ford passeava pelo bairro, Elijah McClain estava a caminho de casa, Dominique Clayton dormia em sua cama, assim como Breonna Taylor, e George Floyd se encaminhava ao mercado. Indivíduos despojados de sua liberdade de ir e vir, assassinados diaria-

mente, ao tentar executar as mais variadas atividades elementares do existir, as quais são realizadas no automatismo por pessoas brancas, mas que deixam em alerta os indivíduos negros, pelo simples fato de existirem. Todo dia uma pessoa negra é morta andando na rua, saindo do trabalho, arrumando uma fechadura ou voltando para casa para alimentar o seu cachorro.

Uma vez que o inconsciente é estruturado como linguagem, posto ser uma, e que a psicologia social também é psicologia individual, parece procedente sugerir o poder enunciativo desses nomes, enquanto representações de uma realidade sociopsíquica que precisa ser desmontada, entre outros, através do poder político e libertador da palavra, via de acesso à cadeia de significantes e, portanto, de possibilidade de entrada e construção múltipla e variada no simbólico. “Alguns nomes entre muitos, diga o nome deles, lembre-se dos nomes deles.” É a linguagem com seu poder e capacidade de criar um “para além da vida”, relacionando-se, assim, com a própria pulsão de morte. Jorge destaca que Lacan, ao criticar as acusações de uma biologização da teoria psicanalítica, aponta para a metáfora do retorno ao inanimado como uma “margem para além da vida que a linguagem assegura ao ser pelo fato de ele falar” (LACAN apud JORGE, 2005, p. 62). Assim, “A linguagem está relacionada com a pulsão de morte na medida em que ela determina o ser *falante mais além de sua condição de vivente*” (JORGE, 2005, p. 62).

É essa condição de ser falante que permite uma elaboração outra, uma nova interpretação, um novo lugar e posição que surgem, inclusive e sobremaneira, da repetição. Deste modo, uma vez mais sobre a clínica, tem-se que a fala do analisante sempre se expressa enquanto uma repetição: o submetimento desejante e alienado em relação ao Grande Outro, dada a ele a lei, a voz sobre o seu desejo. No entanto, sempre se opera uma diferença na aparentemente monótona e constrangedora repetição. De tanto falar, de tanto repetir, de tanto retomar, espera-se que o sujeito perceba a repetição e se reposicione enquanto sujeito desejante.

O curta chega ao fim com uma frase da música *Changes* do rapper norte-americano Tupac Shakur: “Learn to see me as a brother instead of Two Distant Strangers” (“Aprenda a me ver como irmão em vez de sermos dois estranhos distantes”). E parece mesmo que o estranho Merk tinha razão sobre uma coisa: “Se seu passado é sinal do seu futuro, eu daria o fora daqui”. Carter já havia compreendido o enunciado muito antes da palavra falada por outrem. Diante da sociedade racista que, como lei, se impõe, buscando a marginalização e extermínio da sua vida, através da repetição do mesmo dia, Carter vai se reposicionando subjetivamente frente ao desejo do Grande Outro, em um trabalho de deliberação e agência enquanto sujeito desejante que, em última instância, exprime o desejo radicalmente elementar na sua legitimidade psíquica e social, qual seja, o de se manter vivo.

- Eu entendo agora que, não importa o que eu diga ou faça ou como eu tente fazer, o cara só quer me matar.
- E então? Vai deixar que ele o mate sempre?
- Claro que não! [...] Vou pensar numa saída. Não importa quanto tempo vai levar, nem quantas vezes. De uma forma ou de outra, vou pra casa ver meu cachorro.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Ana Cristian. Negros são maioria dos mortos em ações policiais. *Agência Brasil*, 17 nov. 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-11/negros-sao-maioria-dos-mortos-em-acoes-policiais/>>. Acesso em: 26 set. 2023.
- COSTA, Jurandir Freire. Do desamparo narcísico ao desespero: incidências da violência racista na economia psíquica. In: COSTA, Jurandir Freire. *Relações raciais na escuta psicanalítica*. São Paulo: Zagodoni, 2021. p. 27-43.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969a.
- FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVII)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas (Vol. XII)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GROUNDHOG Day. Direção de Harold Ramis. EUA: Columbia Pictures, 1993.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan as bases conceituais (Vol. 1)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2018.
- MELLO, Igor. Letalidade policial é recorde no país; negros são 78% dos mortos. *Portal Geledés*, 16 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/letalidade-policial-e-recorde-no-pais-negros-sao-78-dos-mortos/>>. Acesso em: 26 set. 2023.
- NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Cor e inconsciente. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lucia da. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 121-126.
- RODRIGUES, Cleber; FILARDI, Isabela. Negros somam 80% das mortes violentas de jovens no país, aponta estudo. *CNN Brasil*, 15 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-somam-80-das-mortes-violentas-de-jovens-no-pais-aponta-estudo/>>. Acesso em: 26 set. 2023.
- TWO DISTANT STRANGERS. Direção de Travon Free e Martin Desmond Roe. EUA: Netflix, 2020.

A TEIA SINTOMÁTICA ENTRE O CONSUMO E O CONSUMISMO¹

THE SYMPTOMATIC WEB BETWEEN CONSUMPTION AND CONSUMPTIONISM
LA RED SINTOMÁTICA ENTRE CONSUMO Y CONSUMISMO

Alan César Dias Amaral²

Maycon Rodrigo da Silveira Torres³

Resumo: O objetivo deste texto é fazer uma possível associação teórica entre as ideias de consumo e o conceito de falta em psicanálise. Com o apoio da literatura psicanalítica e a estrutura do discurso do sujeito frente à relação de consumo, foi feita uma imersão na discussão sobre a linguagem e o inconsciente para identificar a relação psíquica que dialoga com a prática do consumo cotidiano e suas manifestações sociais e éticas. Visa-se a entender melhor a estrutura do simbólico discurso capitalista e trazer algumas respostas possíveis sobre as manifestações de cada sujeito. Cotejou-se a identificação imediata do ciclo do consumo do sujeito como busca do preenchimento deste vazio, que vai além do substancial e necessário, e se estende à tentativa, sem êxito, de alcançar a felicidade eterna, retornando inconscientemente ao estágio anterior à castração.

Palavras-chave: Consumo. Discurso. Linguagem. Sujeito. Psicanálise.

Abstract: The objective of this text is to make a possible theoretical association between the ideas of consumption and the concept of lack in psychoanalysis. With the support of psychoanalytical literature and the structure of the subject's discourse in relation to consumption, an immersion was made in the discussion about language and the unconscious to identify the psychic relationship that dialogues with the practice of everyday consumption and its social and ethical manifestations. The aim is to better understand the structure of the symbolic capitalist discourse and bring some possible answers about the manifestations of each subject. The immediate identification of the subject's cycle of consumption was analyzed as a search to fill this void, which goes beyond the substantial and necessary, and extends to the unsuccessful attempt to reach eternal happiness, unconsciously returning to the stage prior to castration.

Keywords: Consumption. Discourse. Language. Subject. Psychoanalysis.

¹ Artigo originalmente apresentado como trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação em Fundamentos da Clínica Psicanalítica pela Faculdade Maria Thereza (FAMATH).

² Professor e psicanalista. Especialista em Linguagens e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Fundamentos da Clínica Psicanalítica pela Faculdade Maria Thereza, (FAMATH). E-mail: alanculturarte@gmail.com

³ Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenador da Pós-Graduação em Fundamentos da Clínica Psicanalítica (FAMATH). E-mail: maycon.torres@mariathereza.com.br

Resumen: El objetivo de este texto es hacer una posible asociación teórica entre las ideas de consumo y el concepto de falta en psicoanálisis. Con el apoyo de la literatura psicoanalítica y de la estructura del discurso del sujeto en cuanto a la relación de consumo, se hizo una inmersión en la discusión del lenguaje y del inconsciente para identificar la relación psíquica que dialoga con la práctica del consumo cotidiano y sus manifestaciones sociales y éticas. El propósito es comprender mejor la estructura del discurso simbólico capitalista y proporcionar algunas posibles respuestas sobre las manifestaciones de cada sujeto. Se cotejó la identificación inmediata del ciclo de consumo del sujeto como una búsqueda para llenar ese vacío, que va más allá de lo sustancial y necesario, y se extiende al intento, sin éxito, de alcanzar la felicidad eterna, volviendo inconscientemente a la etapa anterior a la castración.

Palabras clave: Consumo. Discurso. Lenguaje. Sujeto. Psicoanálisis.

INTRODUÇÃO

Um dos desafios clínicos contemporâneos são os sintomas associados ao consumo, que compreendem desde o uso de drogas e medicações até vícios em jogos e aparelhos eletrônicos. O comportamento de adição não é exclusivo da contemporaneidade, tendo registros ao longo da história da medicina. Entretanto, é possível estabelecer uma correlação do aumento destes sintomas em diferentes quadros clínicos e na população geral. A orientação psicanalítica não identifica nestes sintomas diagnósticos estruturais específicos; são compreendidos como fenômenos clínicos enquanto posição subjetiva em relação ao gozo (TORRES; VIDAL, 2020).

O consumo é intrínseco à sobrevivência. Uma forma de vida, no nível orgânico, exige o consumo de outros componentes para sua sobrevivência. A especificidade do ser humano, enquanto ser falante, revela sua retirada do campo da natureza, pois suas necessidades não se restringem ao campo orgânico. Emerge a dimensão do desejo esboçado nas margens da demanda rasgada da necessidade. A condição humana é ter sua natureza desnaturalizada pelo simbólico, que cria um apelo incondicional na relação com o Outro da linguagem. Instala-se, desta maneira, “forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (o que é chamado de angústia)” (LACAN, 1998, p. 828).

O consumismo pode ser definido como efeito de um comando, de um discurso de mestria. A urgência da satisfação de uma necessidade impõe ao sujeito uma forma de relação com o objeto marcadamente pela insatisfação e o reflexo de um consumo abusivo, sempre dependente de maiores quantidades. É na impossibilidade de satisfação que a demanda se desgarra do orgânico e articula-se no campo discursivo. A teoria lacaniana dos quatro discursos apresenta o discurso como uma forma de aparelhamento de gozo e uma produção de laço social específica. Como característica das sociedades atuais, tais sintomas podem ser lidos como efeito do Discurso do Mestre e do Discurso do Capitalista (LACAN, 1992).

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a temática relacionada ao consumo contemporâneo associado ao Discurso do Capitalista no contexto de um “discurso dos mercados” conforme proposto por Lacan (1992). Este ensaio teórico objetiva pensar a forma de experiência do desamparo inerente ao sujeito humano e a relação com o consumo.

A TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS

Lacan (1992) estabeleceu a teoria sobre os quatro discursos permeados pelos acontecimentos turbulentos na cultura e na política ocidental em 1968. Criou uma estrutura conceitual que entrelaçava o que se compreendia como da ordem da subjetividade tal qual apresentada na clínica psicanalítica e nos processos culturais e históricos. Os discursos “são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem a palavra, que vem em seguida alojar-se neles” (LACAN, 1992, p. 158-159).

Os quatro discursos estruturam-se a partir de quatro lugares fixos apresentados como o agente, o Outro (saber), a verdade e a produção, que são ocupados por quatro termos, sendo eles S1, S2, \$ e a. A leitura deve ser no sentido de giro a partir do lugar de agente ao Outro e cada discurso se diferencia pela mudança dos termos e a relação do sujeito ao Outro parte do lugar do agente (TORRES; VIDAL, 2020). O Discurso do Mestre, sendo o primeiro discurso, também representa o próprio inconsciente. Sua base constitui-se a partir de um sujeito definido como sujeito barrado (\$), que é representado por um significante S1 para outro significante S2, deixando um resto (a), um “saldo”, real, aquele que escapa ao simbólico e ao imaginário, da estrutura real-simbólico-imaginário (RSI), como bem salientado por Néstor Braunstein (2010).

O discurso na psicanálise é, por definição, produtor de laço social e fica estabelecido que sua forma estrutura-se de quatro maneiras diferentes, de tal modo que cada discurso produz uma forma de laço social específica. O Discurso do Analista (DA) é o avesso do Discurso do Mestre (DM), pois no lugar de agente do discurso está o objeto a como causa de desejo e não o significante mestre (S1). Por ocupar lugar de agente, o analista se oferece como causa de desejo fazendo o semblante do objeto. Além disso, “é importante ressaltar que o discurso do analista é o único laço social que trata o outro como sujeito” (BADIN; MARTINHO, 2018, p. 146).

Em 12 de maio de 1972, Lacan (1978) proferiu uma conferência a respeito do discurso analítico e fez referência ao Discurso do Capitalista (DC), estabelecendo sua relação estrutural com o Discurso do Mestre. O mestre moderno é o capitalista, na medida em que ocorre uma modificação no lugar do saber. Isto também se refere a um uso específico da linguagem que ocorre na direção de um movimento totalizante, do significante como Um e não como o que representa o sujeito para outro significante. Outro aspecto a ser destacado é a relação que a ciência moderna, caracterizada pela matematização e ação sobre o real, estabelece com o Discurso do Capitalista ao favorecer um modo de apreensão organizável do gozo. Isto se dá a partir do saber que se insere em um mercado, denominado de mercado de saber. A consequência é o processo de homogeneização do sujeito que, por definição, está entre dois significantes, mas reduzido a traços identitários (LACAN, 2008b).

No Discurso do Universitário, o significante mestre ocupa o lugar da verdade, na medida em que, na ciência, toda pergunta sobre a verdade é silenciada. O agente é o S2 que ocupa a posição de uma “pretensão insensata” (LACAN, 1992, p. 166), pois o que produz é um sujeito como ser pensante que ignora sua causa e nunca como senhor do saber. Existe a expectativa de criar um saber sobre o objeto a, como algo possível de ser manipulado. Não é sem motivos que o DU, junto da ciência, engendra pequenos objetos tecnológicos (*gadgets*) que capturam o desejo. Assim, a verdade neste discurso é tomada pelo comando do signo do mestre: “o S1 do mandamento *Continua a saber* – [que]

pode velar, sobre o que este signo, por ocupar esse lugar, contém de enigma, sobre o que é este signo que ocupa tal lugar” (LACAN, 1992, p. 98).

Essa aproximação dos discursos reflete um contraponto excludente. Apesar das analogias feitas na formulação entre o DC e o DU tanto no discurso dos mercados quanto no Discurso do Analista, percebe-se que o sujeito contemporâneo organiza-se através de um ou outro. O analista contemporâneo é convidado a trabalhar com a relação extremamente complexa entre o subjetivo singular, que permeia o próprio sujeito, o particular do sofrimento, e o geral do grupo na sociedade, que tende à totalização. O que deve estar posto é que o DA dá lugar a uma relação com o saber que não é externo ao sujeito, mas produto de sua experiência: “O que se pode saber é solicitado, no discurso do analista, a funcionar no registro da verdade” (LACAN, 1992, p. 101).

Faz-se necessário o estudo, na psicanálise como método, destes atravessamentos que se desenvolvem nos meandros dessa dificuldade de articulação. Com isso, a psicanálise deve considerar a clínica em cada momento histórico, diante de uma análise crítica do panorama avaliado. No contexto atual, o capitalismo selvagem, que utiliza o desejo como forma de controle social, revela um mal-estar. Ocorrem incidências perversas, esse fascínio pelo que é proibido, como dizia Freud (2010), em *O mal-estar na cultura*, diante do sujeito do inconsciente (MAGALHÃES; SUSSUARANA, 2013).

O consumismo fez uma gestação de síndromes e transtornos no *Manual Estatístico de Diagnóstico dos Transtornos Mentais* (DSM-5), que nos diz de uma pulsão de morte através de comportamentos compulsivos mais diversos no mundo contemporâneo, compulsões de objetos de consumo, sob a égide das pulsões parciais, na relação de consumir e ser consumido. A psicanálise, com isso, deve situar-se em uma postura crítica em torno do contexto atual, através das suas ferramentas teóricas pautadas na prática clínica. Constata-se uma posição lógica em que o sujeito se faz consumir frente aos objetos fornecidos pela ciência e pelo mercado e entre estes objetos estão não só as moléculas das substâncias químicas dos medicamentos, mas, também, as palavras classificatórias de diagnósticos: “o objeto-produto passa a ser o que causa o desejo no sujeito, dessa forma, o sujeito começa a fazer laço social com este objeto-produto da ciência” (TEODORO; SIMÕES; GONÇALVES, 2019, p. 3).

A TEIA ENTRE O DESEJO E O GOZO

A Revolução Industrial traz a gestação do consumo na sua estrutura mais inerente, pois o inaugura não como um desejo do sujeito, mas sim pela sua necessidade de adaptação e sobrevivência. O consumo, que sempre esteve ligado à sobrevivência, tem se transformado dentro de uma teia de sintomas pós-contemporânea nutrida por uma busca ao gozo. O consumismo parece nascer da falta de um objeto de satisfação e felicidade plena, perdido na castração, que vai gerar uma angústia, um mal-estar existencial que leva o sujeito a buscar consumir cada vez mais. O consumo agora não se restringe à sobrevivência, mas opera como tentativa de preenchimento deste vazio gerado pela castração. Evidentemente, esse espaço não pode ser preenchido nem pelas religiões nem pelo capitalismo, o que vai acarretar novos sofrimentos sociais e psíquicos, mantendo o sujeito nas amarras do gozo, essa repetição pelo sofrimento, em que o desejo se acortina. A fantasia de prolongamento da felicidade e do prazer é capaz de manter o próprio modo de operação consumista e controladora do capitalismo. Quando se refere a esse vazio, entende-se o espaço que sobra entre a separação da ideia e o afeto, no momento da castração, que faz o

ARTIGO

sujeito repetir os seus sintomas, numa tentativa de preencher plenamente esse espaço. É neste ensejo que Lacan (2008b) entende o sintoma como um modo de mais-de-gozar, uma resposta à falta constitutiva corporificada pela operação da castração. Um gozo pleno está remetido ao real enquanto impossível e o que resta ao sujeito é sua articulação com a linguagem.

A relação entre o consumo e a pulsão, especialmente ao objeto oral e às fantasias de devorar do sujeito, confirma uma colisão inconsciente do “consumismo à consumição”, levando o sujeito da posição de consumidor à de objeto a ser consumido. O DC permite acesso a formas de gozo que não mais se submetem ao registro simbólico da linguagem e o sujeito reduzido a seu corpo é consumido pelo próprio gozo (LACAN, 1978). O tratamento da questão do consumo pela ética da psicanálise deve levar a proposta de que “o valor de uma coisa é a sua desejabilidade, ou seja, trata-se de saber se ela é digna de ser desejada, se é desejável que a desejemos” (LACAN, 1988, p. 24). O consumismo traz consigo a ideia do desejo e da felicidade plena, estruturada exatamente na construção psicanalítica do desejo pela falta. Isso gera uma relação sintomática com o próprio mundo, já que o desejo de consumir acaba gerando o desejo de ser consumido, num sintoma que acaba gerando toda essa teia de desejo e gozo (ROSA, 2010).

É interessante pensar também sobre o laço entre os significantes da religião e do capitalismo. Pois parece que o sistema capitalista contemporâneo tem uma premissa muito próxima à religião, enquanto significante de preenchimento do vazio. A religião é uma ilusão que se sustenta no anseio pelo Pai para defesa contra as forças da natureza junto, ainda, do anseio de retificar as limitações da cultura (FREUD, 2010). Diante disso, trata-se de um significante religioso em que, se de um lado, a religião parece querer dar um sentido ao mundo ou ao real, que é impossível de se representar, por outro lado ela parece se escorar na fantasia de um assujeitamento do sujeito. Sublinha-se fantasia porque o sujeito persiste, mesmo sendo negado.

O retorno à barbárie é uma possibilidade que envolve o ser humano na condição de ser ameaçado em seu narcisismo. Ele é convocado a lidar com sua posição de desamparo. A violência atual acentua-se na sociedade, espremida pelos excessos do capitalismo, e na esfera do valor pelo que se tem, o sujeito mergulha na pulsão de morte, ou via imersão medicamentosa da indústria farmacêutica. Ou, ainda, no consumo desenfreado e em deslocamentos compulsivos, os quais se tornam também suplementos ineficazes.

No capitalismo, são os operários, proletários, que substituem o escravo. Na nova tirania, o que se altera? Com o aumento das inovações tecnológicas, objetos funcionais e cada vez menores, trazem dispositivos portáteis (novos servos), que às vezes até nos remetem à toxicomania, tamanha é a exclusividade com que o sujeito se relaciona com esses *gadgets* (FERREIRA, 2019). Porém, por outro lado, estão condenados a serem descartáveis na sociedade capitalista, o que nos remete ao discurso de mercado e à tentativa de concretizar o objeto *a*.

Na sociedade líquida,⁴ onde tudo escapa, o que escapa gera ansiedade, que novamente nos remete à angústia da castração. A proliferação de transtornos

⁴ Zygmunt Bauman (1925-2017) foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia. Em suas principais obras, *Modernidade líquida* (2000) e *Amor líquido* (2004), Bauman escreveu sobre o conceito de “relações líquidas” em que as relações amorosas deixam de ter aspecto de união e passam a ser mero acúmulo de experiências.

ansiosos corrobora a forma como os discursos contemporâneos tentam lidar com a angústia, que é estrutural para os seres falantes. A arte e a literatura versam sobre isso e a metáfora do poço de Edgar Allan Poe (2008) indica um real completamente despido. Na obra *O poço e o pêndulo*, o sujeito é preso e condenado à morte pelo Tribunal da Inquisição. Ele é jogado em um poço escuro, sem luz e sem comida, onde fica preso e sem saber seu destino. A metáfora do poço simboliza a incerteza, o medo e a sensação de desamparo que o protagonista sente em sua situação. O poço é um buraco, sem escapatória, em que a angústia irrompe por não haver furo, pela impossibilidade de um corte que atravessasse a delimitação de dentro e fora.

No percurso de cada sujeito, as situações de desamparo e angústia sempre se fazem presentes. Porém, como neuróticos, os sujeitos recorrem à construção imaginária da infância para tentar reagir a essas situações. Busca-se um aconchego no mundo interno ou nas construções de imaginação simbólica: os laços sociais que o mundo externo oferece são partes estruturais destas construções.

Neste olhar, os laços estabelecidos para lidar com o desamparo psíquico mudam de acordo com a cultura atual e o momento histórico. A fantasia funciona como um filtro simbólico-imaginário para recobrir a insuportabilidade do real. Ao mesmo tempo que permite ver, a fantasia cega o sujeito ao tomar como referência um ideal de satisfação estruturalmente impossível. Estariam os seres humanos ainda buscando o néctar dos deuses?

Em *O mal-estar na cultura*, Freud (2010) apresenta a ideia de felicidade no seu conceito mais ambíguo. “O sentimento de felicidade originado da satisfação de um impulso selvagem, não domado pelo eu, é incomparavelmente mais intenso do que aquele que resulta da saciação de um impulso domesticado” (FREUD, 2010, p. 24). Do mesmo modo, é categórico ao afirmar que a felicidade do ser humano não está prevista nos planos da natureza. Toda cultura engendra um mal-estar, efeito da insatisfação pulsional, ao mesmo tempo que a própria cultura, como efeito das construções humanas, tenta oferecer respostas ao padecimento. Frente aos diferentes tipos de impossibilidades do real, em especial a restrição de prazer e o envelhecimento do corpo, a ciência oferta objetos cada vez mais potentes e eficazes e a religião aumenta suas promessas a respeito de um futuro de prosperidade.

Toda a estrutura do sistema atual tem um jogo de amarras que visa, primeiramente, a alimentar a cadeia de poder, através da sedução de ofertar o consumo em troca da felicidade e, por outro lado, busca satisfazer esses impulsos mais perversos. Nesse jogo, podemos identificar todo o investimento libidinal que o sujeito articula para aplacar a falta, o vazio e a sua condição de angústia em seus impulsos domesticados e éticos, já que o superego é a estrutura que vai incitar esse sujeito a mergulhar na relação de gozo, que é a satisfação de todos os impulsos. Nas sociedades de consumo está à mostra uma forma de gozo muito próxima da perspectiva perversa-fetichista. A criação de objetos de satisfação que servem como meio de gozo e esquiva da castração atualiza um sadismo superegoico em que o consumismo se torna uma resposta ao imperativo de gozar. Além disto, outra marca contemporânea, os sintomas pautados nos impulsos e nos atos, pode ser lido como uma paradoxal tentativa de fazer basta ao imperativo de satisfação (QUINTELLA, 2020).

Do ponto de vista do sujeito, é importante identificar o ponto em que se articula e se inicia todo esse processo, que Freud (2006a) chamou de repetição e sintoma, pois a estrutura social sempre dialoga através desse mecanismo da

ARTIGO

repetição que faz o sujeito desejar o consumo para preencher esse vazio da castração, esse vazio existencial e civilizatório, que nos torna sujeito do desejo. Ao mesmo tempo, é justamente na repetição que se abrem as possibilidades para a intervenção clínica, pois, ao repetir, o sujeito defronta-se com algo que é alteridade do próprio desejo inconsciente: cabe ao analista manejar a compulsão à repetição e colocá-la a serviço do tratamento.

O discurso do sujeito no capitalismo, ou o sujeito comum que atravessa a linguagem simbólica e direciona-o para um lugar de construção social imaginária, parte de um lugar em que se deu a escuta com o grande Outro, ou seja, a estrutura da linguagem comumente expressa pela família e a sua narrativa: “Quando alguém diz que a palavra me foge, por exemplo, supõe em primeiro lugar que a palavra esteja ali” (LACAN, 2002, p. 138). E assim, a fala articula-se dentro de uma intenção inconsciente e não consciente, buscando, de uma forma ou de outra, retornar ao estágio infantil marcado pela nostalgia narcísica.

No encontro oportuno com a ideia da felicidade, faz-se aqui um pilar extremamente ambíguo, já que a felicidade está permeada pelo prazer e pela dor, numa relação conflituosa emocionalmente, que nos remete à questão filosófica entre Eros e Tanatos, Amor e Morte, que sempre atravessou a humanidade. Isso significa que a pulsão de morte e a pulsão de vida estão intrincadas no sujeito, desde a sua linguagem elaborativa de um desejo até a satisfação desse impulso, através do consumo ou um objeto qualquer. “Do mesmo modo que a satisfação dos instintos é a felicidade, torna-se causa de muito sofrer se o mundo exterior nos deixa à míngua, recusando-se a nos saciar as carências” (FREUD, 2010, p. 23). Isso talvez explique o sintoma do consumismo exacerbado, um novo objeto comprado, comparado à sensação de infelicidade inerente à própria vida, trazendo o estado de felicidade.

O Discurso do Mestre, que faz gestar o Discurso do Capitalista como uma corruptela do mestre moderno, tratado nos últimos textos e seminários de Lacan, mostra que a realidade é sempre permeada pelo prazer, dado que ela, a realidade, tem a ver com o sintoma do próprio sujeito e não com a realidade estrutural que se apresenta. Eis então a psicanálise como a chave para furar o imaginário ao buscar a decifração do sintoma através do deslocamento via associação livre do discurso que desequilibra e que permite a emergência do sujeito do desejo em suas falhas. Assim, torna-se transparente que todo o arcabouço que se debruça sobre a questão do consumo gira em torno de que o valor dado ao objeto do consumo está relacionado à sua desejabilidade, desejo de tamponar a falta constitutiva do sujeito (LACAN, 1992).

A relação entre o sujeito e o seu objeto de consumo está intimamente ligada ao significante. Por esse motivo, esse enlace do sujeito com o consumismo vai além da cifragem do real e da sua matemática capitalista, e adentra o universo da sublimação. Na metáfora da esfinge “decifra-me ou te devoro” é onde se constata a relação angustiante do desejo desse Outro não decifrável e visto pelo sujeito. Esse Outro que trata de construir a rede de repetições (repetições como tentativas de elaboração) do sujeito desejante que não cessa de satisfazer as suas pulsões domesticadas, mas numa tentativa enlouquecida de dar sentido ao desejo desse Outro dotado de significantes incompreensíveis para o sujeito angustiado com a repetição e suas angústias.

No decorrer desta investigação sobre a dinâmica do capitalismo e seu discurso totalizante e pulsional, Lacan ressalta que “isso se consome tão bem que isso se consuma” (LACAN, 1978, p. 48). Diante disso, a estrutura alarga-se

cada vez mais para além do ciclo pulsional e do gozo, mas esse ciclo interage também com a ideia de “casamento” de algo que está enraizado, quase inerente à estrutura do sujeito no seu ato de consumir. Diz da função orgânica do capitalismo, que é construída na teia do consumo exacerbado, e que gera uma dívida, ainda maior e de forma oportuna, de culpa no sujeito, que o faz repetir o consumo em busca de aplacar a angústia, numa busca incessante e infinita pela felicidade. Existe um reforço do consumo pelas propagandas que instigam a compra, além da tendência do consumo exagerado de materiais. “Vale tudo para fazer consumir cada vez mais os objetos produzidos pelo capitalismo científico-tecnológico” (QUINET, 2012, p. 38).

Ressalta-se ainda que a busca pela felicidade não é algo contemporâneo. Desde os tempos da cosmogonia da filosofia grega os humanos tentam explicar e dar um sentido à vida, para conseguir buscar alguma forma de felicidade. Mas a partir dessas tentativas de significação da vida, descobriu-se que isso não levaria a uma felicidade eterna. Através da instigação de Freud (2006b, p. 80) “Por que é difícil para os humanos se tornarem felizes?”, percebe-se que o sofrimento e a angústia do ser humano são plurais, vão desde a força da natureza até a fragilidade do corpo diante da vida e os dispositivos sociais, que são responsáveis por prover politicamente as famílias, o Estado e a sociedade. A redução da felicidade ao prazer, característica das sociedades contemporâneas, reforça seu problema em um estatuto ontológico e incita ainda mais experiências de insatisfação.

Diante desta afirmativa, percebemos que o sofrimento humano é uma condição do próprio humano e não uma característica adquirida com a cultura e com a sociedade, e ainda, que esse sofrimento não pode ser anulado, negado ou negociado com as políticas de consumo, já que uma vez que é inerente à condição humana de sujeito, pode apenas ser transformado. Quando se tenta, de uma forma ou de outra, aplacar esse sofrimento, através da compulsão pelo consumo, inconscientemente, o que se quer é dominar a natureza completamente.

A formação orgânica do sujeito, como parte integrante da natureza, é sempre transitória e, por esse motivo, é imprevisível e inevitável nas suas manifestações de angústia. Como salientou Freud (2010), não se pode, em hipótese nenhuma, suprimir todo esse sofrimento; na melhor das hipóteses, apenas uma parte dele, a nossa própria experiência com o mundo nos trouxe esse ensinamento. A própria cultura torna-se uma forma de escudo de proteção desse sofrimento, e na sua ambiguidade, também se torna o mecanismo de agente agressor construindo esse sofrimento.

A narrativa que tange à cultura faz-se importante para pensarmos o elo de aproximação com o sujeito, pois talvez essa cultura explique o Cristianismo ter saído vitorioso sobre as religiões “pagãs”, e também explique, por um lado, a sua canonização e, por outro, a sua demonização, bem como a sua indiferença. O conceito da felicidade sempre esteve ligado a um Deus, ora na visão do politeísmo, ora na do monoteísmo. Aliás, será que seria possível vivermos sem um “Deus”, como uma força que, pelo menos no nosso imaginário, estivesse acima de todos, fora do nosso espaço e tempo? Diante disso, Lacan (1988, p. 379) nos adverte: “É na medida em que a alma fica insatisfeita que é preciso uma vida no Além, a fim de que esse acordo inacabado possa, de alguma maneira, não se sabe onde encontrar sua resolução”.

Aqui, fica claro esse imperativo prático da razão kantiana, trazendo uma separação importante entre o Bem supremo e o Bem moral do próprio sujeito. Porém, a diferença para a psicanálise é que Kant se debruça na razão da moral sem espaço para o gozo da psicanálise, já que sabemos que a moral da psicanálise está no superego, essa lei estrutural que condiciona as nossas ações, permitindo-nos sermos sujeitos desejantes, e que é estruturado pelo grande Outro. Lacan (1988) ainda nos diz que seria perigoso colocar a lei universal como um fim em si mesma, pois sendo esta lei perversa e com todos os sujeitos as seguindo e deixando de lado os sentimentos, a sociedade seria naturalizada, sem espaço para a produção da singularidade de cada sujeito.

O fato é que esse S1 hoje está ligado a esse novo capitalismo e suas formas de consumo selvagem, uma espécie de canibalismo da psique humana. Então, pelo que investigamos até aqui, sempre existiram formatos inabaláveis de se alcançar a felicidade, esse eterno lírio do campo perdido, esse axioma da plenitude: vezes por Deus, outra pela ciência, pelo capitalismo contemporâneo. Mas a busca é sempre sem êxito, e apostando na repetição pulsional do sujeito, que se lança a um objeto que jamais será encontrado, no máximo contornando o objeto como tintas em rascunhos.

Parece haver uma nova forma de o Discurso do Mestre, esse significante unário, apresentar-se pelo capitalismo contemporâneo, a de alimentar esse alicerce do desejo do sujeito, que se traduz em uma busca alienante de ser feliz: a do encarceramento das telas, através de milhões de informações diárias, tamponando a falta e consequentemente o desejo. E ainda, nutrindo o gozo, como algemas capazes de fazer sucumbir qualquer possibilidade de o sujeito desejar, ou seja, de certa independência para desejar. Quanto a essa busca alienante pela felicidade infantil:

O homem certamente se encontrará então em uma situação difícil: terá de reconhecer todo o seu desamparo, sua insignificância no mecanismo do mundo, não será mais o centro da criação e o objeto do cuidado terno de uma Providência bondosa. Ele estará na mesma situação da criança que deixou a casa paterna, tão aquecida e confortável. Mas não é verdade que o destino do infantilismo é ser superado? O homem não pode permanecer criança para sempre; ele precisa sair finalmente para a vida hostil. Pode-se chamar isso de educação para a realidade (FREUD, 2014, p. 122).

No século XXI, baseando-se na nova estruturação do capitalismo contemporâneo e sua ação sobre a produtividade e a eficácia extremas, tão massificada pelas mídias, discutiu-se a ideia de que os novos dispositivos móveis nos trariam uma nova concepção de relações sociais, tendo em vista a relação muito mais individualizada pela qual os sujeitos se articulam, com poucos grupos, sem rodas de conversas, sem tribos, sendo substituídos por salas virtualizadas, poucos oralizadas. Mas isso não se tornou um fato, já que as pessoas passaram a se relacionar novamente em tribos virtuais, em bolhas, sem espaço de abertura para as diferenças contidas no mundo virtual e as suas vastas contradições. E isso parece ser exatamente a margem criada pelo sistema capitalista pós-contemporâneo (podemos chamar também de neoliberalismo). E não só, margens criadas por nós também, pelo medo da angústia de desejar, que através dessas salas virtuais e os algoritmos, impedem o sujeito de sair das margens do seu próprio gozo, e buscar o desejo na falta, que só pode ser constituída na diferença da narrativa, fora das salas e das bolhas dos algoritmos, onde se produz o furo e, consequentemente, uma ressignificação dos nossos desejos.

Dentro dessa teia de códigos virtuais, é possível habitar inúmeras moradias, há um enorme espaço para o imaginário, inclusive um medo, que apesar de nos manter vivos e ser importante para o nosso estado de conservação, acaba por se estender ao próprio desejo, no medo insuportável de ter desejo. E se camufla a angústia de desejar com o gozo pelo preenchimento inacabável de informações diárias, instantâneas e esvaziadas de conhecimento, informações estas sempre com novos adereços de fantasias de completude, esse sentimento oceânico de Freud (2010). Esse gozo apresenta-se como uma autofagia, em que, em vez de se degradarem os componentes das células, degradam-se os componentes do desejo, a angústia e a falta.

As plataformas de aplicativos e redes sociais intensificaram-se com a pandemia de COVID-19, suscitando uma batalha particular entre a linha tênue que dividiu o sentimento de solidão e da solidão de cada sujeito. Hoje, no pós-pandemia, percebe-se não haver mais quase ninguém disposto a esperar as informações e ações, existe uma pressa avassaladora e inexplicável pelo encontro com o sentido, que sabemos que não há, por completo ou o tempo todo. E, por outro lado, as telas de cárceres privados, que nós mesmos nos sentenciamos, remetem-nos a essa janela de assujeitamento. As redes sociais e os *gadgets*, atualmente, funcionam pela permissão dos sujeitos de fixar suas informações publicamente, como se fossem janelas, na espera de um novo encontro, uma imagem ou algo perdido nas noites gélidas. Sobre isso, a psicanalista Maria Homem (2020) advertiu:

O ano de 2020 nos abriu a famosa janela de oportunidade — eu ainda diria de fato uma porta de oportunidade, aquela que se atravessa. Janela é lugar de onde se olha. E se você fica olhando muito, sempre vai ter mais uma vizinha ou uma intriga interessante para observar e assim você vai passar décadas com o umbigo na mesma janela (HOMEM, 2020, p. 21).

O sentimento oceânico está sempre presente nessa escadaria do paraíso que muitos sujeitos insistem em percorrer. Freud (2010, p. 10) ainda nos diz: “Com base apenas nesse sentimento oceânico alguém poderia considerar-se religioso, ainda que rejeitasse toda fé e toda ilusão”. Isso nos traz a ideia de que o ser humano tem uma tendência e uma necessidade imaginária de acreditar em algo que dê um suporte a esse desamparo fundamental da nossa existência.

Ainda mergulhado no Discurso do Mestre, reflete-se sobre esse sentimento inabalável de completude, essa flâmula erguida insistentemente com um pedido de socorro, na tentativa de se desprender das amarras do caos que a vida nos apresenta todos os dias. O DM continua presente, já que a pandemia nos trouxe enormes desafios que ainda não tínhamos experimentado enquanto sociedade. Algumas pessoas, por terem bons empregos e bons espaços de convivência, puderam trabalhar de casa, nos seus aparelhos ultramodernos e seus trabalhos pouco braçais. Outros, num contraste brutal de desigualdade social como nunca antes, tiveram que sair às ruas, exporem-se ao Real e à realidade quase desprovidos de qualquer fantasia que os sustentassem dentro de ônibus, no trem, nas motos entregando comidas, etc. E o interessante é que os que puderam ficar em casa (privilegiados nesse contexto), na expectativa de ser o melhor para todos, agarraram-se na ideia da economia para solução dos problemas que enfrentávamos. Dito isto, a realidade como tentativa de circunscrever com o simbólico e o imaginário o irrepresentável do Real desvelou no período pandêmico o sem sentido subjacente às organizações sociais.

Ou seja, o DM pautou todo o processo de transformação dos laços sociais, já que muitos, tendo em vista esse significativo e acreditando nesses sentimentos de completude ao desamparo avassalador que se instalou em cada lar, preferiram tentar eliminar o objeto principal ou negá-lo, ao não acreditar no grave problema de saúde que se instalou, trazendo a economia no lugar de mestre como a verdade única do discurso. E aqui se resgata uma leitura importantíssima de Lacan (1988), a partir de um contraponto às ideias de Kant, quando nos adverte: “mostra que se essa lei perversa (lei universal) for seguida por todos em uma sociedade, esta será uma sociedade natural. Natural, pois a singularidade de cada pessoa, toda a esfera dos sentimentos, seria negada” (DALBONE; BASTOS, 2009, p. 4).

Percebe-se que, para Lacan, não se pode criar uma lei universal, a partir da razão da moral, eliminando os sentimentos, já que se corre o risco de que esta lei reduza o sujeito ao lugar de objeto, como no caso da pandemia em que expressou-se pela tentativa de salvação da economia por meio do assujeitamento generalizado. O que Lacan (1988) tenta nos revelar é que por trás dos véus da moral há também o gozo, o que escapou a Kant.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere à ausência e ao desejo pela falta, o sujeito desenrola-se em cadeias de significantes através dos discursos de mercado nas sociedades capitalistas. O lugar de saber da verdade no Discurso do Capitalista, assim como no Discurso do Universitário, coloca o sujeito frente a uma incorporação de significantes que formam uma teia em que as escolhas subjetivas são capturadas pelas incidências da realidade cultural e econômica. Será no espaço de uma análise que este sujeito poderá optar por ressignificar sua experiência através da elaboração em um laço social pautado não pelo gozo, mas por sua extração discursiva. Aposta-se na construção de maneiras de se haver com o sofrimento psíquico e questionar a adesão à mercadologia psíquica através do consumo. A travessia em análise possibilita mergulhar no circuito pulsional que não é naturalmente dado, pois há uma montagem junto às injunções culturais (LACAN, 2008a), de modo a problematizar a permissividade em um sistema perverso de dispositivos de manipulação.

A prática psicanalítica tornou-se importante para a ampliação do trato com o sofrimento psíquico gerado pelo alto consumo e a condição de objeto do sujeito no campo relacional, ao operar como resistência ao processo hegemônico que tende a desdobramentos diversos e patológicos de novas formas de sofrer, suficientes para que o sujeito não precise evitar o sofrimento preenchendo todas as suas angústias. A psicanálise que se sustenta em uma ética e não apenas em uma técnica questiona também a promessa de eficácia e resolutividade das psicoterapias que almejam um ideal, escamoteando o sujeito e o gozo para fora da prática clínica. Parece não ser coincidência a nova expansão das técnicas de treinamento e aconselhamento ser correlata ao crescimento da adesão a discursos religiosos que, por sua vez, prometem resolução e apaziguamento da angústia.

Na sociedade líquida e de traços perversos que embota o desejo e retoma a condição do desamparo constituinte ao humano, há um enlace entre a frustração constitutiva do sujeito e a sua relação pulsional com a falta. E é a partir deste caminho, desta fechadura, que a psicanálise deve intervir na busca pelo estreitamento entre o que se deseja e o que se busca preencher. Para isso,

a abordagem psicanalítica deve também se esvaziar do saber que ocupa e da sua característica elitizada que a fez, em alguma medida, afastar-se de algumas questões sociais estruturais de cada sociedade para, a partir disso, mergulhar nas amarras individuais de cada sujeito. Em alguma medida, a psicanálise nasce também pelo fracasso da razão em dar conta do mundo, com seu conceito de indivíduo das verdades externas.

REFERÊNCIAS

- BADIN, R.; MARTINHO, M. H. O discurso capitalista e seus gadgets. *Trivium*, v. 10, n. 2, p. 140-154, 2018. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.140>>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BRAUNSTEIN, N. A. O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, v. 2, n. 1, p. 143-165, 2010. Disponível em: <<https://www.academia.edu/download/46822355/12079-28950-1-SM.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- DALBONE, A.; BASTOS, A. Moral kantiana e ética da psicanálise. *Arq. Bras. Psic.*, v. 61, n. 2, p. 1-6, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200005&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- FERREIRA, A. V. Clínica psicanalítica da toxicomania: reflexões teóricas e manejo clínico. *Revista ECOS*, v. 9, n. 2, p. 212-226, 2019. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2819/1654>>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 2006a. (Obra originalmente publicada em 1920).
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 2014. (Obra originalmente publicada em 1927).
- FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010. (Obra originalmente publicada em 1930).
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. In: FREUD, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 2006b. (Obra originalmente publicada em 1921).
- HOMEM, M. *Lupa da alma: quarentena-revelação*. São Paulo: Todavia, 2020.
- LACAN, J. *Du discours psychanalytique: conférence à l'université de Milan*. Lacan in Italia. 1978. p. 32-55. Disponível em: <<http://ecole-lacanie.net/wpcontent/uploads/2016/04/1972-05-12.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2023. (Conferência originalmente proferida em 1972).
- LACAN, J. *O seminário (Livro 7): a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. (Originalmente proferido em 1959-1960).
- LACAN, J. *O seminário (Livro 8): a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016. (Originalmente proferido em 1960-1961).
- LACAN, J. *O seminário (Livro 11): os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008a. (Originalmente proferido em 1964).
- LACAN, J. *O seminário (Livro 16): de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008b. (Originalmente proferido em 1968-1969).
- LACAN, J. *O seminário (Livro 17): o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. (Originalmente proferido em 1969-1970).

ARTIGO

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Originalmente escrito em 1960).

MAGALHÃES, A.; SUSSUARANA, A. O espectro perverso na sociedade narcísica. *Revista aSEPHallus*, v. 8, n. 16, p. 68-87, 2013. Disponível em: <<https://www.doi.org/10.17852/1809-709x.2019v8n16p68-87>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

POE, E. A. *O poço e o pêndulo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

QUINET, Antonio. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

QUINTELLA, R. O desmentido em questão na psicanálise contemporânea. *Analytica: Revista de Psicanálise*, v. 9, n. 17, p. 1-24, 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/4223>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ROSA, M. Jacques Lacan e a clínica do consumo. *Psic. Clin.*, v. 22, n. 1, p. 157-171, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/tWMWvkkBBPsR8KDn3JhhCGC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

TEODORO, E. F.; SIMÕES, A.; GONÇALVES, G. A. Sofrimento psíquico na atualidade: dos gadgets ao sujeito (con)sumido. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e35437>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

TORRES, M. R.; VIDAL, P. E. V. Clínica psicanalítica e segregação em dispositivo de internação para usuários de álcool e outras drogas. *Polêm!ca*, v. 20, n. 1, p. 43-63, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/55976>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

O SUJEITO EM CONSTITUIÇÃO E O TRAUMÁTICO – ECOS DA VIOLÊNCIA¹

THE SUBJECT IN FORMATION AND THE TRAUMATIC – ECHOES OF VIOLENCE

EL SUJETO EN CONSTITUCIÓN Y EL TRAUMÁTICO – ECOS DE LA VIOLENCIA

Fernanda Dornelles Hoff²

Resumo: Os acontecimentos traumáticos da cultura em que estamos inseridos fazem rasgos importantes nas tramitações dos encontros entre o sujeito do porvir e os cuidadores amorosos. O trabalho a seguir se dispõe a um estudo sobre os movimentos constitutivos do sujeito e a teoria do trauma, tendo como dispositivo a violência às escolas, ocorrências que ferem o pacto humano do amparo de uns aos outros e da preservação da vida. A partir dos enlaces entre a teoria e os acontecimentos traumáticos, propomos uma reflexão sobre os movimentos pulsionais e estruturais do sujeito psíquico.

Palavras-chave: Violência. Ação específica. Pulsão. Recalcamento. Construção subjetiva.

Abstract: The traumatic events of the culture to which we belong leave important marks in the proceedings of the meetings between the subject of the future and loving caregivers. The following work provides a study of the moments that constitute the subject and theory of trauma, having as a trigger violence in schools, which violate human pacts of supporting each other and preservation of life. From the links between theory and traumatic events, we propose a reflection about the pulsional and structural movements of the subject.

Keywords: Violence. Specific action. Drive. Repression. Subjective construction.

Resumen: Los eventos traumáticos de la cultura a que pertenecemos dejan huellas importantes en el desarrollo de los encuentros entre el sujeto del futuro y los amorosos cuidadores. El siguiente trabajo se propone un estudio de los movimientos que constituyen el sujeto y la teoría del trauma, teniendo como detonante la violencia en las escuelas, que viola los pactos humanos de apoyo mutuo y preservación de la vida. A partir de los vínculos entre teoría y eventos traumáticos, proponemos una reflexión sobre los movimientos pulsionales y estructurales del ser psíquico.

Palabras clave: Violencia. Acción específica. Pulsión. Represión. Construcción subjetiva.

¹ Trabalho apresentado na Jornada Bianual da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul - Elos Entre Nós: Desafios e Potencialidades dos Vínculos na Atualidade (2023).

² Psicóloga e Psicanalista. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, coordenadora de seminários e supervisora da Formação. Membro da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, sendo representante do Núcleo de São Leopoldo na Rede da Primeira Infância desse município. Fundadora do Grupo Rede de Conversas Lúdicas.
E-mail: fernandadh@gmail.com

ECOS DA VIOLÊNCIA E O SUJEITO EM CONSTITUIÇÃO

A primeira coisa que ela me falou foi: “papai, eu tava no pátio e eu vi quando ele pulou o muro com um martelo e uma faca... eu corri pra profe, mas eu vi quando ele deu com o martelo na cabeça do E.” – minha filha tá bem fisicamente, graças a deus, mas emocionalmente ela tá destruída... como eu vou tirar isso da cabeça da minha filha?
(CALDAS; GOMES, 2023)

A fala comovente é de um pai após buscar sua filha de cinco anos na creche, em Blumenau, no dia 5 de abril de 2023 – escola que sofrera um atentado, no qual quatro crianças foram mortas e outras quatro ficaram feridas. Por um lado, o alívio ao poder abraçar a filha; por outro, a dor por esta ter sido expectadora de um cenário de terror, borrando o ritmo do amparo que um pai pode dedicar ao filho(a), bem como ao confiar os cuidados à instituição escolar.

Nos últimos tempos, podemos observar que as escolas têm sido alvo de atentados violentos. Frente a isso, cabe ressaltar que, quando o lugar de ampliação dos vínculos afetivos, aprendizado, crescimento, socialização e diversidade sofre tamanha violência, promove perplexidade. O Serviço de Psicologia Escolar da USP contribui para esse contexto com reflexões:

O fato desses eventos ocorrerem em escolas merece atenção. A escola é, em nossa sociedade, espaço de transmissão do legado humano, de cuidado e formação de novas gerações e de manutenção da cultura humana... A escola é nossa resposta social à barbárie; um ataque à escola serve à barbárie (MACHADO; FONSECA, 2023).

Quando a barbárie está em cena, perdemos as referências e, sendo a escola atacada, princípios são afetados, o espaço de transmissão e o cuidado ao sujeito do porvir ficam borrados. A confiança de uns sobre os outros fica ameaçada quando o humano rompe a ética de manutenção da vida.

Embora não seja o propósito desta reflexão, é preciso dizer que seria um tanto reducionista pensarmos que a causa de tamanha brutalidade estaria apenas na loucura de um sujeito. Tivemos, em janeiro último, por exemplo, invasões nos prédios do governo federal, por desaprovação do resultado de uma eleição democrática, cenário este em que a racionalidade se sobrepôs à ética. Vemos quebrado o pacto de respeito ao outro e às leis que nos cercam, sendo a preservação dos feitos humanos desconsiderada e, inclusive, a morte presentificada quando o impulso toma a cena sem que o outro seja visto.

Voltando ao pai citado acima, podemos pensar que querer tirar, apagar da memória da filha a tragédia vivenciada está de acordo com a proteção de um cuidador amoroso, ocupando-se dos efeitos de assistir à tamanha brutalidade com outras crianças, que foram violentadas e mortas. Conforme Lévinas (2005), a humanidade se dá a partir de uma ética, a consideração do outro, *alter*, o que está fora de mim, e por quem me sinto responsável. Portanto, a humanidade nos torna capazes de ter responsabilidade perante o outro, quando um se sensibiliza frente a este outro que é igual a si mesmo, porém, diferente com sua face, sua expressão. Isso se dá desde os cuidados primordiais, com o amparo e o empréstimo, com a dedicação voltada ao alívio da dor, como o pai que nos fala. Mas que efeitos ocorrem quando a violência está em cena na cultura em que o sujeito do porvir está inserido?

O impacto causado pela violência de alguns feitos humanos promove a dor ao ferir a ética de respeito ao outro e de preservação da vida. A cultura em que estamos inseridos produz ecos. Faz-se necessário, diante disso, resistir à banalização da violência. Sem o cuidado e a proteção de uns sobre os outros não há humanização. A imprescindível presença do semelhante faz o organismo que nasce se subjetivar. Não basta nascer para viver.

Partimos do raciocínio freudiano em *Projeto para uma psicologia científica* (1980c), em que Freud faz uma ligação entre o desamparo com que o humano chega ao mundo e a construção de valores morais. Nomeia como ações específicas as realizações do cuidador ao atender àquilo que é uma necessidade específica do bebê a cada momento. Diz-nos Freud:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para o estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo dos seres humanos é a fonte de todos os motivos morais (FREUD, 1980c, p. 336).

O semelhante, experiente, ao sanar o desconforto da fome, do frio ou das dores que o organismo promove, possibilita a satisfação, e com esta imprime marcas da sua sexualidade, fundando a pulsão. As ações específicas realizadas pelo semelhante ao acalantar o bebê possibilitam a sua humanização. Ao ser cuidado e amado, aos poucos o pequeno ser constitui-se como sujeito ético, reconhecendo o outro humano. Diz-nos Silvia Bleichmar, em *La subjetividad en riesgo* (2005, p. 13):

Hay que ver a un niño pequeño ofreciendo su propia comida a la madre, su dedo chupado al otro para que comparta el placer de ese objeto maravilloso de su posesión, para vislumbrar como el narcisismo originario conlleva, simultáneamente a los modos mimético-especulares que generan a la relación al otro, el origen del reconocimiento y la oblación.

Em outras palavras, o pequeno bebê vem ao mundo com necessidades orgânicas e na trama que se dá no encontro com o cuidador se humaniza, tornando-se sexuado. O cuidador primordial dá de mamar, e com sua sexualidade imprime algo, fundando a pulsão. Com isso, põe o sujeito que nasce na lógica da humanização, constituindo-se enquanto sujeito singular. A partir da mediação psíquica de quem lhe cuida e ama, passa a considerar o outro em cena, marca que possibilita a alteridade e a ética como posição do sujeito. Silvia Bleichmar (2006) entende ser a partir da intersubjetividade que o sujeito ético se constrói, através do modo como o adulto exerce o cuidado, ao mesmo tempo que inscreve a sexualidade, faz a pauta social, sendo referência à criança.

Desse modo, a relação com o outro e com o mundo se dá através de desejos. E nessa trama entre objeto de satisfação a quem dirige suas demandas numa constante troca, o sujeito encontra um lugar para si. O humano enquanto ser social e político atravessado pela cultura faz do sujeito um ser insaciável, portanto, com satisfações e frustrações, amores e desamores, conforto e dor.

Em *O mal-estar na civilização* (1980b), Freud aponta como sendo as fontes do sofrer as forças da natureza, as fragilidades do corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade.

A cultura está em cena quando o humano busca proteção às fontes do sofrer, estando aí implicadas a socialização e a criatividade. No entanto, a complexidade humana nem sempre dá conta do cuidado e da proteção de uns sobre os outros, muitas vezes a violência e a destrutividade se presentificam em atos humanos.

O TRAUMÁTICO E OS MOVIMENTOS PULSIONAIS

Freud esteve, durante sua obra, ocupado em esclarecer os efeitos da violência sobre o psiquismo, tanto na primeira teoria das pulsões, na qual desenvolve os conceitos de pulsões do ego e pulsões sexuais, como na segunda teoria, em que postula os conceitos de pulsão de vida e morte.

Freud propõe, na primeira teoria do trauma, anterior a 1920, que os movimentos do sujeito seguem na direção da busca de satisfação regidos pelo princípio do prazer, e abandona a ideia de que a sedução real seria a causa do traumático. Sua autoanálise contribui nessa direção, e as fantasias infantis e o Édipo entram em cena. No entanto, permanece a ideia de que, diante de intensidades excessivas, o psiquismo não dá conta do volume transbordante que o ataque exterior assume em situações de abuso ou violência, impossibilitando a metabolização psíquica. É a necessária presença assimétrica entre adultos e crianças, a diferença de lugares, o que possibilita a mediação entre objeto externo e sujeito em constituição no caso das crianças. Na segunda teoria do trauma, em *Mais além do princípio do prazer* (1980a), a partir dos sonhos traumáticos e do brinquedo do Fort-da, o jogo do carretel realizado por seu neto, reproduzindo a ausência da mãe no ir e vir do objeto com o qual brinca, Freud entende que há algo que insiste, que é mortífero e precisa ser direcionado à vida, organizado, o que se dá a partir do encontro com o semelhante que empresta, através dos cuidados, sua força vital, a energia sexual. O jogo do Fort-da é impulsionado pela repetição, mas pode abrir a possibilidade de a criança elaborar com o afastamento e a aproximação do carretel o ir e vir da mãe.

Em uma atividade de intervenção, intitulada “Tapete de Carretéis”, em um museu da cidade, o Núcleo de São Leopoldo da Sociedade de Psicologia do RS, inspirado no jogo de Freud, oferece um espaço lúdico à comunidade, em um dia festivo, dispondo carretéis em um tapete. A menina que chamaremos de lara, tendo em torno de seis anos, aproxima-se com sua mãe do grupo que brinca com os carretéis. Conta-se quem foi Sigmund Freud e que este, ao ver seu neto com carretéis, descobriu que o menino estava brincando de ir e vir porque sua mãe havia saído e ele sentia falta dela. Nesse momento, pergunta-se ao grupo se alguém já sentiu falta de alguém ou de alguma coisa que perdera. Diz a menina lara: “Eu perdi o colo”. A mãe fica mobilizada e diz: “Mas filha... eu ainda te dou colo”. Ao que a pequena retorna: “Mas aquele colo de quando eu era bebê, não tenho mais”.

Podemos arriscar dizer que, quando a menina fala da perda do colo, as referências do primeiro tempo constitutivo, os objetos primordiais estão inscritos, o recalque e o narcisismo instaurados. Com isso, as condições egóicas dão conta da aceitação da castração ao dizer o que perdera, diferentemente do que ocorre na neurose traumática, em que há intensidades excessivas e o ego não dá conta da elaboração psíquica, quando o sujeito sofre um choque externo.

Paulo Endo, autor que trabalha o tema da violência no livro *A violência no coração da cidade* (2005), menciona que a intensidade do estímulo externo pode ser definida como uma “alteração profunda no princípio que rege a atividade psíquica, alterando completamente os modos de defesa do ego” (ENDO,

2005, p. 133). A partir disso, podemos nos perguntar sobre como fica o sujeito em constituição quando, em um lugar como a escola, lugar de proteção e aprendizado, há um choque movido pela violência. “*Como eu vou tirar isso da cabeça da minha filha?*” – haveria resposta ao pai da menina?

Entendemos que, quando o ego ainda está em estruturação, com suas incipientes formas de ligação, a intensidade do estímulo externo rompe com as possibilidades de defesa. O psiquismo inundado pela via sensorial fica impedido de fazer ligações com o que fora inscrito e fixado previamente por se tratar de um recalçamento em vias de estruturação.

Embora seja apenas um recorte, ao refletirmos sobre a fala do pai, que motivou esta escrita, podemos imaginar que ele se pergunta sobre como encontrar um destino aos efeitos da violência vivenciada por sua filha, porque sabe da precariedade das condições psíquicas da criança e da necessária referência que sua presença amorosa possibilita.

O exercício da sexualidade em que aos poucos a pulsão vai se ligando a objetos, a partir do autoerotismo e do narcisismo com movimentos entre atividade e passividade, deixa o sujeito paralisado quando a dor é excessiva e o traumático da cena brutal presenciada fica sem lugar em função das intensidades que ultrapassam a possibilidade de processar internamente o que interpela de fora. Por esse caminho, podemos recorrer ao texto *Pulsão e seus destinos* (1980d), no qual Freud nos fala do sadismo e do masoquismo, movimentos da volta contra si mesmo e da transformação no contrário, movimentos constitutivos do sujeito, sendo a partir da díade amor e indiferença que a borda eu-outro é possibilitada, e com isso o recalçamento e a sublimação podem se efetivar.

Num primeiro tempo, o bebê, com suas necessidades autoconservativas, está entregue na relação com o semelhante, passivizado; assim, a sexualidade do cuidador é impressa. Surge então a pulsão, o autoerotismo e, a partir disso, a possibilidade de buscar a satisfação no encontro com outro sujeito. Nesse processo, a atividade e a passividade estão em cena, sendo que, na assimetria com os cuidadores, a criança se coloca, quando a pulsão já está instaurada, de modo ativo com relação à meta, mas de alguma forma passiva com relação à posição do objeto de satisfação, especialmente porque o adulto cuidador é o responsável pela mediação psíquica (pais, educadores), dando conta daquilo que a prematuridade do ego da criança não consegue balizar. Freud, em 1915, discorre sobre o objeto:

O objeto da pulsão é a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade, é o que há de mais variável na pulsão, e originalmente não está ligado a ela [pulsão], só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação. O objeto não é necessariamente algo estranho: poderá ser uma parte do próprio corpo do indivíduo (FREUD, 1980d, p. 143).

Quando a satisfação está em seu próprio corpo, ela é facilitada, justamente por ser autoerótica. No entanto, é no encontro com o outro que a criança amplia suas possibilidades de realização, ao reconhecer-se como alguém separado, e, então, busca a quem dirigir seus desejos.

Nessa trama, o adulto em cena tem o compromisso de realizar a ação específica, conforme Freud (1980c), sendo referência ética ao cuidar. Além da triangulação edípica e da constituição do superego, de acordo com Silvia

Bleichmar (2006), o modo como o adulto cuida é referência à construção do sujeito ético, sendo importante sua posição assimétrica, realizando a pautação. Juntamos os dois conceitos para pensar que, muitas vezes, o adulto maduro impedirá a satisfação, podendo propor a inibição ou o redirecionamento da meta, como o que ocorre na sublimação. Ou seja, ao pautar, o cuidador direciona a realização ou não de uma satisfação da pulsão. A sexualidade perverso-poli-morfa precisa ser balizada através de referência dos representantes da cultura, pela via amorosa e das identificações. Um exemplo seria quando uma criança quer ver o corpo e os genitais de outra criança, ou mesmo de um adulto, sendo importante o movimento de direcionar a curiosidade à alguma atividade lúdica. É tarefa das crianças fazer suas pesquisas sexuais e tarefa dos adultos se posicionarem. Com esses movimentos, o contrainvestimento entra em cena, possibilitando que o recalque e a sublimação se presentifiquem, movimentos ativos do sujeito em cena, a elaboração, o brincar e a criatividade.

No traumático, no entanto, há passividade com relação ao mundo externo, a capacidade ligadora do ego fica impedida, e o adulto inserido no contexto pode não estar em condições de ser referência, realizar a ação específica e a pautação. Quando o acontecimento trágico ocorre, o suporte interno da criança, ainda frágil, corre o risco do dismantelamento, desintegração. E quando a escola, lugar em que os cuidadores confiam a experiência de aprender em grupo e socializar, é usada como palco para ações desumanas, o excesso toma a cena, promovendo rasgos entre semelhantes. Cenas que destoam da alegria dos movimentos lúdicos e de aprendizado na escola, não havendo lastro imaginário que dê conta. A angústia do indizível se presentifica quando as intensidades internas não podem ser nomeadas, estão perdidas, havendo impedimentos no processo elaborativo.

REFLEXÕES FINAIS

O desamparo exige cuidado. O pai da cena descrita ampara com sua pergunta, cria espaço como no Fort-da, pois sabe da fragilidade egoica da sua filha, sujeito que se constrói e que precisa da sua mediação, da sua pautação, especialmente diante de tamanha violência presente na cena assistida pela menina. A angústia diante da violência precisa ser processada, posta em palavras, e o encontro e o amparo contribuem para isso. Podemos pensar na análise: não tiramos a dor de ninguém, mas acolhemos na escuta, dando um novo destino ao traumático. O sujeito, ao estar perdido de si mesmo, necessita encontrar-se com alguém, abrindo possibilidades de retomada de um caminho, com construções que façam sentido, ao ser convocado afetivamente. No jogo do Fort-da, Freud (1980a) encontra, no movimento que seu neto faz com o carretel, a possibilidade de sair da passividade da experiência. Com a atividade na brincadeira, o ritmo do ir e vir cria um espaço e o ego opera ativamente.

Para finalizar, um recorte de uma história que não se passa na escola, mas que serve de reflexão quando se trata de espaços que acolhem as crianças com o devido cuidado ético:

Em junho de 2023, a cidade de São Leopoldo, no RS, sofre os efeitos de uma enxurrada, fazendo o leito do rio sair do curso, alagando áreas ribeirinhas da cidade. Uma catástrofe natural, porém causada pelo aquecimento global. Em razão da enchente, o ginásio de esportes da cidade recebe dezenas de famílias flageladas, organizando espaços com colchões e alguns pertences salvos. A Secretaria Municipal de Educação (SMED da cidade) prepara um espaço com

material lúdico e, em seguida, as crianças organizam-se como se estivessem na escola. Profissionais da Sociedade de Psicologia do RS são convidados, através da Rede da Primeira Infância da cidade, a participar, intervindo no espaço.

A menina falante que podemos chamar de Ana se destaca no grupo de quatro crianças. Quando convidadas a pegarem livros de histórias, logo diz: “Já sei... cada uma lê uma história, depois a gente conta”. Minutos depois propõe: “E se a gente contar histórias nossas?” Com o aceite, ela mesma pergunta: “Posso começar?”. E então conta: “A gente estava dormindo, nem meu pai, nem minha mãe acordaram. O vizinho viu a água subir e atirou uma pedra no telhado, fomos para a casa dela [aponta para a menina ao seu lado], mas a água não parou de subir, aí veio um barco e trouxeram a gente para cá de caminhão. Acho que o vizinho nos salvou”.

A iniciativa ansiosa da menina, diante da possibilidade de contar, faz-nos refletir. Com sua força vital, ao ser escutada, propõe um modo de brincar/conversar, processar o indizível, podendo narrar o ocorrido traumático. A troca com pares, a escuta de um ao outro, num espaço que reproduz a cena da escola, espaço de cuidado e alteridade, cria as possibilidades elaborativas, especialmente no tempo de estruturação psíquica.

Com isso, pretendemos que esta escrita seja uma abertura para a reflexão acerca do traumático, ampliando possibilidades à construção subjetiva no encontro com o semelhante em que a ética do cuidado esteja sempre em cena.

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, S. *A construção do sujeito ético*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BLEICHMAR, S. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2005.

CALDAS, Joana; GOMES, Cristiano. Pai de criança que presenciou ataque em creche de Blumenau chora: ‘como eu vou tirar isso da cabeça dela?’ *G1*, 5 abr.2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/pai-de-crianca-que-presenciou-ataque-em-creche-de-blumenau-chora-como-eu-vou-tirar-isso-da-cabeca-dela.ghml>>. Acesso em: 26 set. 2023.

ENDO, P. *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico sobre as violências na cidade de São Paulo*. São Paulo: Escuta; Fapesp, 2005.

FREUD, S. Mais além do princípio do prazer. In: SALOMÃO, J. (Org.). *Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. p.11-85.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: SALOMÃO, J. (Org.). *Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. p.75-171.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: SALOMÃO, J. (Org.). *Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. I)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980c. p. 315-360.

FREUD, S. Pulsão e seus destinos. In: SALOMÃO, J. (Org.). *Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980d. p. 123-137.

LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MACHADO, A. M.; FONSECA, P. F. Violência às escolas: reflexões. *Periscópio: Portal de Divulgação Científica do IPUSP*, 10 abr.2023. Disponível em: <<https://sites.usp.br/psicousp/violencia-as-escolas-reflexoes/>>. Acesso em: 26 set. 2023.

EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA: TESTEMUNHO SOBRE O DESAMPARO E O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA REALIDADE DOCENTE BRASILEIRA

EDUCATION AND VIOLENCE: A TESTIMONY ON HELPLESSNESS AND
PSYCHOLOGICAL SUFFERING IN THE BRAZILIAN TEACHING REALITY

EDUCACIÓN Y VIOLENCIA: TESTIMONIO SOBRE EL DESAMPARO Y EL
SUFRIMIENTO PSÍQUICO EN LA REALIDAD DOCENTE BRASILEÑA

Márcio Pereira Cabral¹

Resumo: Este artigo visa a uma reflexão crítica acerca dos ataques dirigidos contra escolas, o que acabou por evidenciar um quadro de violência generalizada com impacto no trabalho e qualidade de vida da imensa maioria dos cerca de 2,2 milhões de docentes que atuam na educação básica brasileira. Como ponto de partida, apoia-se em uma reflexão pessoal, de quem está diretamente inserido e mobilizado pelo tema. Dito isso, o cenário do trabalho docente brasileiro é de abandono e desamparo, o que se evidencia na postura negligente dos governantes e do excesso de cobranças dirigidas a professores e professoras tanto pelas famílias como pela sociedade. Como resultado, vemos um magistério desmotivado, num ambiente hostil, desvalorizado em múltiplos aspectos, vulnerável e adoecido física e mentalmente, o que demonstra que a violência contra docentes vai muito além daquela vivida entre os muros da escola.

Palavras-chave: Violência. Educação. Magistério. Desamparo.

Abstract: This article aims to critically reflect on the attacks against schools, which testify to a broader issue of violence, and that greatly impact both the work and private life of the nearly 2.2 million teachers in Brazil who work in basic education. It begins as a personal account of someone who, as a teacher, is directly involved and mobilized by the issue. That said, the work of teachers in Brazil is one of helplessness and abandonment evidenced by the negligent stance of government officials and the excessive demands made by society and even the teachers' families. As a result, we see uninspired professionals in a hostile environment, undervalued in many ways, vulnerable, both physically and mentally ill, showing that violence against teachers goes beyond the one experienced between school walls.

Keywords: Violence. Education. Teaching. Helplessness.

¹ Pedagogo e geógrafo; especialista em infâncias e alfabetização e letramento; mestre em Geografia: Análise Territorial pela UFRGS; professor na Rede Municipal de Porto Alegre; psicanalista em formação; membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. E-mail: mrciocabral@gmail.com

Resumen: Este artículo pretende una reflexión crítica sobre los ataques dirigidos contra escuelas, lo que acabó por evidenciar un cuadro de violencia generalizada con impacto en el trabajo y calidad de vida de la inmensa mayoría de los cerca de 2,2 millones de docentes que actúan en la educación básica brasileña. Como punto de partida, se apoya en una reflexión personal, de quien está directamente insertado y movilizado por el tema. Dicho esto, el escenario del trabajo docente brasileño es de abandono y desamparo, lo que se evidencia en la postura negligente de los gobernantes y del exceso de cobros dirigidos a profesores y profesoras tanto por las familias como por la sociedad. Como resultado, vemos un magisterio desmotivado, en un ambiente hostil, desvalorizado en múltiples aspectos, vulnerable y enfermo física y mentalmente, lo que demuestra que la violencia contra docentes va mucho más allá de la vivida entre los muros de la escuela.

Palabras clave: Violencia. Educación. Magisterio. Desamparo.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida para essa reflexão são as inquietações provocadas pela minha própria vivência frente às diversas formas de violência experimentadas no ambiente escolar. A escola também é o meu lugar de fala – sou professor de anos iniciais na rede pública de Porto Alegre e me sinto convocado a expressar aqui as minhas reflexões sobre o tema. Também cabe evidenciar que este artigo faz uma flexão de gênero quando trata do magistério, justamente por ser esta uma profissão majoritariamente feminina, o que inclusive ajudará a entender parte do problema aqui tratado.

Dito isso, este artigo inicia-se questionando como a violência reflete no trabalho das cerca de 2,2 milhões de pessoas que exercem a profissão docente na educação básica brasileira (INEP, 2023) e quais consequências ela traz para o futuro da educação. É importante já alertar de antemão que não tenho a finalidade de apontar saídas para essa questão. Tampouco me proponho a ser conclusivo, pelo contrário, o tema é profundo e existem múltiplos aspectos para sua análise.

Acredito que há uma motivação política para que a violência ocorra e que as suas consequências são o adoecimento e o desamparo de milhares de professoras, o que torna o ambiente escolar brasileiro hostil e distante daquilo que deveria ser o seu papel “como um ato político, que liberta os indivíduos por meio da consciência crítica, transformadora e diferencial, que emerge da educação como uma prática de liberdade” (FREIRE, 2013).

Assim, devemos partir dos três casos mais emblemáticos de ataques contra as escolas brasileiras que tiveram grande repercussão no ano de 2023:

CAMBÉ (PR) – JUN. 2023

No dia 9 de junho, um jovem de vinte e um anos invadiu a Escola Estadual Professora Helena Kolody, em Cambé, no norte do Paraná, e disparou com uma arma calibre 38 de forma aleatória. Dois estudantes de dezesseis e dezesseis anos de idade morreram no local. O jovem frequentava a paróquia Santo Antônio de Cambé, onde era coroinha. Uma das vítimas era sua namorada. Em sua defesa, ele alegou ter sofrido *bullying* quando estudava naquela escola.

BLUMENAU (SC) – ABR. 2023

No dia 5 de abril, um homem de vinte e cinco anos matou quatro crianças com idade entre cinco e sete anos na Creche Cantinho Bom Pastor com uma machadinha e um canivete. Outras quatro crianças foram feridas no ataque. As vítimas foram escolhidas aleatoriamente após o assassino pular o muro da escola. Após fugir do local, ele se entregou para a polícia.

SÃO PAULO (SP) – MAR. 2023

Em março foi a vez da Escola Estadual Thomazia Montoro, na zona oeste de São Paulo, onde um adolescente de treze anos de idade atacou com facadas uma professora, que morreu no local, e outras cinco vítimas ficaram feridas. O adolescente era aluno do 8º ano do ensino fundamental na própria escola onde cometeu o crime e, segundo sua advogada de defesa, ele é apenas uma criança, não tinha noção dos efeitos de seus atos e estava assustado.

Cabe destacar que esses três casos não são episódios isolados, dado que o Brasil tem um histórico de violência escolar e diversas pesquisas nos colocam no topo do ranking dos países mais violentos no assunto. Não à toa, nesses três relatos, os agressores são jovens do sexo masculino e os alvos da violência são a maioria mulheres ou crianças. Esse dado aproxima-se daquilo que já havia sido denunciado pelo levantamento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (2018), que coloca o Brasil na liderança do ranking de violência contra as professoras. Segundo o resultado dessa pesquisa, dentre os tipos de violência mais comuns contra as docentes brasileiras estão: agressão verbal (48%), assédio moral (20%), *bullying* (16%), discriminação (15%), furto/roubo (8%), agressão física (5%), e roubo ou assalto à mão armada (2%). Essa situação tem tornado as escolas um ambiente mais hostil com “potenciais consequências para o bem-estar, níveis de estresse e permanência na profissão” segundo o mesmo estudo. Sob essa análise, a violência parece estar normalizada nas escolas brasileiras.

Dito isso, lanço aqui uma pergunta: por que as escolas se tornaram um ambiente preferencial de ataques violentos em suas múltiplas formas e por que as professoras são um alvo fácil para isso? Essa resposta não é simples, mas faço aqui uma escolha ao destacar aquilo que acredito ser uma parte importante do problema e que deve ser enfrentado com a máxima urgência: 1) na maioria dos casos, a violência contra a escola é um ato de violência de gênero porque as principais vítimas são mulheres e crianças; e 2) o problema está para além da violência autodirigida ou interpessoal.² Ela está em uma terceira dimensão que é a da violência coletiva, da ordem política, social e econômica e tem uma força brutal, autodestrutiva e destruidora que atua sobre essas outras duas ordens e é autorizada por um Estado violento.

O CASO BRASILEIRO

O Brasil liderar o ranking organizado pela OCDE de violência nas escolas não seria tão grave se desde a sua divulgação, em meados de 2018, os governos tivessem tomado as medidas necessárias para enfrentar essa situação de forma

² Violência autodirigida, de autodestruição, aquela que a pessoa inflige a si mesma; violências interpessoais são manifestadas comumente através do *bullying*, do racismo, machismo, lgbt-fobias e tantas outras formas de preconceito verbal, não verbal ou simbólico.

pública. Ao contrário, a pesquisa teve baixo impacto nos meios formadores de opinião e o problema precisou se agravar para que viesse à tona. Para além da violência, é preciso ser dito que o problema da educação no Brasil também é ocasionado pela baixa remuneração e pouquíssimo reconhecimento profissional, além de condições de risco e insalubridade permanentes. É sempre bom lembrarmos que parte das escolas públicas nos grandes centros urbanos está localizada em regiões periféricas de alta vulnerabilidade social. Com territórios permanentemente atravessados por desigualdades, é comum as escolas conviverem com violência e tráfico de drogas e, em alguns casos, com confrontos armados que ameaçam também estudantes e familiares diariamente. Dentre o magistério é muito comum o adoecimento generalizado — depressão, estresse e adoecimento psíquicos de diversas ordens que têm levado ao afastamento prolongado milhares de profissionais, e aquelas que continuam em sala de aula acabam convivendo diariamente com a sobrecarga de trabalho e os riscos da rotina escolar.

Sobre o fato de que a violência contra a escola se aproxima da violência de gênero, precisamos nos apoiar na história da educação brasileira. Segundo Guacira Lopes Louro (2004), ao longo do tempo, o magistério deixou de ser um ofício exclusivo dos homens para ser transformado em “trabalho de mulher”. Por muito tempo as mulheres não podiam frequentar o ambiente escolar e as poucas escolas femininas eram voltadas para ensinar apenas o *bê-a-bá* e os fazeres domésticos com vista ao casamento e à maternidade. Com o crescimento populacional e o avanço das cidades nas primeiras décadas do século XX, a demanda por escola aumentou e, aos poucos, o trabalho docente exclusivamente masculino passou a ser substituído pelo trabalho feminino, muito influenciado pela ideia de que as mulheres tinham naturalmente uma inclinação para cuidar das crianças e pela desvalorização profissional da docência. Segundo Louro,

se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna eram vistos como um filho ou uma filha “espírita”. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação (LOURO, 2004, p. 376).

É nesse sentido que o magistério será visto como o lugar do feminino e a partir da perspectiva de que o machismo é um problema estrutural na sociedade brasileira (DEL PRIORE, 2020), o lugar da mulher é sempre fragilizado, erotizado e visto como algo facilmente violado. Outra questão importante e não menos complexa envolve as diferentes naturezas da violência contra as escolas e como estas estão despreparadas para lidar com o problema, o que as deixa mais reféns de iniciativas próprias que nem sempre recebem o devido apoio e, assim, acabam perdendo continuidade. De um modo geral, os estudantes que assumem práticas violentas contra professores e colegas são majoritariamente meninos entre 12 e 14 anos que também apresentam múltiplas situações de risco e ausência de proteção social. São os mesmos alunos que frequentemente têm baixo desempenho escolar, maior índice de repetência e de infrequência sem justificativa e, conseqüentemente, são também aqueles que recebem o maior número de medidas punitivas. Sendo assim, são esses alunos que apresentam sérias dificuldades para lidar com conflitos e frustrações, e talvez sejam aqueles que mais necessitam de uma escola humanizada e humanizadora (VINHA; NUNES, 2020).

Mas poderia a própria escola dar conta da demanda de humanização das suas práticas? É nesse sentido que precisamos voltar a nossa atenção para a dimensão coletiva da violência e do patriarcado como um problema estrutural. Segundo José Murilo de Carvalho (2007), o Estado brasileiro, além de branco e aristocrático, sempre foi patriarcal. Nos primórdios da colonização aqui vieram apenas homens de Portugal. Tanto que se chegou a “importar” mulheres órfãs de Portugal para casar com portugueses que aqui residiam. O estupro das indígenas e, depois, das escravizadas africanas, era uma constante no período colonial e até as primeiras décadas da República a função jurídica da mulher era ser subserviente ao marido. O homem bem-sucedido no Brasil era dono da fazenda, de escravos, e era também dono da mulher. Os arquivos paroquiais dos séculos XVIII e XIX trazem relatos de mulheres que apanhavam com varas cravejadas de espinhos, que eram obrigadas a dormir ao relento, que ficavam proibidas de comer por vários dias e até que eram amarradas ao pé da cama enquanto o marido, naquela mesma cama, deitava-se com a amante. As esposas eram tão brutalizadas que os bispos, em certos casos, atendiam-lhes as súplicas e concediam a separação de corpos. É essa marca histórica da desigualdade de gênero que tem sido promovida e segue sendo reproduzida em todos os âmbitos e, por óbvio, o Estado brasileiro é reprodutor da desigualdade entre homens e mulheres.

Mas o que aconteceu recentemente no caso brasileiro foi a ascensão ao poder de um líder político que autorizava a violência contra as mulheres e também direcionava parte dessa violência às professoras. Por diversas vezes Jair Bolsonaro ocupou o espaço privilegiado de presidente da República para disseminar a ideia de que as professoras eram doutrinadoras e que se utilizavam da sua autoridade na educação de crianças para difundir ideais antifamília e contra os costumes ditos conservadores.

Foi com apoio nesse discurso que se propagaram no país diversas campanhas dirigidas contra a escola, como a intitulada “escola sem partido” que pregava o combate à dita “ideologia de gênero”, que seria a doutrina utilizada por docentes na rotina escolar, além de pôr em pauta o chamado *homeschooling* que pretende dar às famílias o direito de educar seus filhos e filhas livres da “doutrinação escolar”. Assim, a partir de 2018, vimos uma enxurrada de iniciativas para impor no âmbito local e regional diversas medidas que tinham as professoras como alvo, o que contribuiu para o aumento da violência no interior das escolas. Diversos relatos se multiplicaram por todo o país, o que encorajou não somente protestos, mas, em milhares de casos, que a violência contra docentes chegasse às vias de fato. Para se ter uma ideia, somente nos primeiros seis meses do ano de 2023, a Comissão Interna de Prevenção e Acidentes e Violência Escolar – CIPAVE/RS registrou cerca de 938 denúncias de violência contra docentes somente no estado do Rio Grande do Sul (CIPAVE, 2023).

As consequências da violência contra professoras também foram agravadas com a pressão exercida para a volta às aulas no auge da pandemia da COVID-19. Pressionadas e inseguras sobre as condições sanitárias para a retomada, as escolas foram reabertas sem nenhuma problematização sobre as reais consequências do isolamento sanitário e a interrupção prolongada das aulas presenciais. Em 2022 a Nova Escola, associação mantida pela Fundação Lemann, publicou a pesquisa Saúde Mental dos Educadores 2022 (INSTITUTO NOVA ESCOLA, 2022), que procurou analisar os efeitos da pandemia na saúde mental das professoras. Os números são alarmantes: houve um crescimento de 13,7% para 21,5% no número de docentes que consideram a sua saúde mental

“ruim” ou “muito ruim” em relação ao ano anterior. Dentre as consequências negativas da pandemia, as professoras analisaram que 60,1% sentem-se mais ansiosas, 48,1% reclamam de cansaço excessivo e 41,1% dizem sofrer de insônia. Também reclamam de dificuldades de socialização e isolamento, sensação de tristeza, e dizem que aumentaram o consumo de álcool e de psicoativos. Dizem também ter dificuldades para desenvolver atividades físicas ou ao ar livre e de manterem-se conectadas com amigos e familiares que oferecem apoio emocional por conta da alta carga de trabalho e de jornadas prolongadas e pelo multiemprego provocado pelos baixos salários. Apenas 7,1% dizem contar com apoio médico ou psicológico e cerca de 70% não têm nenhum tipo de suporte. Quando essa situação é cruzada com o problema da violência escolar, as consequências são nefastas para a docência. Além da pressão interna sobre a retomada e a recomposição das perdas provocadas pelo fechamento forçado, as escolas viveram o apogeu da onda conservadora dos últimos anos. O problema da indisciplina reacendeu com o tensionamento sobre a qualidade do ensino, sobre as dificuldades enfrentadas em todos os níveis em consequência da interrupção prolongada do ensino e pela pressão externa que exige das escolas resultados imediatos frente aos problemas das perdas e do déficit educacional.

A SOLIDÃO DOCENTE E O PROBLEMA DO DESAMPARO

O medo e a insegurança quanto ao futuro fazem com que professoras convivam num ambiente hostil e de permanente tensão. Como bem disse Hannah Arendt (2004), “a ideia de que se pode mudar o mundo educando as crianças no espírito do futuro tem sido uma das marcas registradas das utopias políticas desde a Antiguidade” (p. 265). O problema é que quando as famílias e as autoridades públicas negligenciam o investimento público e a sua participação nos resultados da educação, o erro e a revolta se voltarão exclusivamente contra a escola. E é esse processo de cobrança que tem levado milhares de trabalhadoras em educação à sensação de fracasso e ao sentimento de desamparo, porque se sentem solitárias e abandonadas por aqueles que deveriam apoiá-las e protegê-las.

A ideia de desamparo que aqui expresso associa-se ao conceito oriundo da psicanálise que corresponde a uma condição fundamental que indica a impotência do sujeito em duas dimensões – a primeira diz respeito à condição de desamparo estruturante e fundante do psiquismo e que faz parte da construção da subjetividade do indivíduo para a vida social. A segunda dimensão diz respeito à impossibilidade de satisfação pulsional perante o outro, o que faz da experiência de perda e da angústia um sofrimento permanente. Essa ideia está próxima daquela expressa por Freud (1996) em seu texto *Projeto para uma psicologia científica de 1895*, onde ele nos diz que o desamparo é a “fonte de todos os motivos morais” (p. 379). Nesse sentido, toda a angústia derivada do medo e do sofrimento de solidão deve ser vista como uma tentativa de prevenção de sua repetição. Ou seja, as professoras, ao perceberem a solidão frente aos desafios impostos à educação pública brasileira, fecham-se em si como um caramujo o faz diante do risco iminente provocado pelos determinantes culturais que resultam em experiências de sofrimento específicas.

Imaginem que as professoras já observam no seu dia a dia a escola abandonada por governos e suas comunidades; sentem-se solitárias e inseguras frente à demanda de toda a sociedade; e, por fim, observam a multiplicação de casos de violência em múltiplas escalas que elegem o seu trabalho como alvo

preferencial. O resultado é o pânico e o medo do aniquilamento que acaba por paralisar e dificultar qualquer possibilidade de reação sem ajuda de alguém.

Nesse sentido, cabe dialogarmos com a reflexão crítica proposta por Freud (2010) em *O mal-estar na civilização* de 1930, quando ele evidenciou que a subjetividade humana na modernidade era baseada na perda da confiança na figura do pai fundador. Há na contemporaneidade uma fé e confiança no Estado burguês, nos valores patriarcais, e quando esse pai falha, o sentimento de abandono toma o indivíduo porque esse mesmo Estado prometeu segurança e proteção. A angústia amplia-se na medida em que se toma consciência de que o abandono é proposital e que a violência é autorizada pelo governante. Assim, a violência de Estado pode ser apontada como a principal causa do sofrimento e do desamparo vividos por docentes na atualidade.

As consequências disso tudo para a educação são nefastas porque em primeira ordem são essas mesmas docentes as responsáveis pela educação das novas gerações, e num futuro próximo talvez ninguém mais queira encarar o desafio do magistério. Essa já é uma realidade observada em diversos cursos de licenciaturas — o desinteresse na carreira docente. Enquanto não se faz nada, cabe-nos alertar para que se revisem todas as metas e investimentos na educação porque a escola como a conhecemos hoje está doente e no seu interior prevalece sofrimento e desamparo, o que compromete muito o antigo desejo de garantir às crianças e jovens de hoje um futuro diferente do recebido pelas gerações anteriores.

REFERÊNCIAS

- ARENDETT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CARVALHO, José Murilo de (Org.). *Nação e cidadania no império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CIPAVE – Comissão Interna de Prevenção e Acidentes e Violência Escolar. CIPAVE/RS. *Nova Plataforma CIPAVE+*. 2023. Disponível em: <<https://l1nk.dev/Mz5wb>>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*. São Paulo: Planeta, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz & Terra, 2013.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas (Vol. 18): 1930/1936*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-123.
- FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 1): 1886/1889*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 341-466.
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Dados revelam perfil dos professores brasileiros*. 2023. Disponível em: <<https://l1nk.dev/bixel>>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- INSTITUTO NOVA ESCOLA. *Pesquisa revela que saúde mental dos professores piorou em 2022*. 2022. Disponível em: <<https://urx1.com/w3wxj>>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mari (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. *Education at a Glance 2018: Um olhar sobre a educação*. 2018. Disponível em: <<https://l1nq.com/2wpvK>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

VINHA, Telma Pileggi; NUNES, Cesar Augusto Amaral. As agressões do aluno ao professor: cenários e possibilidades de intervenção na escola. *Revista da Unisinos*, São Leopoldo, 2020. Disponível em: <<https://ury1.com/gKNhX>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

EM PAUTA

A “ANÁLISE LEIGA” NOVAMENTE EM QUESTÃO? NOVAS ELABORAÇÕES SOBRE A MENTE DO ANALISTA¹

LAY ANALYSIS IN QUESTION AGAIN? NEW
ELABORATIONS ON THE ANALYST’S MIND
¿EL ‘ANÁLISIS LEGO’ DE NUEVO EN CUESTIÓN? NUEVAS
ELABORACIONES SOBRE LA MENTE DEL ANALISTA

Luis Claudio Figueiredo²

Resumo: O texto relê o livro de Freud de 1926 com o foco nas ideias que dizem respeito à formação do analista, seus problemas e condições. Ao final retoma-se a problemática pelo ângulo de algumas ideias de Wilfred Bion.

Palavras-chave: Análise leiga. Formação da mente do analista. Função psicanalítica da personalidade.

Abstract: The text rereads Freud’s 1926 book with the focus on ideas that concern the formation of the analyst, their problems and conditions. At the end, the problematic is resumed from the angle of some of Wilfred Bion’s ideas.

Keywords: Lay analysis. Formation of the analyst’s mind. Psychoanalytic function of personality.

Resumen: El texto relee el libro de Freud de 1926 centrándose en las ideas relativas a la formación del analista, sus problemas y condiciones. Al final, se revisa el problema desde el ángulo de algunas ideas de Wilfred Bion.

Palabras clave: Análisis leigo. Formación de la mente del analista. Función psicoanalítica de la personalidad.

Freud, em 1926, escreveu um pequeno livro sobre a análise leiga na forma de um diálogo com um interlocutor imaginário e em 1927 esclarece:

O ensejo para que eu redigisse a pequena obra em que se baseia a discussão foi a acusação de charlatanismo feita contra nosso colega não médico, o dr. Theodor Reik junto às autoridades vienenses (FREUD, 2014, p. 173).

¹ Originalmente e em versão resumida, este texto foi apresentado em uma atividade interna da SBPRJ em maio de 2023.

² Psicanalista, membro efetivo do CPRJ, professor aposentado da USP, professor da pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. E-mail: lclaudio.tablet@gmail.com

Análise leiga era entendida na época como uma psicanálise conduzida por alguém não formado em medicina. Hoje em dia, por razões que ficam evidentes no texto, poderíamos incluir na noção de “análise leiga” também quem não é formado em psicologia.

No entanto, em dado momento Freud nos diz:

quem passou por essa aprendizagem, foi ele próprio analisado, compreendeu o que hoje se pode ensinar da psicologia do inconsciente, está informado da ciência da vida sexual e aprendeu a difícil técnica da psicanálise, a arte da interpretação, o combate às resistências e o manejo da transferência, *esse não é mais um leigo no campo da psicanálise*. (FREUD, 2014, p. 148, grifo do autor).

Ou seja, temos uma noção formal do que se pode chamar de análise leiga (ligada a não ter certos diplomas) e outra que vai ao coração do problema e que diz que *analista leigo é quem não tem a formação adequada*. Hoje em dia, sabemos, muita gente se intitula psicanalista e pratica uma “verdadeira” análise leiga. Assim, poderemos ser a favor da chamada “análise leiga”, isto é, a praticada por não diplomados, e sermos terminantemente contra a “verdadeira” e famigerada análise leiga, a praticada por quem não dispõe de uma mente de analista minimamente cultivada. Essa era, na verdade, a posição de Freud ao longo de todo o livro.

Do ponto de vista formal, Freud nos diz taxativamente:

Pus em primeiro plano a tese de que o que importa não é se o analista possui ou não um diploma de medicina, mas se adquiriu a formação especial que o exercício da análise requer. Isso levou à questão, ardorosamente discutida pelos colegas, de qual seria a formação mais adequada para um analista. Sustentei, e continuo sustentando, que não é aquela que a universidade prevê para um médico. (FREUD, 2014, p. 174).

Não é também o que a universidade prevê para psicólogos, embora os formados em psicologia costumem ter, comparados aos médicos, um contato mais longo com as teorias da psicanálise, entre muitas outras teorias e experiências formativas.

No entanto, sabemos que Freud não valoriza muito esse contato livresco com as teorias porque sabe que não haverá boa assimilação da teoria psicanalítica sem uma base de experiência pessoal. Diz ele ao interlocutor imaginário:

Sei que não posso convencê-lo. Está fora de toda possibilidade e, portanto, também fora de meus propósitos. Dando instrução teórica em psicanálise a nossos discípulos, podemos observar a pouca impressão que lhes fazemos no início. Eles recebem as teorias psicanalíticas com a mesma frieza com que receberam outras abstrações de que foram nutridos. Alguns talvez queiram ser convencidos, mas não há indício de que sejam. (FREUD, 2014, p. 116).

Realmente, sem a experiência pessoal, as teorias caem no vazio, ainda que alguns estejam autenticamente interessados nelas.

E ainda, prossegue Freud, retomando o combate à psicanálise leiga nesse

CONVIDADO

sentido profundo a que aludimos acima: “[...] ênfase a exigência de que não deve exercer a psicanálise quem não tenha adquirido o direito de fazê-lo, mediante uma formação específica. Se essa pessoa é ou não médico parece-me secundário”. (FREUD, 2014, p. 174).

E qual seria essa formação específica? Análise pessoal, prática supervisionada e um programa de estudos que inclui “material das ciências humanas, de psicologia, história da civilização, sociologia, e também da anatomia, biologia e história da evolução”. (FREUD, 2014, p. 174). Ou seja, alguns elementos das ciências biológicas que compõem a formação em medicina (embora não se saiba bem no que a anatomia possa contribuir nesse contexto formativo), mas também muitos outros que vão em outra direção.

Na verdade, Freud insiste em inúmeros momentos que a psicanálise não é uma especialidade médica: “A psicanálise é parte da psicologia, não da psicologia médica no velho sentido, ou psicologia dos processos patológicos, mas psicologia simplesmente; não o conjunto da psicologia, mas sua base, talvez seu fundamento mesmo”. (FREUD, 2014, p. 174).

Será então que a formação em psicanálise exigiria o diploma em psicologia? No entanto, o que Freud disse do diploma em medicina poderia ser dito do diploma de psicólogo, o que se constata facilmente examinando os currículos dos cursos de psicologia das nossas melhores universidades. Parafraseando Freud, que disse “Se essa pessoa é ou não médico parece-me secundário”, poderíamos, usando do mesmo argumento, dizer: se essa pessoa é ou não psicólogo parece-me secundário.

Médico ou psicólogo, caso exerçam ou tentem fazer psicanálise sem o processo de formação específico, farão *análise leiga*, aliás como qualquer sujeito que abra seu consultório e se apresente como analista sem uma mente de analista minimamente cultivada. Somos contra, Freud também era. Mas o que seria a formação específica? Freud afirma ao interlocutor imaginário:

Se lhe expus tanta psicologia, foi por desejar que você tenha a impressão de que o trabalho analítico é um exercício de psicologia aplicada, de uma *psicologia, além do mais, que não se conhece fora da análise*. O analista deve, antes de tudo, ter aprendido essa psicologia, a psicologia das profundezas ou do inconsciente... (FREUD, 2014, p. 123, grifo nosso).

Mas ele só aprende essa psicologia das profundezas na análise pessoal e na prática clínica bem e atentamente supervisionada, nunca apenas estudando teoria, seja nos cursos de psicologia, seja em qualquer outro lugar.

Toda a teoria que nos interessa – tanto as teorias da psicanálise como as das áreas afins – só será assimilada a partir de experiências pessoais:

exigimos que todo aquele que quer analisar outros se submeta antes a uma análise ele próprio. Somente no decorrer dessa “autoanálise” (como é impropriamente denominada), *quando vivenciam no próprio corpo – ou melhor, na própria alma – os processos postulados pela psicanálise, adquirem as convicções que depois os guiarão como analistas* (FREUD, 2014, p. 126, grifo nosso).

É notável a diferença entre o que podemos ler, estudar e entender das teorias psicanalíticas na condição de meros interessados e o que delas podemos

assimilar crítica e criativamente quando estamos nos submetendo às experiências do inconsciente em uma análise pessoal e numa prática supervisionada.

É também na experiência pessoal que podem ser identificadas as condições pessoais, emocionais e intelectuais para o exercício de nosso ofício. É somente na experiência da análise pessoal e da prática supervisionada que se refinam nossas qualidades e nossas capacidades emocionais e cognitivas, como o tato, o senso de oportunidade, a sensibilidade às dimensões inconscientes da alma. É só assim que se cultiva uma mente de analista. Mais que isso: é apenas na análise pessoal e na prática supervisionada que se pode constituir um “desejo de analista”, ou seja, uma contratransferência primordial (FIGUEIREDO, 2003) que cria a base do que pode vir a ser uma mente de analista bem cultivada. Por essa razão parece interessante o modelo francês de formação apresentado por Chervet: a aceitação em um instituto formativo e o início da formação é condicionado por anos de análise pessoal prévia e de alguma prática clínica (CHERVET, 2022).

É claro que isso deixa em aberto uma questão: com que critérios admitir candidatos nos institutos de formação?

Nesses institutos os candidatos se submetem eles próprios à análise, recebem instrução teórica, com aulas em todos os assuntos relevantes para eles, e desfrutam da supervisão de analistas mais velhos e experientes, quando lhes permitem fazer as primeiras tentativas em casos mais leves. Calcula-se aproximadamente dois anos para essa formação [!!!³]. Naturalmente, após esse tempo o indivíduo é apenas um iniciante, não é ainda um mestre. O que ainda falta precisa ser adquirido na prática e pela troca de ideias nas sociedades psicanalíticas, em que membros mais jovens se encontram com aqueles mais velhos. A preparação para a atividade analítica não é simples e fácil, o trabalho é duro e a responsabilidade é grande. (FREUD, 2014, p. 174).

Sim, mas como ingressar nesse processo? Se a posse de diplomas em medicina ou psicologia não responde à questão, o que fazer?

Freud pensa que

os analistas leigos [no sentido de não serem diplomados em medicina] que hoje exercem a psicanálise não são indivíduos quaisquer, aparecidos não se sabe de onde, e sim pessoas de formação acadêmica, doutores em filosofia, pedagogos, e algumas mulheres com grande experiência de vida e personalidade marcante. *A análise que todos os candidatos de instituto psicanalítico têm de fazer é, ao mesmo tempo, a melhor maneira de obter informação sobre a aptidão pessoal para o exercício dessa exigente atividade.* (FREUD, 2014, p. 180, grifo nosso).

Ou seja, *não há critérios prévios indiscutíveis*, é necessária uma avaliação básica e um tanto vaga, admitamos, das condições pessoais dos candidatos para, nos processos de análise, as coisas irem se esclarecendo, uma forte razão para a defesa do modelo francês tal como exposto por Chervet. Essa ausência de

³ Ah, os bons tempos!

CONVIDADO

critérios prévios e indiscutíveis, como seria a posse de diplomas, é, aliás, uma das ideias básicas desta comunicação. Freud sabe, por exemplo, que

A questão é ter certa sensibilidade para o que é inconsciente e reprimido, e nem todos a possuem em igual medida. A isto se relaciona a obrigação de o analista fazer-se apto, mediante profunda análise própria, a acolher sem ‘pré-conceito’ o material analítico. (FREUD, 2014, p. 138).

Mas se o sujeito tem ou não tem essa sensibilidade, só em análise vai se saber e, mesmo assim, os critérios para a sua identificação serão sempre bastante subjetivos. De toda forma, diplomas universitários em medicina, psicologia ou em qualquer outra área não garantem absolutamente nada em relação a isso. Por outro lado, é evidente que condições de muita ignorância em relação a inúmeras áreas da cultura podem dificultar enormemente o exercício da psicanálise. Freud, por exemplo, diz que “a instrução analítica também abrangeria matérias distantes da medicina, com as quais o médico não tem contato em sua atividade: história da civilização, mitologia, psicologia da religião e literatura”. (FREUD, 2014, p. 168). Ilustrados dificilmente estarão à altura desses estudos.

Mas além de todos os argumentos contra o requisito de diplomas de médico ou psicólogo, Freud, dando um passo a mais, ainda nos diz: “Defendo o valor intrínseco da psicanálise e sua independência da aplicação médica”, (FREUD, 2014, p. 176) ou, podemos acrescentar, psicoterapêutica.

Não nos parece desejável, de forma nenhuma, que a psicanálise seja engolida pela medicina [ou pela psicologia clínica] e venha a ter sua morada definitiva nos manuais de psiquiatria, na seção sobre terapias, ao lado de procedimentos como sugestão hipnótica, autossugestão e persuasão... Ela merece destino melhor, e temos esperança de que o terá. Na condição de “psicologia profunda”, de teoria do inconsciente psíquico, ela pode se tornar imprescindível para todos os saberes que se ocupam da gênese da cultura humana e de suas grandes instituições, como arte, religião e organização social. (FREUD, 2014, p. 170).

E ainda: “O emprego da análise na terapia das neuroses é *apenas uma* de suas aplicações; o futuro talvez mostre que não é a mais importante”. (FREUD, 2014, p. 170, grifo nosso).

E continua:

Se os representantes das várias ciências humanas aprenderem a psicanálise para aplicar os métodos e abordagens desta ao seu material, não bastará que se atenham aos resultados consignados na literatura psicanalítica. Terão de aprender a conhecer a análise pela única via possível, submetendo-se a uma análise eles próprios. (FREUD, 2014, p. 170).

Esses indivíduos precisarão de uma boa formação nos institutos, mesmo que não pretendam exercer o ofício de psicanalistas clínicos em consultórios:

Assim, aos neuróticos que necessitam de análise se juntará uma segunda classe de pessoas, as que a farão por motivos intelectuais...A realização dessas análises vai requerer certo número de analistas para os quais conhecimentos médicos terão pouca relevância. Mas esses “analistas de

ensino” – vamos chamá-los assim – necessitarão de uma formação particularmente cuidadosa. Para que esta não seja atrofiada, será preciso dar-lhes a oportunidade de reunir experiência com casos instrutivos e comprovativos; e, como indivíduos são a quem falta a motivação da curiosidade não se submetem à análise, é apenas com neuróticos que – sob rigorosa supervisão – os analistas de ensino poderão ser treinados para sua posterior atividade não médica. (FREUD, 2014, p. 170).

Mais uma vez: não se forma uma mente de analista apenas pelo estudo de textos psicanalíticos e se quisermos ver a operação de mentes de analista nos diversos campos da cultura e da civilização, elas precisarão ser cultivadas nas experiências pessoais da análise e da prática supervisionada.

Na verdade, a psicanálise exercida fora da clínica não pode ser desprezada. Disse Freud ao interlocutor imaginário:

devo lembrar-lhe que existe outra área de aplicação da psicanálise que se acha fora do âmbito da lei sobre charlatanismo, e que os médicos dificilmente poderão reivindicar para si. Refiro-me ao seu emprego na pedagogia. (FREUD, 2014, p. 171).

E dando um passo a mais, Freud levanta a possibilidade de a psicanálise expandir-se para o trabalho social (*social workers*, em inglês no texto), desde que exercida por analistas formados *comme il faut*, na análise pessoal e na prática clínica supervisionada.

Por motivos práticos adotamos o hábito, também em nossas publicações, de distinguir entre análise médica e aplicações da análise. Isso não é correto. Na realidade, a linha de separação é entre psicanálise científica e suas aplicações nos âmbitos medicinal e não medicinal. (FREUD, 2014, p. 180).

Os institutos de psicanálise precisariam se abrir para toda essa gama de interessados e tarefas formativas, renunciando a diplomas que não permitem uma boa discriminação entre os que podem e os que não podem fazer da psicanálise seu ofício e sua identidade profissional.

UM ADENDO

Considerando essas ideias de Freud, mas indo além delas, pois não quero que confundam a argumentação acima com um mero recurso à força da autoridade, sugiro retomar a questão por outro ângulo, a partir da noção de ‘função psicanalítica da personalidade’ (cf. BION, 1962; FIGUEIREDO, 2021). No que consiste a tal ‘função psicanalítica da personalidade’?

Marina Ribeiro (2019) em texto recente retoma o tema:

O termo “função psicanalítica da personalidade” aparece na obra de Bion (1962/1991) em um único momento, quando descreve o vínculo K, o vínculo do conhecimento. Zimmerman (2004) afirma que essa função representa uma atitude diante da verdade e do conhecimento de si; ou seja, o movimento da mente humana na busca do sentido e da verdade das experiências emocionais, próprio a cada um. Para Ogden (2009b), a

função psicanalítica da personalidade constitui um dos quatro princípios do funcionamento mental na obra de Bion, que são: 1-) O pensamento é impulsionado (*driven*) pela necessidade humana de conhecer a verdade, a realidade de quem somos nós e do que se passa em nossa vida. 2-) É necessária a presença de duas mentes para pensar os pensamentos mais perturbadores de uma pessoa. 3-) A capacidade de pensar é desenvolvida, para que uma pessoa se reconcilie com pensamentos que nascem de sua experiência emocional perturbadora. 4-) Existe, inerente à personalidade, uma função psicanalítica: o sonhar – ou emocional perturbadora (OGDEN, 2009b, p. 91 apud RIBEIRO, 2019).

Desde essas ideias sugiro:

a) A função psicanalítica da personalidade tem de ser reconhecida como condição básica da análise tanto quando opera no analista como no paciente (qualquer paciente); se os humanos não pudessem exercer essa função transformativa da experiência emocional, não seriam analisáveis, e quando um paciente muito grave tem essa função excessivamente inibida ou perturbada, a análise fica muito difícil, quando não impossível;

b) A função psicanalítica da personalidade precisa ser reconhecida em sua universalidade e em suas variações individuais; há indivíduos mais aptos e dispostos a cultivar seu potencial e outros menos, como já assinalava Freud quando afirma: “A questão é ter certa sensibilidade para o que é inconsciente e reprimido, e nem todos a possuem em igual medida” (FREUD, 2014, p. 138); Chervet, no texto antes mencionado, também insiste muito nesse tema;

c) Caberá aos institutos de formação identificar – tarefa bastante difícil e cercada de insegurança – os indivíduos mais aptos ao ofício de psicanalistas por trazerem um maior potencial para o cultivo da função psicanalítica da personalidade e, na medida do possível, proteger esse potencial, pois, como disse eu mesmo em outro momento,

mesmo que acreditemos em uma “função psicanalítica da personalidade” – ou seja, na universal capacidade humana de hospedagem, afetação, ligação, representação, simbolização, transformação e compartilhamento das experiências emocionais – e mesmo que reconheçamos em alguns sujeitos uma vocação especial para seu exercício, a sustentação da mente do analista e sua formação continuada... não é tarefa simples (FIGUEIREDO, 2022).

O mais grave é quando os Institutos, além de se equivocarem grosseiramente na identificação desse potencial, o maltratam (mas sobre esse tema espinhoso não vou me estender aqui);

d) A análise nas práticas médicas e psicológicas e nas outras (pedagogia, em sentido ampliado, e trabalho social) destina-se sempre ao cultivo da “função psicanalítica da personalidade” como sendo o aspecto central do processo de “cura” no sentido amplo do termo;

e) O objetivo de uma psicanálise na clínica psicanalítica é expandir a função psicanalítica da personalidade dos neuróticos, psicóticos, *borderline* e psicossomáticos no contexto de uma situação analisante;

f) Os objetivos da psicanálise fora da clínica, na pedagogia em sentido amplo e no trabalho social, também é o de expansão da função psicanalítica da personalidade de indivíduos e coletividades, embora isso seja feito em outros dispositivos, dispositivos psicanalíticos não clínicos.

Sendo assim, sugiro que os institutos de formação estejam dispostos a admitir formandos que, além do potencial mais evidente para o cultivo da função psicanalítica da personalidade, entendam esses objetivos e se disponham à formação com todos os seus requisitos, mas principalmente, o de se submeterem à análise pessoal (sempre que possível, iniciada antes do início da formação propriamente dita), às práticas supervisionadas e à formação teórica multifacetada. Mas também sugiro que os institutos permitam e promovam esses ingressos usando critérios de admissão que sejam intrínsecos à psicanálise e não meramente formais.

REFERÊNCIAS

- BION, W. *Learning to experience*. London, *Karnac Books*, 1962.
- CHERVET, B. Formação psicanalítica com fim e sem fim. Transmissão, formação e falta. *TRIEB*, v. 21, n. 2, p.63, 2022.
- FIGUEIREDO, L. C. A formação da mente do analista. Considerações a partir de Ferenczi e Bion. *SIG Revista de Psicanálise*, v. 18, n. 1, p.29, 2021.
- FIGUEIREDO, L. C. *A mente do analista*. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2022.
- FIGUEIREDO, L. C. Transferência, contratransferência e outras coisinhas mais. In: FIGUEIREDO, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.
- FREUD, S. A questão da análise leiga. Diálogo com um interlocutor imparcial. In: FREUD, S. *Obras completas* (vol. 17). São Paulo, Companhia das Letras, 2014.
- RIBEIRO, M. Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e do escritor. *Cadernos de Psicanálise*, v. 41, 2019.

ENTREVISTA COM RENATO LEVIN-BORGES¹

INTERVIEW WITH RENATO LEVIN-BORGES

ENTREVISTA CON RENATO LEVIN-BORGES

O eixo temático desta edição da SIG Revista é “violência e destrutividade”. Nos últimos meses, assistimos incrédulos a atos de extrema violência contra crianças e adolescentes nas comunidades escolares brasileiras. Assassinatos, abusos, ameaças e atentados propriamente ditos, em sua maioria planejados através da internet, deixaram familiares assustados e profissionais preocupados em compreender e, com isso, criar redes e recursos que possam tentar conter o crescimento dessa onda. A ideia é que possamos pensar possibilidades de enfrentamento diante desse cenário de expressões racistas, xenofóbicas, misóginas, neonazistas, enfim, de ódio e destruição. Para tanto, contamos com as reflexões do entrevistado Renato Levin-Borges.

– NOS ÚLTIMOS ANOS, HOUVE UM AUMENTO DA CULTURA DA VIOLÊNCIA PELA NORMALIZAÇÃO DE UM DISCURSO SOCIAL QUE AUTORIZA O TRATAMENTO DOS CONFLITOS SEM PASSAR PELA PALAVRA. ALÉM DISSO, VIVEMOS UM ISOLAMENTO SOCIAL IMPOSTO PELA PANDEMIA DE COVID-19. AMBAS AS SITUAÇÕES SÃO TRAUMÁTICAS E GERADORAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO. PODEMOS PENSAR NO INCREMENTO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS RELACIONANDO ESSES FATORES?

Com certeza o isolamento, necessário e fundamental para o combate da COVID-19, foi um fator importante para a radicalização à direita dos jovens, sobretudo homens brancos. Há já indicadores que dão conta de como a socialização feita sobretudo pelas redes sociais causou a ampliação de teorias da conspiração e transformou as subjetividades. Foi durante a pandemia, por exemplo, que o TikTok se tornou um fenômeno global sendo o aplicativo mais baixado do mundo nos primeiros meses de isolamento por conta da COVID-19 em 2020. No TikTok há estudos que demonstram que conteúdos pró-anorexia eram mostrados para crianças de nove anos, por exemplo, assim como os jovens foram expostos a muitos conteúdos neonazistas, supremacistas brancos e ‘fancams’, tipo de produção que romantiza atiradores de escolas. Então, precisamos entender de um lado o processo de isolamento dos indivíduos radicalizados já pelas estratégias do capitalismo neoliberal, e aí temos um isolamento de presença física que atinge aqueles que se encontram em formação de suas identidades e são, sob determinados aspectos, mais vulneráveis às capturas de suas subjetividades e afetos. Todos os atiradores de escola no Brasil praticamente foram radicalizados nas redes sociais onde receberam apoio, suporte, ideias e combinaram eventualmente (muitos ataques ocorrem em duplas) com parceria para seus atos de violência.

¹ Bacharel e licenciado em Filosofia pela PUC-RS. Mestre e doutor em Educação pela UFRGS com tese sobre neoliberalismo e neofascismo. Produtor de conteúdo no Twitter, Instagram, TikTok e Youtube com o @nietzsche4speed. Professor de Filosofia na rede municipal de Porto Alegre. E-mail: nietzsche4speed@gmail.com

– PERCEBEMOS ESTAR HAVENDO NAS ESCOLAS UM CERCEAMENTO NA POSSIBILIDADE DE FALAR SOBRE POLÍTICA, COMO SE FALAR SOBRE POLÍTICA FOSSE FALAR DE POLÍTICA PARTIDÁRIA. NA SUA EXPERIÊNCIA, A ESCOLA TEM DEIXADO DE SER UM ESPAÇO DE REFLEXÃO E DISCUSSÃO DO QUE SE PASSA NA SOCIEDADE?

Este é outro ponto interessante de se analisar. Se atentarmos para a onda neofascista global que emerge no começo dos 2010, a apolitização era uma das estratégias operacionalizadas pela agenda da nova/velha extrema direita, já que a participação política pressupõe dois elementos intoleráveis para a extrema direita: a reflexão crítica e o pertencimento, a construção de comunidade que envolve não só debate de ideias, mas de presença física, escuta e fala. Não por acaso, relatórios que tratam da prevenção à radicalização à direita globalmente, assim como os recentes relatórios produzidos pelo Governo Federal, apontam para a constituição de grêmios estudantis nas escolas. É necessário constituir espaços de pertencimento nos quais os jovens não só se sintam parte de um grupo, mas percebam-se como agentes ativos da construção de algo que seja comunitário, que ultrapasse o isolamento de seus “eus” atomizados e isolados construídos pela percepção de disputa de todos contra todos que o capitalismo contemporâneo introjeta em nossas subjetividades.

– QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO PROPOSTA PELA LEI 13.415/2017? VOCÊ VÊ ALGUMA RELAÇÃO ENTRE ESSA PROPOSTA E O INCREMENTO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS?

Eu acho a Reforma do Ensino Médio tenebrosa, mas que dialoga profundamente com as noções de liberdade e meritocracia subjacentes ao diagrama de estratégias do neoliberalismo. A “liberdade de escolha” é a de produzir um cardápio de disciplinas, algumas esdrúxulas inclusive, bastante precarizadas que lembram a crítica de Paulo Freire ao “ensino bancário”, quase uma declaração aberta de reserva de mercado para os alunos das classes A e B de escolas particulares enquanto o aluno da periferia vai aprender tão somente o necessário para ser caixa de supermercado ou atendente de loja. O meu ponto, por óbvio, não é menosprezar estas profissões que são extremamente dignas, assim como são extremamente mal remuneradas, o ponto é o aprofundamento do fosso de desigualdade social e isto contribui com a violência nas escolas sobretudo porque o nihilismo, essa percepção de que nada tem sentido ou nada importa, tende a se aprofundar nas subjetividades dos jovens da escola pública que logo se aperceberão que o futuro possível a eles nesta terrível reforma será diminuto, será de subsistência econômica provavelmente, e só isso. Os sonhos, a esperança, todos eles se ligam à construção de sentido, e sob minha perspectiva, a Nova Reforma do Ensino Médio contribui com o nihilismo nos jovens.

– COMO VOCÊ ACHA QUE A IMPRENSA, A INTERNET E AS REDES SOCIAIS PODEM CONTRIBUIR PARA A PROPAGAÇÃO OU PARA A CONTENÇÃO DA VIOLÊNCIA?

A primeira coisa que a imprensa pode fazer é não divulgar nome, manifestos e fotos de quem comete ataque às escolas porque eles se valem da propagação de suas imagens e manifestos como propaganda. As redes sociais, por sua vez, deveriam coibir a propagação destes elementos pelos mesmos motivos, porém, a lógica do engajamento igual a dinheiro impera. É por esta razão que defendo a PL2630 de regulamentação das redes sociais, porque os casos mais recentes de ataques às escolas no Brasil, por exemplo, foram todos organizados

ENTREVISTA

e divulgados através do Twitter e Discord. Estas redes, que lembremos, são redes proprietárias, não são penalizadas por não regulamentarem a circulação de imagens e discursos de ódio. Compreendo que as pessoas queiram ajudar a justiça, ou se sintam indignadas e queiram execrar a foto e nome de quem comete atentados, mas assim acabam inadvertidamente produzindo o contrário, que é a propagação e disseminação de seus exemplos e ideias violentas.

– QUAIS AS PERSPECTIVAS E OS PROJETOS POSSÍVEIS DE ENFRENTAMENTO DESSA VIOLÊNCIA CUJA EFICÁCIA VOCÊ CONHECE OU SUGERE PARA O BRASIL?

Finalmente o Brasil está enfrentando esse problema o compreendendo dentro do espectro que já se entende ao redor do mundo: a captura e radicalização à extrema direita cujo espectro não é só transformar jovens em neonazistas, mas também opera por teorias da conspiração como os movimentos antivacina, o QAnon, dentre outras estratégias. Neste sentido, o Governo Federal brasileiro tem feito esforços tanto na produção de relatórios quanto nos serviços de inteligência para responsabilização judicial e criminal de suspeitos. O caminho passa, sob minha perspectiva e ancorado em experiências ao redor do mundo, na construção de espaços de presença, escuta, acolhimento e construção de laços de pertencimento. A desradicalização é mais complicada que a prevenção, mas ambas têm em seu cerne o problema do binômio não pertencimento/pertencimento. Eu sempre digo nas minhas aulas, palestras, participações em *lives*, entrevistas etc. que se nós não propiciarmos espaços para construção de laços de pertencimento e comunidade, a extrema direita sempre os dará e os acolherá. Se eu pudesse recomendar um primeiro passo seria: construam momentos e espaços de conversa e escuta com as pessoas. Fazer parte de uma comunidade eticamente saudável é a maior vacina para a radicalização à direita.

SOBRE A OBEDIÊNCIA¹ON OBEDIENCE
SOBRE LA OBEDIENCIAMarília Aisenstein²

Resumo: A partir de pesquisas contemporâneas, a autora, psicanalista, vê a clivagem como principal organizadora da negação, sobre a qual repousará a submissão à autoridade, a indiferença à destruição e a perda da capacidade de pensar.

Palavras-chave: Psicanálise. Clivagem. Negação. Violência. Submissão.

Abstract: From contemporary research, the author, a psychoanalyst, sees the cleavage as the main organizer of negation, on which is based submission to authority, indifference to destruction and the loss of the ability to think.

Keywords: Psychoanalysis. Cleavage. Denial. Violence. Submission.

Resumen: Basándose en investigaciones contemporâneas, el autor, psicoanalista, ve en la escisión el principal organizador de la negación, sobre la que reposará la sumisión a la autoridad, la indiferencia ante la destrucción y la pérdida de la capacidad de pensar.

Palabras clave: Psicoanálisis. Clivaje. Negación. Violencia. Sumisión.

O manuscrito inacabado redigido em janeiro de 1938 sempre despertou meu interesse.

Ele me inquieta, me evoca novas vias de pensamento, porém esta abertura fica em suspenso. A ideia deste rasgo no Eu, “rasgo que não vai curar”, parecia estranha para Freud. Ele se pergunta, a propósito, se descreve ali um fato novo e desconcertante ou bem um fenômeno já evidente, conhecido da humanidade. A ruptura, que jamais foi revelada, não é uma clivagem entre instâncias: ele assinala a coexistência não dialética de uma afirmação e de uma negação. Se eu aceito o fetichismo, a psicose e a dissociação esquizofrênica onde a clivagem do ego assume uma marca patológica, resta um fenômeno banal, em uma clínica que chamarei “obediência e conformismo”. Um fato pouco descrito e estudado.

¹ Tradução de Martina Dall’Igna de Oliveira, psicanalista, mestre em psicanálise: clínica e cultura (UFRGS), membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.
E-mail: martinadoliv@gmail.com

² Psicanalista titular didata da Sociedade Psicanalítica de Paris e da Sociedade Helênica de Psicanálise (Grécia), filósofa de formação, membro do conselho editorial da *Revue Française de Psychanalyse* e editora da *Revue Française de Psychosomatique*.
E-mail: marilia.aisenstein@gmail.com

Entre 1950 e 1963, Stanley Milgram, professor de psicologia na Universidade de New York, conduziu uma série de experimentos que visaram a mostrar as modalidades de submissão a uma autoridade, uma autoridade neste caso totalmente imaterializada, uma vez que se tratava de uma “autoridade científica”. Ele descreveu e comentou o protocolo da pesquisa em seu livro *Soumission à l'autorité* (MILGRAM, 1974). Essa experiência, enfática, mas perturbadora, é reproduzida no filme de Henri Verneuil *I comme I care*.³

Fingindo conduzir uma pesquisa sobre a memória, Stanley Milgram pede a homens e mulheres, insuflados pelo título de “monitores”, que apliquem choques elétricos, em intensidade crescente, em sujeitos a serem testados. O sujeito a ser testado é amarrado em uma cadeira com um eletrodo fixado em seu braço. Ele deve repetir listas de palavras aos pares, por ele memorizadas. Cada erro é penalizado por uma descarga elétrica crescente. A estimulação dos choques elétricos é praticada graças a uma máquina que possui trinta alavancas escalonadas de quinze a quatrocentos volts, com referências que vão desde “choque leve” a “atenção: choque perigoso”.

Alguns membros da equipe de pesquisa desempenharam o papel de sujeitos a serem testados: imitavam o medo e a dor resultantes dos choques elétricos artificiais administrados pelos “monitores”. Sob o pretexto de testar os processos de memorização, a experiência provava, de fato, a submissão dos “monitores-testadores” a um protocolo que não fazia nada além de colocar em cena sessões de tortura.

A grande maioria dos monitores aceitou conduzir a experiência até o final. Alguns relutaram ou duvidaram, mas foram facilmente convencidos pela intervenção tranquila dos personagens de jaleco branco que encenavam “uma autoridade científica”. As imagens contidas no filme de Verneuil são apavorantes. Stanley Milgram concluiu que “... pessoas comuns, desprovidas de qualquer hostilidade, podem, simplesmente cumprindo seu trabalho, se tornar os agentes de um atroz processo de destruição”. Não podemos deixar de pensar no conceito de “banalidade do mal” proposto por Hannah Arendt em *Eichmann à Jérusalem* (ARENDDT, 1991).

Logo após a estreia do filme *Un spécialiste*,⁴ Rony Brauman – após um minucioso trabalho com as imagens dos arquivos de vídeo do processo de Jerusalém – publica *Éloge de la désobéissance* (BRAUMAN, 1999), que é sua conclusão. Essa obra possui o mérito de proporcionar uma reflexão sobre as respostas textuais de Adolf Eichmann: ele também se apresenta como um homem comum, um agente de uma destruição que ele afirma não ter desejado; ele se mostra sem culpa, colocando a obediência e a eficácia acima de todos os seus valores. Ele afirma seu horror à violência. Ao procurador geral que o questiona: “Como você via o negócio de exterminação e as pessoas que participavam dele?” Eichmann responde: “... se eu estivesse afetado pela exterminação, acho que provavelmente eu teria me dado um tiro naquele momento... dadas minhas reações e o que eu sabia, eu acho que eu teria dado um fim aos meus dias, para me tirar de tudo aquilo”. Ele não nega sua participação no extermínio, mas situa sua cumplicidade em uma “esfera jurídica”, e não em uma esfera humana. Ao longo dos arquivos do processo, parece nunca ter lhe ocorrido a ideia de dizer “não” à autoridade. Aqui a afirmação negativa de Bartleby, descrita por

³ Filme de H. Verneuil. As cenas foram exibidas no canal Arte.

⁴ Realizado a partir dos arquivos de vídeo do processo de Eichmann por Egal Sivan, 1999.

J.-B. Pontalis (2000), assume pleno sentido. O número precedente deste *Libres Cahiers* contemplou plenamente a função criativa da negação.

Como compreender a dificuldade de certos indivíduos, em dadas condições, de se afirmarem negativamente? Do meu ponto de vista, nem a concepção de um superego cultural deslibidinalizado, nem a de uma regressão do superego a um ideal do eu, são suficientes para dar conta desta carência da capacidade de negação. Não podemos somente considerar essas formações como simples avatares deste rasgo precoce no ego “que não irá se curar mais, e sim aumentará com o tempo”. Se tratará, isto sim, de uma estratégia antitraumática que falha em se constituir como defesa mental e constitui o que os psicossomáticos da Escola de Paris denominam como “desmentalização”.

Criada por Pierre Marty, a noção de mentalização (MARTY, 1991) se inspira no ponto de vista econômico proposto por Freud em *Mais além do princípio do prazer*, segundo o qual o excesso de excitação pode conduzir a um estado traumático se os meios de defesa psíquica são sobrecarregados. Desencadeadas por circunstâncias, essas excitações devem, necessariamente, ser escoadas e descarregadas. Para Pierre Marty, duas vias são possíveis para este processo: a via da elaboração psíquica por um lado, e a via do comportamento e da somatização por outro. A mentalização concerne antes de tudo ao trabalho das representações, suas quantidades, suas qualidades e seu dinamismo. Ela qualifica a aptidão do aparelho psíquico para ligar a excitação pulsional através dos sistemas e canais de representações, de associações e de reflexões carregadas de afetos.

Na ausência de um trabalho mental, se realizam outras possibilidades de descarga e escoamento das excitações pulsionais, através de comportamentos motores e sensoriais, como na clínica dos estados traumáticos e limites: a desmentalização, realizada dessa forma, pode ser considerada como a consequência de uma prematuridade do ego ao se confrontar com os destinos pulsionais da incompletude edípica. Ela pode também ser o resultado de falhas na realização alucinatória do desejo, no alvorecer da vida psíquica. Essas falhas levam a defeitos na constituição do autoerotismo psíquico, como o da vida fantasmática.

São circunstâncias nas quais a vida aporta ao indivíduo as condições de uma reativação dos traumatismos experimentados em tempos precoces. Uma certa realidade deve então ser negada em razão da percepção, implicada pelo sujeito, do potencial traumático desorganizador prestes a entrar em ação. A clivagem do ego que se instaura para manter a negação implica uma comunidade de identificações, que vai assegurar a diluição da negação pessoal de uma falta em uma comunidade, em geral. O funcionamento operatório me parece como uma das modalidades desse tipo de construção (FAIN, 1991), ou mesmo de destruição.

Embora inacabado, elíptico, “A clivagem do ego no processo de defesa” (FREUD, 1985) é um artigo essencial que impõe e esclarece a releitura dessa clínica que eu denominei como “obediência e conformismo”, onde reinam verdadeiros dispositivos antipensamento.

Como o verme no fruto, ou mesmo como a pérola na ostra – metáfora cara a Freud para evocar o germe das neuroses atuais no seio de toda psicose de defesa –, no psiquismo humano há sua própria tendência à destruição do trabalho psíquico. Para compreender esse impulso desencarnado, que ataca e mata o pensar no próprio seio do processo de pensamento, a única definição

da pulsão de morte postulada em 1938 no Compêndio (FREUD, 1978) (voltar ao inorgânico) só é suficiente se conjugarmos com a ideia desenvolvida um pouco mais tarde, em outubro do mesmo ano, de um rasgo no oco do ego, que jamais cicatriza.

REFERÊNCIAS

ARENDR, H. *Eichmann à Jerusalem*. [S.l.]: Gallimard, 1991.

BRAUMAN, R. *Le pommier*. [S.l.]: Fayard, 1999.

MILGRAM, S. *Soumission à l'autorité: un point de vue expérimental*. Paris: Calmann-Lévy, 1974.

FAIN, M. Préambule à une étude métapsychologique de la vie opératoire. *Revue Française de Psychosomatique*, n. 1, 1991.

FREUD, S. *Abrégé de psychanalyse*. Paris: PUF, 1978.

FREUD, S. *Le clivage du moi dans le processus de défense*. Paris: PUF, 1985.

MARTY, P. *Mentalisation et psychosomatique*. [S.l.]: Synthé-Labo, 1991.

PONTALIS, J.-B. L'affirmation négative. *Dire Non: Libres Cahiers pour la Psychanalyse*, n. 2, Automne 2000.

A VIOLÊNCIA DA ESTUPIDEZ E A ESTUPIDEZ DA VIOLÊNCIA

THE VIOLENCE OF STUPIDITY AND THE STUPIDITY OF VIOLENCE
LA VIOLENCIA DE LA ESTUPIDEZ Y LA ESTUPIDEZ DE LA VIOLENCIA

Mauro Mendes Dias¹

Resumo: O objetivo do texto é mostrar uma modalidade de violência que se estrutura como efeito do discurso da estupidez, baseado nas crenças que adulteram a função da verdade em sua relação com o desejo inconsciente e o gozo. Entretanto, faz-se necessário admitir uma impossibilidade de eliminação da violência, na medida em que não existem meios de garantir a sustentação do sujeito pelas palavras de forma inabalável. Tais condições levam a articular tratamentos possíveis de tais limitações.

Palavras-chave: Violência. Discurso. Estupidez.

Abstract: The objective of the text is to show a type of violence that is structured as an effect of the discourse of stupidity, based on beliefs that distort the function of truth in its relationship with unconscious desire and enjoyment. However, it is necessary to admit that it is impossible to eliminate violence, as there are no means of guaranteeing the subject's unshakable support through words. Such conditions lead us to articulate possible treatments for such limitations.

Keywords: Violence. Discourse. Stupidity.

Resumen: El objetivo del texto es mostrar un tipo de violencia que se estructura como efecto del discurso de la estupidez, basado en creencias que distorsionan la función de la verdad en su relación con el deseo y el goce inconscientes. Sin embargo, es necesario admitir que es imposible eliminar la violencia, ya que no hay medios para garantizar el apoyo inquebrantable del sujeto a través de las palabras. Tales condiciones nos llevan a articular posibles tratamientos para tales limitaciones.

Palabras clave: Violencia. Discurso. Estupidez.

¹ Psicanalista. Diretor do Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise em São Paulo. Responsável pelo Seminário "Enlaçamentos e desenlaçamentos do Inconsciente". Conduz apresentação de pacientes na Unicamp e no Hospital Nossa Senhora de Fátima. Supervisor da Equipe Ponte, voltada ao tratamento de jovens diagnosticados com síndromes orgânicas e psicoses. Autor de artigos e livros de Psicanálise. E-mail: mauro.m.dias@uol.com.br

De forma a acompanhar o que se encontra em jogo no título do texto, é preciso considerar que falar de violência da estupidez se refere à violência como efeito do discurso da estupidez. Tal discurso, baseado nas elaborações de Jacques Lacan, foi escrito e articulado no livro *O discurso da estupidez* (2020), no qual procurei destacar os seguintes quatro pontos relativos ao seu funcionamento:

PRIMEIRO PONTO

Há uma produção de efeitos inconscientes para quem consente a ele, modificando a economia de desejo e gozo. Foi escrito segundo uma modificação dos termos que distinguem o discurso do mestre daquele do capitalista, para Lacan, considerando que o primeiro é responsável, em seu numerador, pela ligação entre os significantes que compõem a linguagem como condição do inconsciente. Ao mesmo tempo, no denominador do discurso do mestre iremos recolher os termos que articulam a fantasia, uma vez que ela organiza a posição do sujeito perante o desejo e o gozo. No que se refere ao discurso do capitalista, escrito a partir de uma inversão de lugares e uma causação entre os termos que compõem o discurso do mestre, podemos dizer que ele participa decisivamente das escolhas que realizamos em nossa sociedade de mercado. Ainda ao mesmo tempo, o discurso do capitalista nos conecta de forma diferenciada com a política — desde que possamos admitir que, tal como Lacan (2018, p. 350) o fez, a afirmação “o inconsciente é a política” seja verdadeira, porque existem discursos que determinam as diferentes maneiras pelas quais nos ligamos aos afetos e os experimentamos.

Não é somente pelo fato de a economia se manter estruturada pelo princípio da mais-valia, como mais gozar sacrificial, que ela organiza a produção. O que o discurso do capitalista vai fazer funcionar é um circuito, um circuito de reinvestimento. Como se dá? É por fazer parte de um discurso que a mais-valia se sustenta, pela condição de reinvestimento dos sujeitos nas diferentes cativações que o fetichismo das mercadorias condiciona, como condição de assujeitamento dos corpos e do tempo. É um discurso infinito: ele não claudica e é mortífero em sua condição sem saída. Tanto é assim que um dos sintomas que produz é o do endividamento infinito, assim como os transtornos do sono e tantos outros. A mais-valia só é efetiva porque ela é causa de gozo, de dispêndio, de empuxo que aspira o sujeito. É por consentir a um apelo que o aspira da sua condição desejante, desde a qual escolhe e perde, que o sujeito não participa mais pelo significante que o dividiria, mas pelo significante como causa de um gozo que o assujeita, como proletário, ao mesmo tempo que sua condição de gozo é estruturada pelos objetos olhar e voz. Falar de fetichismo da mercadoria é dizer do olhar que estrutura uma cena onde o objeto se faz ver pelo brilho de sua imagem fugaz quando há uma promessa de sua permanência, a depender da admissão daquele que olha. A voz participa do discurso do capitalista como causa de masoquismo, uma voz que pune, que exige, que controla, que vigia; enfim, uma voz que comanda a produção incessante e renovada de *gadgets*, a qual vai se fazer escutar nos diferentes anúncios de seu futuro lixo.

Há uma efetividade diferenciada do discurso da estupidez quando de sua participação nas sociedades capitalistas de mercado, que se sustentam politicamente pela vigência da democracia. Tudo se passa, nessas sociedades, como se houvesse um funcionamento exitoso, em termos de iniciativas políticas e econômicas. Esse tipo de desfaçatez é o terreno fértil de onde serão cultivadas as condições do discurso da estupidez, uma vez que, na vigência desse discurso,

é preciso que a mentira passe a se contar como verdade. No discurso da estupidez, o que vai fazer funcionar a mentira são as crenças. No caso do discurso do capitalista, o que faz funcionar a mentira é uma promessa de aquisição possível do objeto de satisfação. São discursos solidários, um ao outro. Eles se ligam, sem serem os mesmos.

SEGUNDO PONTO

Procurei ressaltar, na escrita do discurso da estupidez, a presença da crença como elemento responsável pelo agenciamento nele. Notemos que toda concepção de discurso tem como princípio um agente que determina o funcionamento dele, discurso, sobre um outro, semelhante ou coletividade. Tais efeitos são assimilados, por Lacan, a uma condição de gozo, uma vez que esta última participa do empenho, no sentido de se virar com aquilo pelo qual se foi afetado. Essa afetação, dependendo de como cada um responde ao discurso em jogo, é responsável por uma produção, com maior ou menor intensidade de entrega, de dispêndio. Uma vez que todo e qualquer discurso na psicanálise encerra seus fundamentos numa ligação entre o inconsciente e a fantasia, e não nos seus enunciados, a relação com a verdade sofrerá os efeitos desse circuito de funcionamento. A depender dos termos em ação num discurso, cada sujeito poderá experimentar uma relação diferenciada com o impossível, uma vez que a verdade em nosso campo de experiência padece da possibilidade de ser dita por inteiro. Distingue-se, assim, de sua acepção corrente, na qual ela se apresenta como um efeito de adequação entre a palavra e o referente, entre o que é percebido e o que é compartilhado, como efeito dessa mesma percepção.

TERCEIRO PONTO

O destaque dado à crença no discurso da estupidez se mantém diretamente ligado ao fato de esta buscar seus fundamentos numa referência que a diferencia da tradição que desde sempre se manteve nos três monoteísmos, qual seja, em Deus como instância transcendental. Em se tratando do discurso da estupidez, a noção de crença se adultera devido à sua ligação com as seitas, de onde passou a advir. Entende-se que o que distingue as seitas das tradições religiosas é o fato de que não há mais mensagem a ser decifrada, não há exegese do texto sagrado e, conseqüentemente, a palavra de Deus é tomada, a um só tempo, em sua literalidade, e a serviço dos objetivos dos líderes religiosos para conduzir seus rebanhos. A palavra que antes vinha de Deus a partir de um trabalho de decifração e contextualização agora vem enunciada pela boca dos homens e seus interesses espúrios. Trata-se, portanto, de um ódio dirigido a Deus, aos limites e ao respeito que suas palavras impunham, pela tradição simbólica. No lugar do culto, com os ritos e dogmas da trindade, agora se encontram os espetáculos das conversões forçadas para a retirada do demônio, abusivamente identificado aos cultos africanos. Teatralizações são conduzidas pelos mercadores da fé que praticam, sem nenhum tipo de constrangimento e interdição do Estado, o roubo e a mentira como formas de assujeitamento daqueles que precisam acreditar neles, como forma de preservar um resto de esperança da qual são privados de experimentar.

Constata-se, a céu aberto, a prática de deformação dos fatos nessas denominações religiosas de seitas, em nome de perpetuar sua ligação com a usurpação. Conta-se, agora, com o nome de Deus, para colocá-lo a serviço do enriquecimento ilícito e da transgressão.

QUARTO PONTO

O fato de ser um discurso, o da estupidez, responsável pela geração de afetos e significações do mundo, implica admitir que ele irá promover o culto do escárnio e da falta de vergonha, pudor e respeito como recursos para lidar com o que é sinônimo de consideração, de convivência e solidariedade, ou seja, de diálogo.

Consideremos que, etimologicamente, há uma íntima ligação entre violência e violação. Isso significa que há uma violência que é íntima ao funcionamento do discurso da estupidez, na medida em que ele viola a relação com a verdade e com a polissemia da língua. Por isso mesmo, vali-me da peça de Ionesco, *O rinoceronte* (2015), assim como do livro de Kafka, *A metamorfose* (1997), e o de Ian McEwan, *A barata* (2020), para mostrar que desde o discurso da estupidez os personagens adquiriram vida. Existem seres baratas, seres rinocerontes, seres ratos, e tantos outros. Isso porque o discurso da estupidez suscita a violência como efeito da recusa do pacto civilizatório. O rei se regozija com sua nudez animal, sem qualquer roupa humana. Por isso mesmo, ele e sua turba invadem e depredam em nome de outra ordem, sempre tirânica. Vandalizam o patrimônio nacional, exatamente porque pensam e agem sem qualquer tipo de patrimônio simbólico. São semelhantes a essas nuvens de gafanhotos que dizimam as plantações, e semelhantes, também, a essa epidemia de ratos que invadem as cidades.

Procurei mostrar que há uma violência da estupidez como efeito de discurso. Contudo, é preciso considerar que esse discurso não surgiu do nada. O mínimo que ele nos leva a admitir é a tolerância excessiva que foi mantida com seus agentes desde muito tempo. Como se a administração dos esgotos fosse suficiente para manter os detritos fora do campo de ação, como se sempre fosse possível chegar a acordos sem retrocessos.

Há um momento em que a besta se levanta com seu séquito. Ela até pode ser destituída de suas funções oficiais, mas tal como os vampiros, que se acotovela em suas cavernas, sem a luz da razão, há muito quebrada. E que retornam para sugar o sangue que os viciou. Assim se disseminam novas gerações de vampiros da vida.

Uma ressensibilização das condições de humanidade se apresenta como um dos tratamentos possíveis do discurso da estupidez, entendendo que uma nova sensibilidade só terá condições de ser cultivada se o acesso à dignidade, à educação e à cultura se aproximar da vida daqueles que consentiram em ser tratados como bichos, e como lixo. Acentua-se, portanto, o tratamento da violência que viola a vida de cada um, transformando-a em dejeção. Os fundamentos e as articulações que permitem situar tais tratamentos excedem o escopo do presente texto.

Afirmar, tal como consta no título do texto, que há uma estupidez da violência implica, primeiramente, estabelecer a diferença entre agressividade e violência. Se a agressividade se define, com Lacan, pelo enunciado segundo o qual um sopro em teu inimigo é um sopro em ti mesmo (1998), é porque a agressividade é responsável por uma tensão agressiva dirigida à imagem do outro, enquanto sinônima de uma suposição que faço de seu ser, pela imagem. O fundamento dessa tensão é a atribuição ao outro das imperfeições que estão presentes na imagem do próprio sujeito, as quais ele desconhece. Assim, ele o critica, o desmerece e o despreza. A depender do discurso à sua volta, estimulando suas ações, ele passa da palavra ao ato de violação do outro, pela

violência dirigida a seu corpo. Nesse momento de passagem, o que fica em suspenso é o apoio nas palavras que denegriam o ser do outro, desde sua imagem. Consequentemente, o afeto que participa dessa passagem é o ódio, como paixão que passa a comandar suas ações visando à destruição e aos danos. A violência é, assim, uma passagem ao ato promovida pela surdez e pela cegueira, que a alinham com a paixão da ignorância. A um só tempo, passa-se a ser cego e surdo aos argumentos, portanto, fim do diálogo.

Consideremos, ainda, que não existe somente passagem à violência como produto da violação dos corpos. Isso porque, por um lado, cada um é suscetível de deixar cair o suporte na palavra e na imagem. Nesse sentido, há uma impossibilidade de extinção da violência. Ao mesmo tempo, ela se modaliza como presença da verdade numa condição abrupta, a qual surpreende o sujeito inteiramente sem defesa para lidar com ela. É nesse caso que a violência comparece como violência da interpretação, com maior ou menor cálculo de seu manejo. Daí a necessidade de articular a interpretação, na transferência, através dos tempos de emergência dos conflitos do sujeito, com manejos diferenciados. Isso porque haver fracasso no manejo da transferência não implica que ele tenha de se apresentar moldado pela recusa violenta do laço.

A questão da violência, para um psicanalista, comparece ligada à forma pela qual ele dá sustentação a seu lugar e sua função, pelo desejo. Significa que, a um só tempo, ele faz barreira ao discurso da estupidez, visando a seu tratamento possível, tanto quanto participa dos momentos de tensão na transferência, mantendo a aposta na mudança de posição pela insistência na letra que dá suporte ao inconsciente, pela voz. A voz da violência faz vociferar, a voz do desejo faz desestabilizar. Se não há um tratamento à altura para as vociferações é porque continuamos a recusar a força e a cativação da destruição. Uma interrogação sobre os ódios que comparecem nas e entre as comunidades analíticas se mantém como elemento que interroga os ideais que se mantêm agindo de forma inconsciente.

REFERÊNCIAS

- DIAS, Mauro Mendes. *O discurso da estupidez*. São Paulo: Iluminuras, 2020.
- IONESCO, Eugene. *O rinoceronte*. São Paulo: Nova Fronteira, 2015. (Original publicado em 1959.)
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Original publicado em 1912.)
- LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise. Trad. de Vera Ribeiro. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 104-126. (Original publicado em 1948.) Disponível em: <http://www.sbpcedem.com/uploads/2/3/1/1/23113078/escritos_-_jacques_lacan.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- LACAN, Jacques. *A lógica do fantasma*. Seminário 14. 1966-1967. Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2018. (Original publicado em 1966-1967.)
- MCEWAN, Ian. *A barata*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

DIVÃ – UM ENCONTRO ENTRE NUVENS

DIVAN – A MEETING BETWEEN CLOUDS

DIVÁN – UN ENCUENTRO ENTRE LAS NUBES

Eurema Gallo de Moraes¹**LIVRO: POR QUE O DIVÃ? PERSPECTIVAS DE ESCUTA E A POÉTICA DA PSICANÁLISE****AUTOR: LUCAS KRÜGER****SÃO PAULO: BLUCHER; ARTES & ECOS, 2023, 352 P.**

Resumo: *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise* é uma leitura relevante visto que oferece um material consistente ao debate acerca deste tema tão frequente nas instituições psicanalíticas, nos espaços de supervisão e nas interrogações pessoais do analista. Lucas consegue escrever um texto preciso e sem rasuras ao mesmo tempo que deixa o leitor confortável para alimentar sua própria reflexão, para pensar sobre sua prática de psicanalisar, ou simplesmente ter a curiosidade em descobrir algo singular.

Palavras-chave: Psicanálise. Divã/divan. Estado de nuvem. Re-forma.

Abstract: *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise* is a relevant reading as it offers consistent material for the debate around this topic that is so frequent in psychoanalytic institutions, in supervision spaces and in the analyst's personal interrogations. Lucas manages to write a precise text without erasures while leaving the reader comfortable to feed their own reflection, to think about their practice of psychoanalysis, or simply to be curious about discovering something unique.

Keywords: *Psychoanalysis. Couch/diva. Cloud state. Remodeling.*

Resumen: *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise* es una lectura relevante porque ofrece material consistente para el debate en torno

¹Psicanalista. Doutora em Fundamentos e Desenvolvimento em Psicanálise pela Universidade Autônoma de Madrid – UAM. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Autora do livro *Vivência de indiferença: do trauma ao ato-dor* – Eurema Gallo de Moraes e Mônica M. Kother Macedo (Casa do Psicólogo, 2011). Participação como autora do livro *Neurose: leituras psicanalíticas* (EDIPUCRS, 4. ed.); *Um movimento psicanalítico: narrativas da teoria, da clínica e da cultura* (EDGRAF, 2012); *Psicanálise e universidade: potencialidades teóricas no cenário da pesquisa* (EDIPUCRS, 2012). Participação como coautora no livro *Clínicas do testemunho: reparação psíquica e construção de memórias* – Sigmund Freud Associação Psicanalítica, coedição (Criação Humana, 2014); *A potência dos encontros com a psicanálise* – org. de Janete L. Dócolas e Carolina N. de Barros Falcão (Artes & Ecos, 2020); *Vozes da psicanálise: clínica, teoria e pluralismo* (Volume 1): 1900-1942 – org. de David B. Florsheim (Blucher, 2022). *Vozes da psicanálise: clínica, teoria e pluralismo* (Volume 4) – org. de David B. Florsheim (Blucher, 2023); e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. E-mail: euremagallo@gmail.com

a este tema tan frecuente en las instituciones psicoanalíticas, en los espacios de supervisión y en los interrogatorios personales del analista. Lucas logra escribir un texto preciso y sin borraduras y al mismo tiempo deja al lector cómodo para alimentar su propia reflexión, pensar en su práctica de psicoanálisis o simplemente sentir curiosidad por descubrir algo único.

Palabras clave: Psicoanálisis. Diván/diwan. Estado de la nube. Re-modelación.

Lucas Krüger é um psicanalista inteligente, lúdico, inquieto, muito inquieto. São características que se percebem na leitura desde as primeiras páginas de *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise*, livro que condensa a sensibilidade do analista com a qualidade do escritor.

Na primeira parte – *Perspectivas de escuta* – o leitor acompanha a investigação minuciosa e a pesquisa delineada sobre o recurso do divã, no sentido atribuído por inúmeros psicanalistas reconhecidos tanto em suas produções teóricas como em seus relatos clínicos. Para Lucas,

Pensar a função do divã é muito mais do que pensar elementos do enquadre, ainda que, obviamente, as temáticas se interliguem. [...] é imprescindível um resgate histórico de como algumas possíveis funções do divã foram sendo experienciadas e percebidas pelos psicanalistas no trabalho com seus analisandos, até se tornarem parte de seus modos singulares de escuta e intervenção, ao longo do desenvolvimento da psicanálise (p. 22).

Para tanto, ele apresenta, em detalhes contornados por uma fina estética, o *divã-reminiscência* de Sigmund Freud expandindo as contribuições com *o divã, a criança que vive no adulto* de Sándor Ferenczi, *o divã-corpo* de Donald Winnicott, *o divã-pele* de Didier Anzieu, *o divã-modelo do sonho* de André Green, *a privacidade do divã* de Thomas Ogden, *o divã evocativo* de Christopher Bollas, *um divã distante* em Jacques Lacan, *o divã em latência* de René Roussillon, *o divã e o processo criativo do analista* para Melanie Klein, *o divã embrionário* de Wilfred Bion, *o divã dramático e neuropsíquico* de James Grotstein e *o divã como auxiliar a um 'roteiro fílmico'* de John Munder Roos.

Ao atravessar esse longo percurso teórico, o inquieto Lucas problematiza a proposta dos autores, anota algumas contradições, mas reconhece sempre a singularidade valiosa em cada uma dessas leituras. Deixa o rastro de sua identificação com aqueles autores psicanalistas com os quais dialoga com mais facilidade e fluidez.

Ou seja, na primeira parte do livro, detalha o sentido multifacetado que cada um desses psicanalistas atribui ao divã como recurso ao exercício de psicanalisar. Assim sendo, Lucas oferece uma contribuição notável e consistente ao leitor; sem dúvida, põe em evidência sua generosidade teórica.

Na segunda parte do livro – *A poética da psicanálise* – a leitura desliza na suavidade da poesia, contornando o vigor da escrita de Lucas em tensionar conceitos psicanalíticos e desdobrá-los na experiência clínica. Nessa direção, cria uma via facilitadora a qual acessa as regiões psíquicas do analisando e, neste encontro, entre analista e analisando, desponta o *estado de nuvem*.

A experiência de análise, como o exercício alteritário da diferença, potencializa investimentos pulsionais para criar e descobrir outras formas – *re-formar*. Assim, o brincar é re-formar. Lucas esclarece: “poderíamos pensar o trabalho no divã/diwan enquanto uma nuvem – em sua capacidade de gerar formas. [...] estaríamos a pensar o trabalho psicanalítico em um estado de nuvem” (p. 227).

Lucas, a partir mais ou menos da metade do livro, como se estivesse até então em um jogo, no qual as ideias de seus pares teóricos movessem a eloquente interlocução entre eles, surpreende o leitor. Através da criatividade de construções próprias, vai enriquecendo e complexificando o tabuleiro do jogo psicanalítico. Coloca em movimento as produções do inconsciente – os sintomas, os sonhos, os lapsos, os atos falhos, o chiste e a transferência – na perspectiva das inúmeras variações e formas de nuvem. Multiplica-se a fecundidade das interpretações, despertam-se as condições criativas da técnica.

Nesta metáfora – o estado de nuvem –, o território móvel e maleável do brincar, do esconder, do aparecer, do disfarçar e, principalmente, do resistir às artimanhas do inconsciente também provoca tempos sombrios e tempestades que amedrontam. O divã/diwan está ali para tudo e para todos; não se trata de uma prescrição, mas, sim, de um inquestionável recurso nesse encontro entre nuvens.

Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise é uma leitura relevante visto que oferece um material consistente ao debate acerca deste tema tão frequente nas instituições psicanalíticas, nos espaços de supervisão e nas interrogações pessoais do analista. Lucas consegue escrever um texto preciso e sem rasuras ao mesmo tempo que deixa o leitor confortável para alimentar sua própria reflexão, para pensar sobre sua prática de psicanalisar, ou simplesmente ter a curiosidade em descobrir algo singular.

O LUGAR DO GÊNERO NA PSICANÁLISE: METAPSICOLOGIA, IDENTIDADE, NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO

THE PLACE OF GENDER IN PSYCHOANALYSIS: METAPSYCHOLOGY,
IDENTITY, NEW FORMS OF SUBJECTIVATION

EL LUGAR DEL GÉNERO EN EL PSICOANÁLISIS: METAPSICOLOGÍA,
IDENTIDAD, NUEVAS FORMAS DE SUBJETIVACIÓN

Victoria Folha de Peres¹

LIVRO: O LUGAR DO GÊNERO NA PSICANÁLISE: METAPSICOLOGIA, IDENTIDADE, NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO

AUTOR: FELIPPE FIGUEIREDO LATTANZIO

SÃO PAULO: BLUCHER, 2021, 318 P.

Resumo: Felipe Figueiredo Lattanzio é psicólogo, psicanalista e doutor em psicologia. É professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e vem se dedicando nos últimos anos ao estudo do gênero na teórica psicanalítica. No livro que serviu como norteador da presente resenha, Lattanzio expande a lógica binária e falocêntrica presente no cerne da psicanálise e propõe novos caminhos para a construção da identidade de gênero, ressaltando o enlace do gênero com o campo social. Lattanzio apresenta autores que foram precursores dos estudos de gênero na história da psicanálise, bem como os entraves da recepção destes estudos pela comunidade psicanalítica. O autor segue nos próximos capítulos fazendo uma costura teórica que tem seu ponto inicial na importância do movimento feminista para o entendimento do conceito de gênero, das relações de poder e normatividades sociais. Ademais, Lattanzio sinaliza a intersecção entre o recalçamento e o feminino e uma nova perspectiva de posicionamento destes conceitos propondo um novo: *o devir-mulher*. Por fim, critica pontos rígidos da teoria que atrasam a busca pela alteridade e o fim do essencialismo na psicanálise, visando a estabelecer a importância do conceito de gênero na psicanálise.

Palavras-chave: Gênero. Feminino. Transexualidade. Identidade. Psicanálise.

¹Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), psicoterapeuta psicanalítica e colaboradora do Laboratório de Sexualidade, Gênero e Psicanálise. E-mail: victoriaperespsi@hotmail.com

Abstract: Felipe Figueiredo Lattanzio is a psychologist, psychoanalyst and PhD in psychology. He is a professor at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), and has been dedicating himself in recent years to the study of gender in the psychoanalytic theory. In the book that served as the guide of the present review, Lattanzio expands the binary and phallogocentric logic present at the heart of psychoanalysis and proposes new paths for the construction of gender identity, emphasizing the link between gender and the social field. Lattanzio presents authors that were precursors of gender studies in the history of psychoanalysis, as well as the obstacles to the reception of these studies by the psychoanalytic community. The author follows in the next chapters making a theoretical stitching that has its starting point in the importance of the feminist movement for the understanding of the concept of gender, power relations and social normativities. Moreover, Lattanzio signals the intersection between repression and the feminine and a new perspective of positioning these concepts, proposing a new one: the becoming-woman. Finally, he criticizes rigid points of the theory that delay the search for otherness and the end of essentialism in psychoanalysis, aiming to establish the importance of the concept of gender in psychoanalysis.

Keywords: Gender. Feminine. Transsexuality. Identity. Psychoanalysis.

Resumen: Felipe Figueiredo Lattanzio es psicólogo, psicoanalista y doctor en psicología. Es profesor de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), y se ha dedicado en los últimos años al estudio del género en la teoría psicoanalítica. En el libro que sirvió de guía para la presente reseña, Lattanzio amplía la lógica binaria y falocéntrica presente en el corazón del psicoanálisis y propone nuevos caminos para la construcción de la identidad de género, enfatizando el vínculo entre género y campo social. Lattanzio presenta autores precursores de los estudios de género en la historia del psicoanálisis, así como los obstáculos para la recepción de estos estudios por parte de la comunidad psicoanalítica. El autor sigue en los siguientes capítulos haciendo una costura teórica que tiene su punto de partida en la importancia del movimiento feminista para la comprensión del concepto de género, relaciones de poder y normatividades sociales. Además, Lattanzio señala la intersección entre la represión y lo femenino y una nueva perspectiva de posicionamiento de estos conceptos, proponiendo una nueva: el devenir-mujer. Finalmente, critica puntos rígidos de la teoría que retrasan la búsqueda de la alteridad y el fin del esencialismo en el psicoanálisis, con el objetivo de establecer la importancia del concepto de género en el psicoanálisis.

Palabras clave: Género. Hembra. Transexualidad. Identidad. Psicoanálisis.

Felipe Figueiredo Lattanzio é psicólogo e psicanalista, doutor em psicologia e professor do curso de especialização em teoria psicanalítica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ademais, é membro fundador do Instituto Travessias e coordenador-geral do Instituto Albam, em Belo Horizonte. O livro é fruto e continuidade de sua tese de mestrado, defendida em 2011, na UFMG. Convocado pelo desejo de tentar alinhar as brechas teóricas existentes sobre a temática do gênero, visto o entendimento da escassez de produções robustas sobre a construção e o lugar do gênero dentro do arcabouço teórico da psicanálise, o autor decidiu transformar sua tese em livro, e meus singelos agradecimentos a Lattanzio por isto.

O autor nos apresenta uma obra dividida em quatro capítulos que se conectam de forma clara e concisa. Estabelece, no primeiro capítulo, uma espécie de linha temporal conectada com a teoria, a fim de pontuar os momentos em que o conceito de gênero apareceu na história da psicanálise, a começar citando que em Freud pouco se usava o termo da forma específica e fiel ao seu significado, “dado que a palavra *Geschlecht* significa, ao mesmo tempo, “sexo” e “gênero” (LAPLANCHE, 2003, p. 76 apud LATTANZIO, 2021, p. 29). Complementa, citando a primazia do falo como pilar da diferença anatômica entre os sexos e suas controvérsias, na obra freudiana. Cita importantes expoentes da psicanálise que, por certo tempo, não receberam a atenção devida aos seus estudos sobre gênero.

John Money aparece na história como o primeiro teórico a utilizar o termo “gênero” fazendo referência direta à diferença anatômica entre os seres humanos e aquilo que ele chamava de sexo psicológico. Ralph Greenson dispõe a ideia de que, na verdade, é o processo de identificação da masculinidade que enfrenta maiores conflitos, uma vez que “a certeza das mulheres sobre sua identidade de gênero e a insegurança dos homens [estão] na identificação infantil com a mãe” (GREENSON, 1967, p. 263 apud LATTANZIO, 2021, p. 45). Robert Stoller acompanha Greenson e sinaliza a primazia da feminilidade e o conturbado processo de identificação dos homens com a masculinidade, contrariando a obra freudiana.

Dito isto, Lattanzio finaliza o primeiro capítulo articulando a escolha de dois autores que servirão como referências, juntamente a Jean Laplanche e Judith Butler, nos próximos capítulos, Paulo de Carvalho Ribeiro e Jacques André. Ademais, adentra a teoria de sedução generalizada de Laplanche e vislumbra os caminhos possíveis para o alcance da alteridade a partir da primazia sexual, recalçamento e o feminino. A escolha de Lattanzio pelo pensamento de Laplanche convoca o despertar e o incômodo do leitor em relação à teoria de Freud e Lacan.

O segundo capítulo dá continuidade à ideia de reposicionamento do recalçamento dentro da teoria a partir da identificação feminina primária, bem como passa a tensionar a tríade feminilidade-passividade-masocismo e problematiza a relação entre feminilidade e recalçamento. Tendo em vista que o autor pontua que não faz atribuição direta entre o conceito de feminilidade e o de ser mulher, Lattanzio reconhece e se questiona a respeito da lógica binária que a fundamentação teórica presente no livro pode apresentar. Contudo, de forma muito esperançosa, o autor se dispõe ao “movimento de refundação” (LATTANZIO, 2021, p. 103) dos conceitos que sustentam a feminilidade, passividade e masocismo na psicanálise. Contudo, tal “refundação” dos conceitos não me parece retirar o caráter binário do cenário que é apresentado, visto que se mantém a ideia e o desejo de uma teoria da feminilidade como centralizadora de uma lógica fálica, mas, desta vez, com caráter positivo. Contrário ao entendimento que me foi despertado, Lattanzio justifica, dizendo:

Nesse sentido, a positivação do feminino, como a propusemos, implica uma nova concepção de antigos dualismos marcados por hierarquias, em que sempre o primeiro termo silenciava a *potência* do segundo... Ao dar uma conotação positiva ao que antes era silenciado, desmonta-se o dispositivo estruturante do próprio binarismo, cuja existência depende da antiga hierarquia (LATTANZIO, 2021, p. 148, grifo do autor).

Com grande esforço, Lattanzio pontua críticas a respeito dos autores citados que colocam os conceitos de feminilidade e o feminino como subjugados à lógica fálica (masculina), mostrando a verdadeira potência da feminilidade dentro da psicanálise e, por este lado, o livro também se mostra uma literatura importante. É no terceiro capítulo, dividido em três instâncias, que Lattanzio busca elaborar um conceito psicanalítico de gênero e apresenta o conceito de *devir-mulher*. Discorre sobre o conflito psíquico e o impacto deste na constituição do eu e, posteriormente, do gênero, retomando a teoria da sedução generalizada de Laplanche. Utiliza a teoria supracitada para discorrer sobre a origem do conflito psíquico, a partir de Lacan e Laplanche. O *devir-mulher*, embasado pelas contribuições de Deleuze e Guattari, articula os conceitos de recalçamento primário e secundário com o gênero, no que tange ao desamparo originário, à feminilidade. Explica que, desta forma, todos os sujeitos possuem, em algum grau, sua dimensão de feminilidade, já recalçada. É com o conceito de *devir-mulher* que Lattanzio sustenta a quebra da lógica binária e fálica e abre as possibilidades para novas formas de subjetivação em busca da alteridade, sempre como um ponto de partida e não um final. No quarto e último capítulo, o autor trata do tema das transexualidades e dos desafios contemporâneos que circulam nas relações das diferentes formas de sexualidade.

Penso que a leitura da obra requer familiaridade com os conceitos apresentados, a fim de produzir um melhor entendimento dos enlaces teóricos e das críticas e reposicionamentos dos conceitos psicanalíticos, para o leitor. Todavia, não impede que os sujeitos que flertam com a psicanálise se arrisquem na leitura. É um livro que provoca não somente uma resignificação de conceitos fundantes da psicanálise, mas também um reposicionamento do leitor, dependendo de onde este circula teoricamente. O livro, de certa forma, ainda flerta com uma lógica binária, mas desta vez oferecendo o feminino como o verdadeiro ponto de partida da constituição do eu. A obra se faz muito necessária, pois ajuda a compor com diversas outras um espaço no campo psicanalítico que por muito tempo ficou sem tensionamentos e mudanças. É uma leitura desafiante e que vale a pena, em nome da psicanálise, do gênero e da alteridade.

Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Rua Doutor Timóteo, 752
Moinhos de Vento . Porto Alegre, RS . Brasil
CEP 90570-140 . (51) 3062.7400
www.sig.org.br . sig@sig.org.br
revista@sig.org.br





Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Rua Doutor Timóteo, 752
Moinhos de Vento · Porto Alegre, RS · Brasil
CEP 90570-140 · (51) 3062.7400
www.sig.org.br · sig@sig.org.br
revista@sig.org.br

